

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - FAFICH
Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social

LÍVIA MOREIRA BARROSO

**VIVENDO EM PAU D'ARCO: INTERAÇÕES E
TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS**

Belo Horizonte
2018

LÍVIA MOREIRA BARROSO

**VIVENDO EM PAU D'ARCO-PI: INTERAÇÕES E
TRANSFORMAÇÕES MUDIÁTICAS**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito para a obtenção do título de Doutora em Comunicação Social

Área de Concentração: Comunicação e Sociabilidade Contemporânea

Linha de pesquisa: Processos Comunicativos e Práticas Sociais

Orientadora: Profª Drª Vera Regina Veiga França

Belo Horizonte
2018

301.16 Barroso, Livia Moreira
B277v Vivendo em Pau d'Arco – PI [manuscrito] : interações e
2018 transformações midiáticas / Livia Moreira Barroso. - 2018.
171 f.
Orientadora: Vera R. Veiga França.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais,
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
Inclui bibliografia

1.Comunicação - Teses. 2.Modernidade - Teses.
3.Televisão – Teses. 4.Pau d'Arco (PI) – População rural -
Teses. I.França, Vera Veiga, 1951-. II. Universidade Federal
de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências
Humanas. III. Título.

Vivendo em Pau D'arco-PI: interações e transformações midiáticas

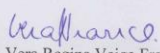


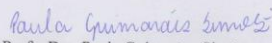
Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade De Filosofia E Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social


“Vivendo em Pau D’arco: interações e transformações midiáticas”

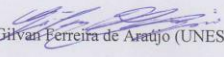
Lívia Moreira Barroso

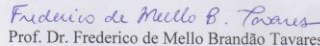
Tese defendida e aprovada pela banca examinadora:


Profa. Dra. Vera Regina Veiga França
(Orientadora – FAFICH/UFMG)


Profa. Dra. Paula Guimarães Simões
(FAFICH/UFMG)


Prof. Dr. Ricardo Duarte Gomes da Silva
(UFV)


Prof. Dr. Gilvan Ferreira de Araújo (UNESA)


Prof. Dr. Frederico de Mello Brandão Tavares
(UFOP)

Programa de Pós-graduação em Comunicação Social
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte, 20 de julho de 2018.

Aos moradores de Pau D'arco e do rural.

AGRADECIMENTOS

*E aprendi que se depende sempre
De tanta, muita, diferente gente
Toda pessoa sempre é as marcas
Das lições diárias de outras tantas pessoas
E é tão bonito quando a gente entende
Que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá
E é tão bonito quando a gente sente
Que nunca está sozinho por mais que pense estar [...].*

Gonzaguinha, 1982.

É com essa frase de Gonzaguinha que começo os meus agradecimentos. Um trabalho como este tem vários momentos em que a sensação de solidão é meio que inevitável, mas posso afirmar que os meus foram poucos, até porque a construção de uma tese não tem como ser individual, mas é um trabalho coletivo, feito por pensamentos, alegrias, angústias e contribuições compartilhadas com diversas pessoas. Pessoas que me ajudaram a construir o que sou hoje, e que aqui demonstro extrema gratidão.

Aos meus pais, Socorro e João, que sempre estiveram comigo em todas as minhas empreitadas acadêmicas e da vida. Sou muito grata por terem me incentivado a perceber que o investimento na educação é a melhor opção para a construção de uma vida sem amarras. Por me fazer compreender que às vezes é preciso deixar o conforto da nossa casa para correr atrás dos nossos projetos, que as oportunidades somos nós que criamos, e que com humildade e respeito ao outro a vida pode ser muito boa conosco.

Aos meus irmãos, Liliane e Leonardo, pelo amor e companheirismo, mesmo que tenhamos convivido pouco dentro da mesma casa, exatamente pela minha opção de sempre estudar longe. Mas a base que nos constitui está muito bem definida dentro de nós, e nos uni independente das distâncias.

Aos meus avós, Sofia, Quinca, Francisco e Catarina (*in memoriam*), por todo amor, carinho e cuidado. Vocês são a melhor parte da minha vida.

À Vera, pela orientação cuidadosa e dedicada, por me mostrar os melhores caminhos a serem percorridos para a escrita deste trabalho. Também quero agradecer pela acolhida afetuosa, por fazer que uma pessoa vinda de fora e que chegou dentro de um grupo já composto e consolidado, o GRIS, tenha se sentido em casa. Obrigada, sobretudo, por todo o cuidado e carinho a mim dedicado nesses quase quatro anos de Minas, por ter sido além de orientadora, amiga e mãe. Você me fez perceber que a academia também pode ser construída de afeto. Através de você, quero agradecer à Nice, por todo o cuidado.

À família que Minas Gerais me deu de presente. À Gisa, por estar ao meu lado desde o início, por ser minha irmã, compartilhando comigo todas as alegrias e angústias. Tenho certeza que sem você essa jornada não teria tanto sentido. À Janine, pela amizade e companheirismo. Ao Armando, pela leveza de ver a vida. Ao Vitor, por todas as brincadeiras e por me tirar de vários sufocos ao longo da escrita da tese. À Suz, pelas conversas, shows e por ser a fiel companheira de festas, mesmo sem tomar uma gota de álcool. Ao Gáudio, por me fazer ter certeza que a vida não precisa ser sofrida. Muitíssimo obrigada, hoje já não consigo imaginar minha vida sem vocês. À Maíra, que força e luta. E ao Filipinho, por todo carinho.

Aos demais amigos que, mesmo a distância estiveram comigo em cada etapa desse trabalho me dando suporte emocional: Carol, Vanessa, Kelsma, Jak, Rosa, Luziane, Juliane, Juçara, Andréa, Gabi, Tarci, Liara e Zé Lins.

Agradeço a todos os moradores de Pau D'arco, sem os quais essa pesquisa não teria existido. Obrigada por permitirem que eu adentrasse as suas casas e vidas. Pela compreensão da importância do meu trabalho. Pela acolhida que sempre foi dedicada a mim, tanto antes e durante a pesquisa. Saibam que cada um de vocês têm uma parcela significativa em minha história de vida.

Aos Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais, pelas condições dadas para o desenvolvimento dessa pesquisa. A todos os professores que tive a oportunidade de ter aulas, e com isso, dialogar e adquirir conhecimento: Ângela Marques, Simone Rocha, Ricardo Fabrino (Departamento de Ciências Sociais), Regina Helena e Paula Simões. Em especial, a professora Paula Simões, pela oportunidade de estagiar com ela, e ter mais certeza da opção pela docência.

Ao GRIS, pela oportunidade de interlocução e diálogo. Agradeço a todas contribuições acadêmicas, mas também as relações de amizade construídas com pessoas que conheci através das reuniões do grupo – Terezinha, Laura, Clara, Samuel, Camila, Mayra, Fernanda, Malú e Gilvan.

Quero agradecer à Capes pelo financiamento dessa pesquisa. E também por ter financiado a minha ida para o doutorado sanduíche na *Université Grenoble-Alpes*, a quem agradeço à professora Anne Marie Granet, pelo acolhimento. Através dos financiamentos da Capes que permitem que estudantes, como eu, saiam de seus estados para estudar, quero agradecer aos governos Lula e Dilma, pelas inúmeras políticas públicas de incentivo a educação que, possibilitaram que a filha de um pequeno agricultor e de uma dona de casa do interior do sertão do Piauí se tornasse doutora.

“O sertanejo é, antes de tudo, um forte”
Euclides da Cunha

RESUMO

O objetivo desta tese é identificar e analisar as possíveis transformações ocorridas no cotidiano midiático e nas interações sociais da comunidade rural de Pau D'arco, localizada no sertão do interior do Piauí, a partir da instalação da eletricidade através do Programa *Luz para Todos*. Buscamos compreender as afetações causadas pela inserção de uma nova mídia na realidade rural particular da comunidade, a televisão, tendo como base uma perspectiva relacional da comunicação. Também nos propomos a perceber o que permanece e o que se modifica nas relações sociais, nas interações, nos hábitos de consumo, e de que maneira as narrativas vistas na televisão e no rádio estão entrelaçadas na vida da população do lugar. Nosso trabalho parte de um estudo de caso da realidade de Pau D'arco, uma ruralidade específica que está se inserindo dentro de um contexto de massificação, midiaticização e modernidade próprios. Para tanto, utilizamos os conceitos de território e rural, entendendo que não podemos pensar em um rural brasileiro homogêneo, mas um rural que ganha particularidades em cada espaço do Brasil – como é o caso da comunidade estudada. Nossa pesquisa mostra que a comunidade está passando por um processo de modernização, mas continua dialogando com as tradições; o que se vive em Pau D'arco, hoje, não pode ser enquadrado em definições fechadas, mas constitui um híbrido, constitui um rural particular. Percebe-se que existe uma reconfiguração das relações, das interações, e a eletricidade, juntamente com as novas possibilidades midiáticas, particularmente a chegada da televisão, contribuíram para isso. No entanto fica muito evidente que o diálogo com a televisão e o contexto mais amplo trazido por ela se dá a partir dos marcos da experiência e do repertório vividos/constituídos pelos moradores, e que estes são afirmadores da dinâmica própria do lugar.

A metodologia de análise consiste na descrição e análise de dados coletados em três etapas de pesquisa de campo realizadas entre janeiro de 2017 e março de 2018 – questionários, entrevistas em profundidade e grupo focal. Partindo do material levantado pela pesquisa de campo, construímos uma narrativa do lugar, buscando intercalar e tensionar os dados coletados (as características da empiria) com as bases teóricas que tratam do rural, dos processos de modernização e midiaticização.

Palavras-chave: Rural. Interações. Modernidade. Televisão. Mídia.

ABSTRACT

The aim of this thesis is to identify and analyze the possible transformations occurring in the media everyday and in the social interactions of the rural community of Pau D'arco, located in the hinterland of the interior of Piauí, from the installation of electricity through the "Luz para Todos" Program. We seek to understand the affectations caused by the insertion of a new media into the particular rural reality of the community, television, based on a relational perspective of communication. We also propose to perceive what remains and what changes in social relations, interactions, consumption habits, and how the narratives seen on television and radio are intertwined in the life of the local population. Our work starts from a case study of the reality of Pau D'arco, a specific rurality that is inserted within a context of massification, mediatization and modernity. For that, we use the concepts of territory and rural, understanding that we can not think of a homogeneous Brazilian rural, but a rural one that gains peculiarities in each space of Brazil - as is the case of the community studied. Our research shows that the community is undergoing a process of modernization, but continues to dialogue with the traditions; what is lived in Pau D'arco today can not be framed in closed definitions, but it constitutes a hybrid, constitutes a particular rural. It is perceived that there is a reconfiguration of relations, interactions, and electricity, together with the new media possibilities, particularly the arrival of television, have contributed to this. However, it is very evident that the dialogue with the television and the broader context brought by it is based on the experience and the repertoire lived / constituted by the residents, and that these are affirmative of the dynamics of the place.

The methodology of analysis consists of the description and analysis of data collected in three phases of field research conducted between January 2017 and March 2018 - questionnaires, in-depth interviews and focus group. Based on the material raised by the field research, we constructed a narrative of the place, trying to interleave and stress the collected data (the characteristics of empiria) with the theoretical bases that deal with the rural, the processes of modernization and mediatization.

Keywords: Rural. Interactions. Modernity. TV. Media.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Faixa etária	83
Tabela 2: Estado civil	84
Tabela 3: Grau de escolaridade	84
Tabela 4: Raça/cor da pele	86
Tabela 5: Religião	88
Tabela 6: Com quem mora	88
Tabela 7: Número de habitante por residência	89
Tabela 8: Renda mensal	91
Tabela 9: Fonte de renda	91
Tabela 10: Frequência de visita aos vizinhos	92
Tabela 11: Culturas agrícolas	93
Tabela 12: Criação de animais	94
Tabela 13: Meios de transporte	96
Tabela 14: Frequência de idas a cidade por semana	96
Tabela 15: Mídias por residência	129
Tabela 16: Canais mais assistido	136
Tabela 17: Preferência de programação	138
Tabela 18: Assuntos que mais chamam atenção na programação televisiva	140
Tabela 19: O que mais ouve	143

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Realização do grupo focal com moradores da comunidade	18
Imagem 2: No mapa estão os municípios de Wall Ferraz (em verde), Teresina (roxo), Oeiras (vermelho) e Picos (amarelo)	20
Imagem 3: Mercado Municipal e feira da cidade Wall Ferraz	21
Imagem 4: Estrada que interliga a comunidade a sede urbana do município de Wall Ferraz	22
Imagem 5: Residência da família de Alaíde Justina de Sousa Lima	23
Imagem 6: Residência da família de Francisco de Assis Cavalcante	23
Imagem 7: Moradores de Pau D’arco reunidos trabalhando no processo de desmanche da mandioca	24
Imagem 8: Fotografias da senhora Anísia Moreira da Silva e seu esposo Sebastião Moreira da Silva, primeiros moradores de Pau D’arco. Fonte: Arquivo pessoal da filha do casal Marieta Moreira	27
Imagem 9: Vaqueiros reunidos na casa de Francisco Barroso de Carvalho no ano de 1987. Fonte: acervo pessoal da família Moreira Barroso	29
Imagem 10: Os vaqueiros Epaminondas Cavalcante Neto (a esquerda) e Alan Moreira, moradores da comunidade, com seus trajes saindo para campear o gado	29
Imagem 11: Moradoras da comunidade transportando água em lombo de jumento no ano de 2008. Fonte: acervo pessoal da família Moreira Barroso	32
Imagem 12: Barragem da comunidade de Pau D’arco rodeada pela vegetação da Caatinga própria da região	34
Imagem 13: Crianças da comunidade assistindo televisão	132
Imagem 14: Localização da televisão como um elemento central da sala de estar rodeado de objetos afetivos	134

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
2 A COMUNIDADE PAU D'ARCO E O PROGRAMA LUZ PARA TODOS	20
2.1 Pau D'arco, a história de um rural peculiar	24
2.2 O programa "Luz para Todos" e chegada da eletricidade na comunidade.	36
3 TERRITÓRIO E MUNDO RURAL.....	41
3.1 Território	41
3.2 O conceito de rural	45
3.3 O rural brasileiro	48
3.4 A pesquisa e a produção acadêmica sobre o rural	56
4 PENSANDO A MODERNIDADE	62
4.1 O processo de modernidade e modernização na América Latina	69
5 PAU D'ARCO HOJE	82
6 AS INTERAÇÕES NA COMUNIDADE RURAL DE PAU D'ARCO	98
6.1 Interações diretas e mediadas: alterações no cotidiano com a chegada da eletricidade	98
7 A MÍDIA NA COMUNIDADE RURAL DE PAU D'ARCO	110
7.1 Rádio	110
7.2 Televisão	118
7.3 A mídia Pau D'arco	127
8 ACONTECIMENTOS VIVIDOS, ACONTECIMENTOS LEMBRADOS EM PAU D'ARCO	145
CONSIDERAÇÕES FINAIS	155

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANEXOS

INTRODUÇÃO

O interesse em realizar uma pesquisa pode surgir de vários lugares, motivações e inquietações. A afinidade construída ao longo dos anos de formação com os conceitos, teorias e autores que trazem para o nós questionamentos, afirmações e desafios são alguns dos estímulos que impulsionam a vida de um/a pesquisador/a. Mas entram também como motivação, e muito fortemente, questões enraizadas em nossa própria vivência. Em todas as minhas pesquisas, desde a graduação, sempre fui conduzida pela proximidade entre o meu objeto empírico e a minha vida pessoal. As questões levantadas com a pesquisa aqui desenvolvida surgiram da observação do cotidiano de uma pessoa que nasceu e cresceu na comunidade rural estudada, e que percebeu como a chegada da eletricidade naquele lugar, que sempre fora o *seu* lugar, havia modificado aquela realidade.

Sou nascida e criada em Pau D'arco, comunidade situada no interior do Piauí, onde residem meus pais e parentes. Fiz meus primeiros estudos na cidade mais próxima, indo e voltando todos os dias; saí de lá para fazer graduação em Picos, seguido pelo mestrado na Paraíba, e logo depois, o doutorado em Belo Horizonte e com uma temporada para doutorado sanduíche na França, em Grenoble. Mas Pau D'arco continua sendo minha referência – e sua realidade, ainda mais depois que saí e estabeleci outros polos de comparação, continua sempre a me instigar e me colocar indagações. Nunca consegui encaixá-lo em definições fechadas: uma comunidade rural “tradicional”, ou “quase moderna”, “em vias de desenvolvimento”. Sempre pareceu-me que ela escapa das conceituações muito definidas.

A partir do momento que senti que a realidade da minha comunidade merecia ser estudada, comecei a observar que as comunidades rurais do nordeste brasileiro foram durante toda a sua história - e têm sido até os dias atuais - localizadas, em sua grande maioria, em lugares remotos, de difícil acesso, seja no sentido da locomoção (transportes) ou do acesso às tecnologias.

Em se tratando de meios de comunicação, as pessoas que residiram e residem nesses ambientes têm o rádio como o principal e muitas vezes único veículo midiático. Pensando nisso, e percebendo a importância que o rádio teve na minha vida, da minha família e na de todos os amigos e conhecidos que viviam em Pau D'arco ou nas outras comunidades vizinhas, o interesse em estudar a temática foi sendo consolidado. Assim é

que, no Mestrado, cursado na UFPB, o rádio foi o meu objeto de estudo. Com a chegada da eletricidade e, ao mesmo tempo, da televisão (abrindo caminho para novas mídias em futuro próximo), o rádio perde seu protagonismo (embora não tenha perdido sua importância) e passa a dividir espaço nos lares e nas vidas das pessoas com a TV. Este novo meio (já tão antigo no contexto nacional), e sua influência na vida da comunidade, foi o problema que escolhi para dar continuidade ao estudo dessa temática dos meios de comunicação em Pau D'arco.

Inserida nesta referência espacial e cultural, durante o período que vivi e que retorno para visitas (mais propriamente de 1990 até os dias de hoje), o cenário rural de Pau D'arco não teve grandes alterações, a não ser o fluxo das pessoas, de umas que se vão - tanto os mais velhos como os jovens que migraram para as cidades vizinhas para dar continuidade aos estudos - e outras que chegam, sejam crianças que nascem ou pessoas que moram fora e voltam para reencontrar os seus.

A não ser estas mudanças de cunho temporal e migratório, os espaços físicos sempre foram os mesmos: as casas simples com calçadas largas, o campinho de futebol, a capela para as reuniões e novenas de domingo, o prédio antigo do “grupo” escolar, as roças em frente às casas com os jumentos sempre a postos para buscar água no olho d'água¹ e, às vezes, vaqueiros levando e trazendo boiadas. Quanto aos espaços das casas, era comum as cadeiras nas calçadas, a sela pendurada na parede, a banca de potes² e um elemento fundamental, o velho radinho a pilhas, que alegrava e informava dos acontecimentos, contexto que vem mudando desde a chegada da energia elétrica, e junto com ela, a inserção da televisão. Hoje, as cadeiras e as pessoas são cada vez menos presentes nas calçadas e o rádio, que era a pilha e agora está ligado a uma tomada de eletricidade, tem uma nova configuração enquanto meio de comunicação para a comunidade.

Os cenários mencionados acima fizeram parte e alguns permanecem inseridos nas vidas reais de pessoas que habitam o campo em comunidades como a de Pau D'arco. Em locais como esses, até seis anos atrás não existia sequer energia elétrica nas residências; a iluminação era por meio de lamparinas movidas a querosene; a água para o consumo diário era carregada no lombo de animais ou em latas pelos próprios moradores; a comunicação se limitava às relações presenciais ou aos avisos e recados via rádio.

No que diz respeito à transmissão de informações, esta sofria inúmeros empecilhos. Quando algo tinha que ser comunicado para os moradores de Pau D'arco por pessoas que

¹ Nascente de água que brota do solo.

² Móvel de madeira para colocar os potes de barro para reservar a água.

não residiam na comunidade, as opções eram sempre as mesmas e um tanto dificultosas. Quem residia em comunidades próximas tinha que se deslocar até Pau D'arco para falar pessoalmente ou deixar recado para o destinatário da mensagem, e quem morava distante (nas cidades vizinhas ou em comunidades rurais mais afastadas) tinha que pagar pela locução de avisos nas emissoras de rádio que eram ouvidas em Pau D'arco ou enviar recados por moradores que iam às cidades para as feiras, pois, pela falta de eletricidade e sinal de telefonia, as residências não possuíam telefones e também a comunidade não era (e continua não sendo) atendida pelo serviço de correios.

Em meados do ano de 2012, a promessa da instalação da eletricidade por meio do programa do Governo Federal, o *Luz para Todos*, trouxe possibilidades até então desconhecidas para os moradores da comunidade que, em conversas informais na época, disseram acreditar ser apenas uma estratégia para conseguir votos, já que se tratava de um ano eleitoral. Lembro de conversas que tínhamos em nossa casa em que sempre falávamos que quando o preço para a instalação de placas de energia solar fosse acessível, nós iríamos tentar colocar energia solar em casa, já que nunca a eletricidade distribuída pelas concessionárias chegaria à nossa comunidade.

Então, mesmo parecendo algo distante para a realidade da população da comunidade, a eletricidade foi instalada em 14 de novembro de 2012, levando para as residências, além de diversos fios e duas lâmpadas³, uma realidade nova e cheia de possibilidades - sem a certeza de que estas eram boas ou não.

Com a instalação da energia elétrica em Pau D'arco, aos poucos coisas novas foram acontecendo, e uma delas ganhou grande significado para a população, que foi a perfuração de um poço artesiano e, conseqüentemente, a encanação de água nas casas dos moradores. Isto foi possível graças à eletricidade, que permitiu a colocação de uma bomba para levar água a cada morador, constituindo assim uma inovação que veio aposentar com sua chegada os animais e as ânforas que auxiliavam no transporte da água.

Além da questão do encanamento da água até o espaço interno dos lares, que de certa forma foi uma conquista da comunidade, diversos aparelhos elétricos iam e continuam chegando até hoje, como a geladeira, o ferro de passar, o ventilador. Mas, acima de todos e ganhando um espaço significativo no ambiente, a televisão.

³ Quando os técnicos da empresa responsável pela instalação chegavam às casas, o permitido e pago pelo programa era a colocação da fiação e de duas lâmpadas em dois cômodos escolhidos pelos donos do imóvel. Caso a casa tivesse mais que dois cômodos, ficava como responsabilidade do proprietário a instalação nos demais ambientes.

A televisão tem uma importância tão significativa para estes lares que até sua localização é estratégica. Ela fica na sala de estar, num móvel alto e de destaque, normalmente rodeada por elementos simbólicos para a família: porta-retratos, a bíblia, imagens de santos e sempre coberta (quando não está ligada) com um pano bem decorado para evitar que seja atingida pela poeira⁴.

Então, a partir do momento do acender das luzes, Pau D'arco passa por uma série de reconfigurações no seu espaço físico, mas também por transformações na vida em comunidade, nas interações e formas de sociabilidade.

Assim, a chegada da energia elétrica no meio rural possibilitou o contato com uma nova mídia que anteriormente não fazia parte do panorama comunicacional dessa população. A partir de sua chegada acreditamos que o viver cotidiano dessas pessoas foi modificado, não somente pela instalação da eletricidade mas, acima de tudo, pela inserção de uma nova mídia que entra em suas casas e, conseqüentemente, em suas vidas, possibilitando novas formas de interações dos moradores da comunidade.

Neste caso, é de nosso interesse verificar as mudanças e permanências no cotidiano midiático da população de Pau D'arco a partir da implantação do programa *Luz para Todos*, observando como vem se dando este processo e analisando a maneira como as interações e modos de vida foram afetados.

Perceber a chegada de novas mídias na zona rural, principalmente a televisão, é inquietar-se com as possíveis mudanças que estes meios de comunicação vêm provocando na realidade social e local dessas comunidades. Supomos que estas mídias têm ampliado a comunicação no meio rural, reconfigurando a rotina dos seus moradores, criando o que Martín-Barbero denomina de “ritualidade”, ou seja, uma outra rotina imposta pelas mídias, sendo elas também responsáveis por apresentar um “mundo” até então desconhecido para quem mora no rural. Neste contexto, o campo hoje pode ser também entendido como um ambiente moderno e globalizado, que acessa os acontecimentos do planeta através dos meios de comunicação que estão cada vez mais adentrando nas casas dos moradores desse espaço.

Neste sentido, o problema de pesquisa que orienta a tese pode ser pensado assim: como as transformações ocasionadas pela inserção de uma nova possibilidade de meio de comunicação no rural interfere nas relações e interações cotidianas dos habitantes da comunidade de Pau D'arco no sertão do Piauí?

⁴ Constatação a partir da observação e vivência cotidiana na comunidade por esta pesquisadora.

Guiados por esta pergunta principal, o desenvolvimento da pesquisa deu-se, num primeiro momento, pela realização de uma revisão bibliográfica que nos permitiu ter um aporte teórico para a compreensão dos conceitos que consideramos fundamentais para o diálogo com o nosso objeto empírico, tais como: território, rural, modernidade, interação, acontecimento e os estudos de rádio e televisão.

Além da revisão bibliográfica, nosso objeto pedia uma pesquisa de campo aprofundada, que nos solicitou uma inserção na vida da população de Pau D'arco, no sentido de melhor dimensionar as mudanças ocorridas no espaço do rural específico da comunidade nos últimos anos. Por ser a comunidade um lugar onde nunca se desenvolveram pesquisas anteriores, e portanto face à inexistência de dados sobre a realidade sócio-econômica-midiática desse pequeno aglomerado de pessoas localizadas na imensidão árida do sertão nordestino, o desenvolvimento da pesquisa ocorreu através de várias etapas.

Decidimos que conversar e conviver com os moradores seria a maneira mais eficiente de dar conta de compreender os movimentos ocorridos na comunidade: a história do lugar, dos seus moradores, as transformações vividas. Então aplicamos, numa primeira etapa da pesquisa, questionários a todos os 84 habitantes de todas as faixas etárias. Realizamos visitas em todas as 24 residências, sendo que estas foram finalizadas em um total de duas semanas – 9 a 22 de janeiro de 2017.

Nessa etapa foram aplicados dois questionários estruturados. O primeiro, denominado “Levantamento socioeconômico”, contém 25 questões, sendo um total de 23 fechadas com alternativas de resposta no formato múltipla escolha, e duas questões abertas. Ele atendeu o objetivo de caracterizar a comunidade, uma vez que não encontramos, em órgãos responsáveis por levantamentos sócio demográficos⁵, nenhum estudo ou levantamento sobre Pau D'arco que nos informasse dados básicos e necessários para compreender a estrutura do local, tais como: faixa etária da população, grau de escolaridade, renda média, meios de transportes, principais fontes econômicas, produtos cultivados etc. Ou seja, informações que pudessem localizar Pau D'arco num contexto que vai além de suas fronteiras – quem é e o que caracteriza a comunidade rural de Pau D'arco.

⁵ Realizamos pesquisas no website do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) na tentativa de identificar dados sobre a comunidade e não encontramos. Os dados existentes disponíveis são informações gerais sobre o município de Wall Ferraz. Também fomos à sede da Prefeitura Municipal de Wall Ferraz procurar algo sobre a comunidade, e mais uma vez não encontramos nenhum dado específico relativo à comunidade.

Após a aplicação do questionário de levantamento socioeconômico, realizamos um segundo questionário intitulado de “Levantamento de consumo de mídia”, com 26 questões, sendo três abertas, três semiabertas (justificando ou exemplificando a escolha) e 22 fechadas. Com este questionário objetivávamos identificar como estava o cenário dos usos das mídias pelos moradores de Pau D’arco, perceber a pauta de consumo e as preferências pelos produtos midiáticos, bem como a maneira como estes afetavam suas vidas e a vida em comunidade.

Após a aplicação dos dois questionários e sistematização dos dados obtidos realizamos a segunda etapa da pesquisa, em que fizemos entrevistas em profundidade com alguns moradores, selecionados a partir da faixa etária (entrevistamos um morador (a) de cada década etária), totalizando 8 entrevistados (janeiro-fevereiro-março de 2018). Por fim, como última fase da pesquisa de campo, realizamos no dia 21 de março de 2018 um grupo de discussão. Essas duas últimas etapas da pesquisa tiveram como objetivo escutar os moradores de Pau D’arco sobre as questões vividas por eles, e que são do nosso interesse: a história do lugar, as experiências vividas com a mídia, os acontecimentos que marcaram suas vidas. Com isso, a partir do material coletado, pudemos construir uma narrativa acerca das interações e das transformações passadas e vividas no lugar.

Imagem 1: Realização do grupo de discussão com moradores da comunidade.



A tese está organizada em sete capítulos, além desta introdução e conclusão. O primeiro é intitulado de “*A comunidade Pau D’arco e o Programa Luz para Todos*”, em que fazemos uma apresentação da comunidade que estamos pesquisando, localizando Pau D’arco dentro do território do Brasil e do Piauí, contando sobre a história do lugar, desde o início do processo de povoamento do lugar na década de 1940 até os anos atuais. Também contextualizamos o programa *Luz para Todos*, que está diretamente ligado ao nosso recorte temporal, e sobretudo diz do acontecimento que marca os principais eventos do trabalho: a chegada da eletricidade e da televisão em Pau D’arco.

O capítulo seguinte é “*Território e mundo rural*”. Nele discutimos o conceito de território, observando as diversas vertentes (geográfica, econômica, política e social). Mas direcionamos nosso olhar mais especificamente para entender o mundo rural. Investimos na tentativa de compreender o que define o que seja ou não rural, como vem o cenário da ruralidade brasileira, abordando as diversas possibilidades que este ambiente proporciona, seja no campo social, econômico e político. O objetivo deste capítulo é compreender o espaço em que nosso objeto de pesquisa está inserido.

No terceiro capítulo, “*Pensando a modernidade*”, buscamos traçar um panorama do conceito de modernidade e, em seguida, abordamos as particularidades do processo de modernização na América Latina, conforme discutido por autores latino-americanos e brasileiros.

A modernização - ou a maneira como o moderno se introduz e se mescla com os hábitos tradicionais - da comunidade de Pau D’arco é tratada no quarto capítulo, intitulado “*Pau D’arco hoje*”, que busca traçar a configuração da comunidade na atualidade. É neste contexto que discutimos as interações na comunidade, e como estas se dão, focando tanto o momento anterior à inserção dos meios de comunicação na comunidade como a fase atual, em que a mídia entra nos lares de Pau D’arco.

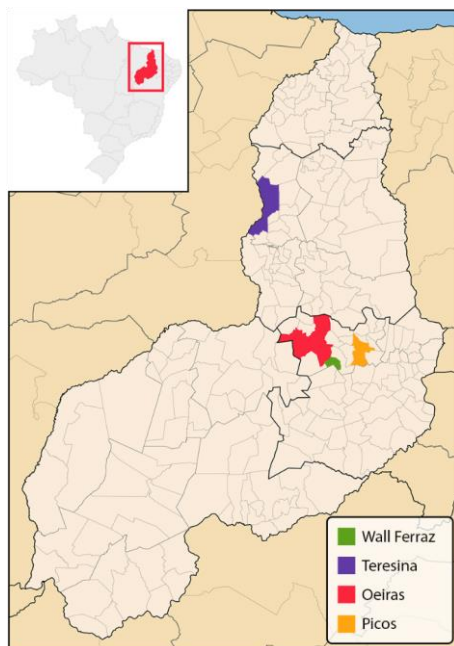
A partir da compreensão dessas interações, o capítulo seguinte aborda “*A mídia na comunidade rural de Pau D’arco*”; nele fazemos uma breve retomada histórica do rádio e da televisão no contexto nacional e do estado do Piauí, e discutimos a entrada destes meios de comunicação dentro do cotidiano da comunidade estudada.

No sétimo e último capítulo, já fechando o percurso, abordamos os acontecimentos que reverberam e afetaram a vida dos moradores da comunidade. Por fim, na conclusão retomamos os objetivos, e apresentamos os resultados principais da pesquisa.

2 A COMUNIDADE PAU D'ARCO E O PROGRAMA LUZ PARA TODOS

A comunidade rural de Pau D'arco faz parte da zona rural do município piauiense de Wall Ferraz, que está localizado a uma distância de 327 km da capital Teresina, a 90 km da cidade de Picos e aproximadamente 70 km de Oeiras. A cidade se encontra na região centro-sul do Estado e todo o município tem uma área de aproximadamente 280 quilômetros quadrados. Faz fronteira com os municípios de Santa Cruz do Piauí, Oeiras e Santo Inácio do Piauí, sendo ligada a estes pela PI 242, que também dá acesso à BR 230 em direção à capital do estado. A sua população é de 4.280 habitantes, sendo que 3.114 (73%) moram na área rural do município, de acordo com dados do último censo do IBGE⁶ (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) realizado no ano de 2010.

Imagem 2: No mapa estão os municípios de Wall Ferraz (em verde), Teresina (roxo), Oeiras (vermelho) e Picos (amarelo).



⁶ Dados disponíveis em:

http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/tabelas_pdf/total_populacao_piaui.pdf. Acesso em: 25 de junho de 2015.



O município de Wall Ferraz é um dos mais recentes do estado, tendo sido emancipado no ano de 1995, sendo anteriormente parte do município de Santa Cruz do Piauí. Wall Ferraz, assim como todos os demais municípios em seu entorno, faz parte da região do semiárido / sertão nordestino, com temperaturas que variam entre 38 graus (máxima) a 25 graus (mínima), baixa umidade do ar e, conseqüentemente, pequeno índice pluviométrico. A base econômica do município gira em torno da agricultura familiar e da pecuária (bovino, caprino e ovino) em pequena escala.

Com uma estrutura urbana precária e característica das pequenas cidades do interior do sertão, não existem grandes opções de serviços. É composta por pequenos mercados e farmácias, uma casa lotérica, o mercado público com serviços de açougue (abastecido com carne de animais vindos da zona rural do município), algumas padarias, um posto de gasolina e alguns bares – principais locais de lazer e sociabilidade.

Um outro espaço importante para os moradores do município é a feira que acontece todo sábado. É realizada na única praça da cidade, em frente ao mercado público; é aí onde há o encontro de quem mora na parte urbana com quem vive na zona rural. Normalmente é o dia da semana que grande parte das pessoas que residem nas comunidades vêm até a cidade para fazer compras, ir ao médico (a cidade tem um posto de saúde e um pequeno hospital), e também para encontrar os conhecidos.

Imagem 3: Mercado Municipal e feira da cidade Wall Ferraz.



No quesito da educação, na sede urbana existem duas escolas públicas (uma estadual e outra municipal) que oferecem desde o ensino infantil até o último ano do ensino médio, e atendem tanto às crianças e jovens da cidade como grande parte dos que residem no campo – sendo que algumas comunidades rurais têm escolas próprias. Quem mora no rural e estuda na cidade se desloca em ônibus escolares disponibilizado pela prefeitura; é o caso dos estudantes da comunidade de Pau D’arco. Como já mencionado, o município não possui universidades. Os estudantes que optam por fazer um curso superior precisam se deslocar até municípios maiores – normalmente estudam nas cidades de Picos ou na capital Teresina.

A comunidade rural de Pau D’arco está localizada a 13 km de distância da sede urbana do município, e o acesso é via estrada de terra batida. A estrutura espacial da comunidade é constituída por casas de tijolos e telhas de barro, com aspecto simples e humilde. A grande maioria das residências tem quintais e currais feitos de madeira, e um grande terreiro limpo com árvores (pau d’arcos⁷, umbuzeiros, tamarindo e outros) em frente para fazer sombra e ser espaço de socialização com a família e vizinhos.

Imagem 4: Estrada que interliga a comunidade a sede urbana do município de Wall Ferraz.

⁷ Árvore que também é conhecida como ipê. A comunidade estudada recebeu este nome por ser uma região que tem a árvore em abundância.



Imagem 5: Residência da família de Alaíde Justina de Sousa Lima.



Imagem 6: Residência da família de Francisco de Assis Cavalcante.



A comunidade tem como principal fonte econômica o plantio e cultivo de mandioca para a produção de farinha e tapioca, que são comercializadas nas cidades vizinhas. Além da mandioca, também se cultiva feijão, arroz e milho para o consumo da família e dos animais, sendo assim uma agricultura de subsistência. Outra atividade praticada em Pau D'arco é a criação de gado (bovinos, caprinos, ovinos, suínos e de aves); nesse caso, uma criação pequena para o consumo da família e a venda de um ou dois animais quando se necessita de um dinheiro extra.

Imagem 7: Moradores de Pau D'arco reunidos trabalhando no processo de desmanche da mandioca.



Atualmente a comunidade não tem escolas e nem posto de saúde; os moradores que estudam se deslocam diariamente para a sede do município em um ônibus escolar da prefeitura. Em caso da necessidade do uso de qualquer serviço de saúde, é preciso ir até Wall Ferraz ou municípios maiores e, às vezes, até mesmo à capital Teresina, dependendo do atendimento necessário.

No tocante ao cenário midiático de Pau D'arco, tanto a comunidade como o município de Wall Ferraz não têm emissoras de rádio ou televisão, nem jornais e portais de internet. O conteúdo informativo acessado pela população vem de veículos de comunicação de outros municípios vizinhos, como Oeiras, Picos e mesmo Teresina, além de redes de comunicação nacionais.

2.1 Pau D'arco, a história de um rural peculiar

A história da comunidade rural de Pau D'arco se mistura, mesmo que em um tempo histórico diferente, com a história do estado do Piauí. A colonização considerada tardia, em comparação com as demais Capitânicas do Nordeste, só veio a acontecer no final do XVII, quando o português, Domingues Afonso Mafrense, que tinha grandes fazendas de gado às margens norte do rio São Francisco, visando aumentar as suas conquistas territoriais dos sertões de dentro, assim como diminuir os constantes prejuízos pela matança de seus animais por índios da região, empreendeu uma expedição para a

conquista das terras do vale do Canindé⁸. É neste contexto de ocupação que Mafrense instala 20 fazendas de gado bovino e cavalari na região, e tem assim o início da povoação portuguesa no que viria a ser o Piauí.

O Piauí, como podemos perceber, teve como base um movimento de povoação estritamente ligada ao rural, já que os primeiros momentos da povoação da então capitania se deu por meio da instalação de fazendas de gado com o objetivo de produzir carne para abastecer, num primeiro momento, os trabalhadores das grandes plantações de cana de açúcar da zona da mata nordestina e, posteriormente, das minas de ouro em Minas Gerais.

Descoberto por volta de 1674, o Piauí é povoado de maneira diversa das demais capitâneas: seu solo é conquistado partindo-se do interior (do rio São Francisco) para o litoral. Foi no vale do rio Canindé que Domingos Afonso Sertão, considerado como o descobridor desses sertões, funda várias fazendas de gado, sendo a mais importante, a da Aldeia de Cabrobó que em 1712 é elevada à condição de vila, recebendo o nome de Mocha, sendo instalada somente em 1717, ocasião em que o governador do Maranhão envia muitas famílias para a nova povoação, inclusive um magote de 300 degredados, com a finalidade de promover seu desenvolvimento. Desde os seus primórdios foram as fazendas de gado que definiram a forma de ocupação do solo e a distribuição dos colonizadores ao longo do sertão piauiense: já em 1697, apenas um ano após a criação de sua primeira freguesia, contava-se em 129 o número de fazendas de gado, situadas nas margens de 33 rios, ribeiros, lagoas e olhos- d'água limítrofes com as terras dos gentios (MOTT, 1985, p.45).

Sendo assim, a origem rural da fundação do Piauí permaneceu ao longo dos séculos, sendo até os dias atuais a base econômica do estado, tendo como principal fonte de renda a agricultura, pecuária e extrativismo. A pecuária se estabeleceu enquanto principal atividade econômica até meados do século XIX, e foi posteriormente sendo substituída por uma agricultura de subsistência – as constantes estiagens não permitiram por muito tempo o cultivo em grande escala. Somente agora, nos anos 2000, a produção de soja em grandes latifúndios no sul do estado tem trazido um outro cenário para a produção agrícola do estado através do agronegócio.

É nesse contexto de povoação através de fazendas de gado que surge a comunidade rural de Pau D'arco. O território, que hoje é a comunidade, foi até meados do século XX uma região desabitada e que pertencia ao governo, ou seja, com terras públicas. Estava localizada até o ano de 1995 no município de Santa Cruz do Piauí, e era

⁸ O vale do Canindé é uma região que é cortada pelo rio de igual nome, e é o rio que passa no município de Wall Ferraz.

uma área que não tinha nenhuma importância econômica, sendo apenas mais um lugar inexplorado e constituído de imensos chapadões pela vegetação característica do sertão, a Caatinga⁹.

A povoação da região se constituiu gradativamente ao longo dos anos. Os primeiros moradores do lugar chegaram ao território que viria a ser Pau D'arco no ano de 1942, conforme relato do Sr. Antônio Moreira da Silva (80 anos)¹⁰, morador mais antigo da comunidade ainda vivo. Sr. Antônio conta que chegaram naquele ano, ele ainda criança, com apenas 4 anos de idade, juntamente com sua família liderada por seu pai e primeiro morador da comunidade, Sebastião Moreira da Silva (já falecido). A família mudou-se para o local com o objetivo de fixar uma fazenda de gado nas terras que na época ainda eram de domínio do Estado, e que eram utilizadas pelos fazendeiros desde que pagassem um imposto para o uso da terra. Na ocasião Sebastião Moreira da Silva veio como vaqueiro de um fazendeiro da cidade de Santa Cruz do Piauí chamado Zuza Gonçalves (falecido) – que posteriormente, acaba vendendo o rebanho, e como nunca tinha registrado às terras utilizadas para o criatório, repassou a posse da terra para o vaqueiro e sua família.

Fixada a morada naquelas terras, surgiu a necessidade de dar um nome para aquele lugar que ainda era desconhecido. Foi então que, ao ver que era final do mês de julho e que uma árvore floria ao meio do ocre da vegetação seca pela estiagem que assolava a região, a esposa de Sebastião Moreira da Silva, a senhora Maria Anísia Moreira da Silva (falecida), propôs dar àquele lugar o nome daquela árvore esplendorosa que resistia a tamanha seca. Foi aí que o lugar passou a se chamar Pau D'arco.

Imagem 8: Fotografias da senhora Anísia Moreira da Silva e seu esposo Sebastião Moreira da Silva, primeiros moradores de Pau D'arco. Fonte: Arquivo pessoal da filha do casal, Marieta Moreira.

⁹ É um bioma propriamente brasileiro com clima semiárido, uma vegetação com árvores de pequeno e médio porte, cactos e espinheiras, que são adaptadas para grandes períodos de seca. O bioma é encontrado em todos os estados do Nordeste e no norte de Minas Gerais.

¹⁰ Entrevista concedida a Lívia Moreira Barroso em 5 de fevereiro de 2017.



A família de Sebastião Moreira da Silva ficou sendo a única em Pau D'arco por quase uma década. Somente em meados dos anos de 1950 outros moradores chegaram à região. No ano de 1951 a família de João Mendes Coelho (71 anos) veio a se estabelecer no lugar. Em entrevista, seu João Mendes Coelho¹¹ relembra que quando chegaram, a comunidade não tinha nenhuma infraestrutura:

Quando nós chegamos aqui em outubro de 51 só quem morava aqui era o finado Sebastião Moreira com dona Anísia e os filhos. Nós chegamos, eu me lembro como se fosse hoje, tinha dado uma chuva e como não tinha estrada era só os carreiros dos animais passar, aí eles cavalgavam e enchia a gente de lama e *uruvai* (orvalho) de tanto que o caminho era fechado pelas *mata*. Lembro que ficamos mais de mês morando no meio do tempo, porque ainda fomos levantar a casa, que era de *taípa*¹². Aos poucos a gente foi se ajeitando e construindo as casas, as roças, criando os bichos. E hoje a gente olha pros Pau D'arco, vê o tanto de casa, de gente, com energia e fica pensando: quem diria que ia melhorar tanto? Naquela época a luz era na lamparina com querosene, e quando acabava, às vezes ficava um monte de dia no escuro, todo mundo dormindo mais cedo que o de costume, porque o povoado era longe e sem estrada pra ir lá comprar.

O povoado a que João Mendes Coelho se refere era o de Ilha, que posteriormente viria a ser o município de Wall Ferraz. No antigo povoado, que era constituído apenas por uma pequena praça rodeada de casas, era onde os primeiros moradores da comunidade iam a pé ou em lombo de animais comprar as coisas mais básicas para a manutenção da

¹¹ Entrevista concedida a Lívia Moreira Barroso em fevereiro de 2017.

¹² Casa de pau a pique.

família, por exemplo, sal, café e rapadura (que funcionava para adoçar os alimentos, já que o açúcar refinado era muito caro). “Naquela época só quem tinha *bodega* na *Id*¹³ era seu Vicente Leonardo, que vendia uma coisa e outra pra quem morava aqui por estas bandas da gente. Mas a gente não comprava quase nada, porque se plantava muito e também porque não se tinha dinheiro pra ficar fazendo feira não”.

Outro fato importante do que era a comunidade em seus primórdios diz respeito às atividades praticadas. Como falado, o primeiro morador veio para as terras com o objetivo de cuidar de um gado. Naquele período as fazendas eram constituídas de forma livre, ou seja, como não havia demarcação das terras, o gado pastava livremente aonde existisse alimento para isso, e o vaqueiro pastorava cuidando e controlando o rebanho para que não dispersasse para terras muito distantes. A atividade de campear o gado é algo que permanece até os dias atuais, e faz parte da cultura e do imaginário do lugar. As histórias dos vaqueiros que iam para as chapadas atrás das *réis* que debandavam do rebanho alimentaram as rodas de conversas e a imaginação das crianças com histórias que beiravam lendas. Por exemplo, me lembro quando criança de Sebastião Moreira, primeiro morador da comunidade e meu bisavô, contando que saía de casa com um alforje com carne seca, farinha e rapadura montado em um cavalo para passar até um mês na “Chapada da Baixa do Rancho” campeando gado. Por lá ele vivia experiências diversas, traduzidas em relatos que marcaram a memória de muitos.

A criação de gado se alimentando em um pasto “livre” perdurou ao longo do tempo, e mesmo depois do aumento populacional da comunidade e da legalização das terras a atividade permaneceu. Atualmente, é comum perceber animais soltos e que pastam em todo os espaços da comunidade, sendo que todos os lugares que não são cercados, por mais que pertençam legalmente a um ou outro morador, é um espaço de uso coletivo. Em Pau D’arco os animais circulam entre as propriedades e só são presos no período de maior seca (normalmente entre julho e dezembro), sendo soltos novamente nas primeiras águas. Através desta atividade, percebemos a afirmação de uma coletividade característica da comunidade e que fortalece os laços de vizinhança e compartilhamento.

Imagem 9: Vaqueiros reunidos na casa de Francisco Barroso de Carvalho no ano de 1987. Fonte: acervo pessoal da família Moreira Barroso.

¹³ Forma de se referir popularmente ao povoado de “Ilha”.



Imagem 10: Os vaqueiros Epaminondas Cavalcante Neto (a esquerda) e Alan Moreira, moradores da comunidade, com seus trajes saindo para campear o gado.



Ainda nos primeiros anos de povoamento da região, as atividades agrícolas desenvolvidas naquele período eram de subsistência. A produção era destinada basicamente ao consumo da família, e quando tinha algum excedente era comercializado nas cidades mais próximas – Santa Cruz do Piauí e Oeiras. Como toda a região era uma área

que nunca tinha sido habitada, a plantação dos primeiros alimentos, com a chegada da família Moreira da Silva, se fez com o desmatamento de pequenas áreas para a construção das primeiras roças. Antônio Moreira descreve que, quando chegou com a família, a primeira coisa que foi feita foi a casa com um quintal ao fundo para o plantio de feijão. Além do feijão, a base da agricultura também era constituída pelo plantio de milho, arroz e mandioca.

Quando o ano era bom de chuva – naquele época chovia muito em comparação a hoje – a gente tirava muita coisa na roça, que mesmo sendo muita gente para comer ainda sobrava. Eu me lembro que teve ano de papai (Sebastião Moreira da Silva) selar um cavalo e botar de quatro a cinco cargas de farinha e goma nos lombos de uns jumentos e ir vender em Santa Cruz e Oeiras. Quando a gente ia pra Santa Cruz saía daqui no sábado de tarde, dormia lá nos Campos¹⁴ pra sair cedinho no domingo, passava o dia viajando pra tá na feira da segunda. Quando era pra Oeiras leva uns quatro dias de viagem.

O deslocamento da comunidade para as cidades mais próximas para a comercialização do excedente era bastante dificultoso. Com a inexistência de estradas que interligassem Pau D'arco às sedes urbanas, o caminho consistia de pequenos corredores feitos pelos moradores em meio à mata fechada, que se atravessava com dificuldades e só tinha espaço para o trânsito de um animal com carga, no máximo. Outra dificuldade relatada pelos moradores mais antigos era do abastecimento de água para as casas. Assim como o transporte humano e da produção agrícola, a água era levada em lombo de animais (principalmente de jumentos) ou em baldes/latas levadas na cabeça pelos moradores. A água era buscada em pequenas fontes de água que brotavam do chão, os olhos d'água. Esta prática permaneceu até o início dos anos 2000, quando foi perfurado o primeiro poço artesiano da comunidade. A moradora Alaíde Justina de Sousa Lima¹⁵ lembra que era uma verdadeira romaria de mulheres¹⁶ se deslocando até o “Pau Louro”¹⁷ com seus baldes, latas e cabaças. Enchiam e voltavam para a casa conversando ou cantarolando pelas estreitas *varedas*.

Me lembro como se fosse hoje, quando a gente era jovem, mamãe mandava a gente ir botar água do Pau Louro duas vezes no dia, uma de manhã bem cedo e outra à tarde. A primeira ida era pra encher os potes

¹⁴ Comunidade rural que fica localizada no caminho entre Wall Ferraz e Santa Cruz do Piauí.

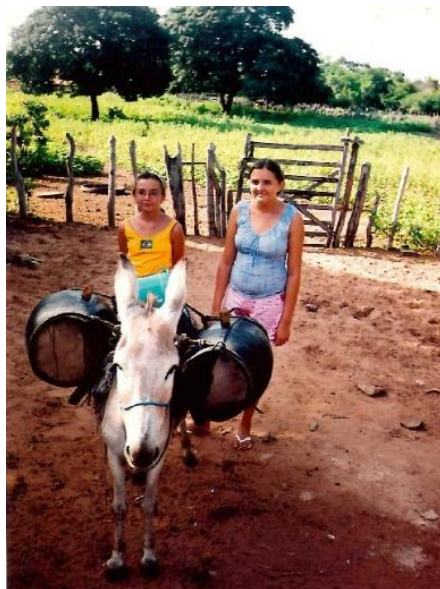
¹⁵ Entrevista concedida a Lívia Moreira Barroso em março de 2018.

¹⁶ A atividade de abastecimento de água das residências era uma atividade desempenhada pelas mulheres das famílias.

¹⁷ Principal fonte de água da comunidade.

pra labutar de manhã, fazer o almoço e lavar os pratos do almoço. Já a ida da tarde era pra lavar as coisas da janta e fazer o café de manhã. Aí na ida da tarde, a gente aproveitava e banhava também. Sabe Livia, e tu sabe bem (risos), a gente sofria muito, vivia com dor no pescoço por causa do peso, mas era bom também, a gente se divertia no caminho, conversava, cantava e tinha gente que aproveita a ida ao olho d'água até pra encontrar os *paquera* no caminho (risos). Era um tempo bom! O problema mesmo era só na época de chuva que tudo fica *enchurado* e tinha que beber água barrenta mesmo (Alaíde Justina de Sousa Lima, 2018, 58 anos).

Imagem 11: Moradoras da comunidade transportando água em lombo de jumento no ano de 2008. Fonte: acervo pessoal da família Moreira Barroso.



Com o passar dos anos outras famílias foram se instalando na comunidade. Na década de 1960 chegou a Pau D'arco o senhor Francisco Barroso de Carvalho, juntamente com sua esposa Catarina Barroso de Carvalho (falecida), o sobrinho João Barroso, e dois filhos ainda pequenos, Maria e Antônio Barroso. Estes residiam na cidade de Santa Cruz do Piauí e tinham adquirido a posse de uns hectares de terra com a finalidade de instalar uma pequena fazenda de gado. Francisco Barroso relata que no início ficava fazendo viagens da cidade para a propriedade uma vez por mês para ver o rebanho e acompanhar a construção da casa, e só em 1966 veio mesmo para ficar de vez.

Também em 1966, o senhor Epaminondas Cavalcante (falecido) se instalou na “Chapada dos Pau D’arco”, como ficou conhecida sua propriedade, e começou a cultivar mandioca. Com uma extensão de terra considerada grande plantada, a mão de obra da sua família era insuficiente para a colheita e o processo de desmanche da mandioca. Então, no período da *desmancha* da mandioca para produzir a farinha e goma de tapioca, o movimento da comunidade aumentava e diversas pessoas das comunidades vizinhas vinham para ajudar no trabalho.

Foi neste período que a família de José Ribeiro de Sousa e Justina Lima Ribeiro de Sousa (falecida) começou a trabalhar nas terras de Epaminondas Cavalcante. A família do “seu Zé”, como é conhecido até hoje na comunidade, morava na Roça Velha (comunidade que fica a uns 10 quilômetros de Pau D’arco) e caminhava diariamente para as roças de mandioca, no início apenas ajudando na produção de Epaminondas Cavalcante, e depois plantando sua própria mandioca. Posteriormente, em 1972, a família mudou-se de vez para a comunidade, tomando posse de uma área que ainda era desocupada. Outras famílias se instalaram nas terras que hoje é a comunidade, como a de Raimundo Mará, Neném Andrade e José Barão; estes, porém, depois migraram para outros lugares e não têm mais familiares que moram em Pau D’arco atualmente.

Com o passar dos anos a população foi aumentando e os filhos dos fundadores constituíram suas famílias e também contribuíram para o povoamento da região. Porém, as dificuldades eram muitas; a comunidade passou décadas sem ter um estrada que fizesse a ligação a alguma cidade, não possuía reservatório de água para os animais nos meses de estiagem, não contava com escola e posto de saúde, também não tinha água encanada e eletricidade nas residências.

Por ter morando alguns anos na sede do município de Santa Cruz do Piauí, Francisco Barroso de Carvalho tinha alguns conhecidos políticos na cidade, chegando a ser prefeito entre os anos de 1972 e 1977. Naquele período, ele voltou a residir na cidade, enquanto a esposa e o restante da família ficaram cuidando da propriedade rural. E foi através de suas relações políticas que algumas obras de infraestrutura foram feitas na comunidade. A primeira delas foi a construção da barragem, ainda em meados da década de 1960, que ajudou a abastecer a comunidade durante muitos anos, e serve atualmente como reservatório de água para os animais de Pau D’arco e comunidades vizinhas beber água.

Quando eu cheguei aqui para morar em 66 a primeira coisa que fui atrás com meus amigos políticos foi da construção de uma barragem, que só

veio a ser construída em 68. Pra nossa sorte, porque em 70 teve uma seca tão grande que se não tivesse a água da barragem até as pessoas tinham morrido de sede [...] mas a escola mesmo só veio aparecer lá, se não me engano, em 87. Quem quisesse estudar tinha que mandar os filhos pra cidade. Eu mesmo tinha uma casa em Santa Cruz que vivia cheia de gente lá dos Pau D’arco morando e estudando. Alaíde de Zé Raimundo, Joana, Maria moram anos lá pra estudar (Francisco Barroso de Carvalho¹⁸, 2017, 89 anos).

Imagem 12: Barragem da comunidade de Pau D’arco rodeada pela vegetação da Caatinga própria da região.



Antes da construção do “Grupo Escolar”, quem não podia colocar os filhos para estudar na cidade às vezes pagava um professor particular por uma temporada para ensinar as ‘lições’ básicas, as operações matemáticas simples, ler e escrever. Também em alguns períodos as pessoas da comunidade estudavam através do MOBRAL¹⁹. Mas, poucos tiveram a oportunidade de frequentar as aulas do programa, pois eram realizadas no povoado Ilha, e tinham que ir à noite, à pé, depois de um longo dia de trabalho na roça. Com a construção do colégio na comunidade, em 1987, foi que muitos puderam estudar. “Lembro que quando eu comecei a estudar já foi nele (no colégio). Ele (Francisco Barroso de Carvalho) construiu o colégio, botou professor pra ensinar aqui, aí a gente começou a estudar. Quando eu comecei a professora era Anunciada”, relata a moradora Joana Justina de Sousa Lima (45 anos)²⁰.

A escassez de pessoas com formação era tão grande que quem tinha um pouco de conhecimento às vezes dava aulas na escola da comunidade. Alaíde Justina mesmo foi

¹⁸ Entrevista concedida a Livia Moreira Barroso em janeiro de 2017.

¹⁹ O MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização) era um programa de alfabetização de pessoas com mais de 15 anos, e foi criado em 1968 pelo Governo Militar.

²⁰ Entrevista concedida a Livia Moreira Barroso em março de 2018.

professora do colégio mesmo tendo concluído apenas o que hoje é o Ensino Fundamental I (de primeiro a quinto ano). “A dificuldade pra chegar aqui era muito grande e as pessoas formadas não queriam vir morar aqui pra dar aula pra gente, aí eu disse que podia ensinar o pouco que sabia pros outros, e fui ser professora”, relembra.

E mesmo já nos tempos mais próximos, estudar para quem morava em Pau D’arco continuou sendo difícil. Já na década de 1990 e anos 2000, os moradores, para dar continuidade aos estudos quando terminavam o primário, tinham que se deslocar até a sede urbana do município a pé, pois não existia transporte. Muitos iniciavam o ano letivo e desistiam pouco tempo depois. “Quando eu e muitos outros meninos daqui precisou ir fazer o ginásio no Wall Ferraz não tinha carro e ainda era à noite. Então a gente fazia uma lâmparina com um vela de cera e ia pra aula. Assistia e depois voltava, no fim ida e volta dava 18 quilômetros” (Leocácio de Sousa Lima²¹, 2018, 32 anos).

Com tantas dificuldades para viver na comunidade, muitos moradores acabaram se mudando para viver em outras regiões do país, sobretudo a sudeste. Os moradores associam muito o processo de migração de vários habitantes para as regiões do centro-sul do país com as dificuldades vividas pela comunidade. Com poucas oportunidades de estudo, emprego e as constantes secas, principalmente nas décadas finais do século XX, a migração em busca de uma renda melhor era, em muitos casos, a única opção.

São vários os relatos de moradores e familiares de pessoas que foram obrigadas a se mudarem para trabalhar nos grandes centros urbanos do país. O Sr. Antônio Moreira lembra que, uma das primeiras pessoas a ir embora da comunidade devido as constantes secas, e ausência de estudo e trabalho para sobreviver, foram seus filhos Inácio, Henrique, Salustiano e Benedito. Os dois primeiros foram viver em São Paulo no ano de 1993, arrumaram emprego e mandaram buscar os outros dois irmãos logo em seguida.

Minha filha, aqui teve uma época que só quem ficou morando aqui foram os velhos e os meninos. O povo mais novo foi tudo embora pra São Paulo, porque senão morria de fome. Cansei de queimar e arrancar macambira²² pra fazer cuscuz com a massa da raiz dela pra comer, porque era muita gente e a comida era pouca. Muita gente passou fome. Aí a única opção era pegar o pau de arara em Oeiras e ir pra São Paulo.

²¹ Entrevista concedida a Livia Moreira Barroso em março de 2018.

²² Planta espinhosa parecida com uma pequena palmeira que tem uma raiz com uma massa. A planta é normalmente arrancada para alimentar os porcos.

Saia era caminhões e mais caminhões de gente daqui pra lá²³ (Antônio Moreira da Silva, 2017, 80 anos).

Muitos moradores relataram nas nossas conversas que, nessa época mencionada pela fala de Antônio Moreira, não teve uma família na comunidade que pelo uma pessoa não tenha ido embora. Pau D'arco ficou habitada apenas pelos idosos, mulheres e crianças. Posteriormente, muitos dos habitantes que tinham partido para o sudeste, retornaram, e permanecem na comunidade até hoje, como é o caso de Basílio Mendes Coelho²⁴ (50 anos).

Quando eu e muitos outros homens daqui *fomo* embora pra São Paulo, o que a gente queria era trabalhar pra ter dinheiro pra mandar pra nossa família que tinha ficado aqui sofrendo com a seca, e também juntar um pouco pra voltar logo e seguir vivendo aqui. [...] Muitos como eu, conseguiram voltar e continuar vivendo da roça, criado um *pouquim* de gado... Já outros, como *cumpadi* Salú (Salustiano Moreira) gostaram de lá, casaram, tiveram filhos lá e preferiram continuar morando lá. Agora, Lívia, pra mim nunca pensei em viver o resto da vida lá, gosto mesmo é daqui, da tranquilidade [...].

Com o retorno de muitos moradores que foram trabalhar em São Paulo para a comunidade, a maioria das famílias tiveram a sua composição original recomposta. Com início dos anos 2000, Pau D'arco se manteve com um vida pacata sem grandes transformações na sua estrutura espacial e também social, sendo a chegada da eletricidade na comunidade em 2012, o único grande acontecimento que mexeu com às estruturas do lugar na última década. Sendo assim, como a questão da eletricidade é central para nós, trataremos melhor sobre o assunto no tópico seguinte e no decorrer do trabalho.

2.2 O programa “Luz para Todos” e chegada da eletricidade na comunidade

É no contexto das políticas públicas propostas recentemente nos governos Lula e Dilma que diversos programas de assistência, criados e desenvolvidos nas últimas décadas, modificaram a realidade de vários cenários no Brasil. Medidas necessárias à

²³ Nessa parte da entrevista, o Sr. Antônio Moreira em vários momentos ficou com a voz embargada e com lágrimas nos olhos.

²⁴ Entrevista concedida a Lívia Moreira Barroso em março de 2018.

inclusão de diversos grupos sociais foram aplicadas no país, alterando sensivelmente nossa estrutura social.

As discussões em torno da temática da política pública ganharam destaque dentro do campo da política a partir da década de 1980. Num contexto mais geral, falar em política pública é pensar as ações dos governos com referência às grandes demandas da agenda pública, assim como tratar de um conjunto de atividades desses governos que trarão efeitos específicos em determinados setores que interferem na vida dos cidadãos. Ou seja, o enfoque da política pública é resolver problemas que afetam diretamente diversos campos, implicando na inter-relação entre Estado, economia e sociedade. Sendo assim, a política pública busca “colocar o governo em ação” observando os efeitos dessa ação e, às vezes, dependendo da necessidade, sugerir mudanças nos rumos que essas ações estão tomando. “A formulação de políticas públicas constitui-se no estágio em que os governos democráticos traduzem seus propósitos e plataformas eleitorais em programas e ações que produzirão resultados ou mudanças no mundo real” (SOUZA, 2006, p. 26).

As políticas públicas, implementadas principalmente nos governos de Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff, estão dentro dos modelos influenciados pelo “novo gerencialismo público” e pelo ajuste fiscal – são políticas que estão inseridas dentro dos gastos públicos e que dependem da situação econômica e política do país. Esse modelo de política pública vem sendo adotado por diversos países, e tem como objetivo central, alcançar um grau de eficiência alto e caráter participativo – grupos comunitários devem ser consultados para identificar suas demandas e, com isso, produzir políticas públicas que atendam às suas carências. Mas cabe apontar que mesmo com a possível participação de representantes comunitários, os governos permanecem tendo as principais atitudes em desenhar soluções para problemas que poderão ser solucionados através de políticas públicas, como é o caso do programa Luz para Todos e outros aqui no Brasil.

Quando falamos em políticas públicas como o programa Luz para Todos entramos na questão da universalização de um serviço considerado básico, e que é um direito de todo cidadão, a eletricidade. Além do direito ao acesso, outro fator importante, em se tratando de universalização, é possibilitar o acesso contínuo: existem lugares em que as pessoas têm conexão com a rede elétrica, mas, por questões diversas, (por exemplo, a limitação de renda) acabam não usufruindo do serviço.

No caso específico do Brasil, no ano de 2002 foi criada a chamada Lei da Universalização, que impõe que as concessionárias de energia atendam todo e qualquer

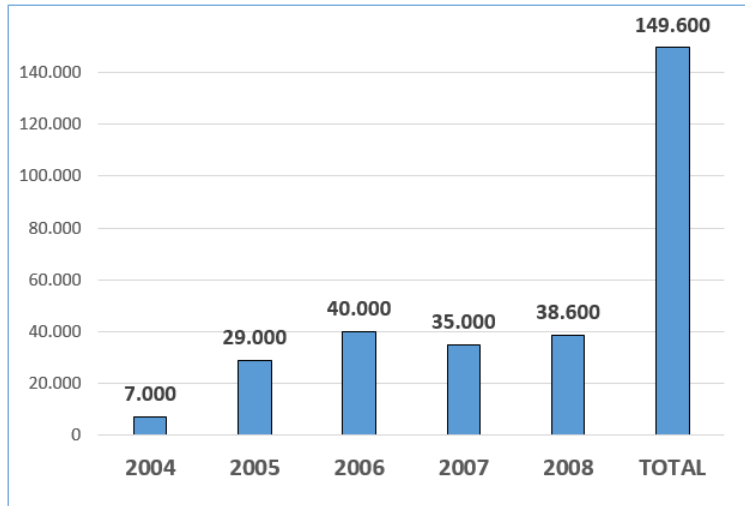
solicitante de ligação elétrica sem custo pelo serviço. A lei foi implantada para atender à demanda elétrica exclusivamente dos moradores da zona rural, já que a parte urbana do país era toda atendida pelo serviço elétrico, mesmo que com muitas deficiências no abastecimento. No primeiros anos da lei, esta atendeu apenas aos municípios que estavam mais próximos das redes elétricas já existentes, ficando excluídos os lugares mais remotos.

Vivíamos um cenário de carência de abastecimento elétrico em zonas rurais: de acordo com o Censo 2000 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), pelo menos 2 milhões de domicílios (80% no meio rural)²⁵ não tinham acesso a uma fonte de energia elétrica que fosse suficiente para o abastecimento básico de uma residência, o que equivalia a aproximadamente 10 milhões de pessoas, concentradas principalmente em regiões de baixo IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), no Norte e Nordeste do país. Então, em novembro de 2003, o Governo Federal lançou o programa Luz para Todos, com o objetivo de antecipar as metas da universalização, em parceria com outros programas sociais e políticas públicas voltada para o rural. Através da proposta de universalização do serviço de eletricidade levado até os lugares mais remotos do país, destinado especificamente aos moradores do rural, o Luz para Todos também visava possibilitar novas formas de produção agrícola, um aumento da renda e a inclusão social das pessoas beneficiadas.

O objetivo inicial do programa era instalar a eletricidade em 2 milhões de residências para 10 milhões de pessoas até o ano de 2008, meta alcançada em meados de 2009. Até janeiro de 2013, o Luz para Todos chegou a 3,04 milhões de famílias, o que equivale a cerca de 14,83 milhões de pessoas residentes na área rural em todo o país, sendo que, desse percentual, 1,3 milhões de famílias atendidas ficam na região Nordeste, um total de 6,7 milhões de habitantes. No caso específico do estado do Piauí, o programa já atendeu a mais de 150 mil famílias, o que equivale a cerca de 700 mil pessoas, sendo que o grande atendimento do Luz para Todos no Piauí ocorreu a partir do ano de 2008, já na segunda fase do programa (ver gráfico abaixo).

Gráfico 1: Atendimento do programa Luz para Todos no estado do Piauí. Fonte: Eletrobras/Piauí.

²⁵ Informação disponível em: <http://www.brasil.gov.br/sobre/economia/energia/programa-luz-para-todos>



A história da comunidade de Pau D'arco com o Luz para Todos só aconteceu na segunda fase do programa, com a energia chegando nos lares das famílias no final de 2012. Pau D'arco sempre foi uma comunidade isolada e, de certa forma, os moradores já estavam acostumados com o uso de suas lamparinas para iluminar as casas – a lamparina a querosene ou a diesel sempre foi um objeto que fazia parte da composição dos lares, e o combustível para elas não podia faltar. Da mesma forma é o hábito de, logo quando escurecia, ir para as calçadas para ficar à luz da lua ou mesmo no escuro, pois o combustível sempre foi caro e era preciso economizar. Eu mesma, quando criança, assim como todos meus colegas de escola que moravam na minha comunidade ou em outras, sempre tínhamos os cadernos manchados pelo carvão que caía das lamparinas enquanto fazíamos as tarefas da escola à noite.

Então, em um lugar onde sempre as pessoas viveram na “escuridão”, onde essa sempre foi a realidade de todas as pessoas que ali habitaram, o anúncio de aprovação do projeto de instalação da eletricidade na comunidade, em meados de 2010, gerou incredulidade dos moradores. A eletricidade para a comunidade sempre foi meio que um “sonho” distante, e praticamente impossível, uma vez que viver em um município de pequeno porte no sertão do Nordeste é sinônimo de recursos públicos limitados, e da impossibilidade de ser atendido por obras volumosas, como é o caso da eletrificação de

uma comunidade rural. Então, se não fosse a política de universalização, juntamente com o Luz para Todos, provavelmente Pau D'arco ainda estaria vivendo como há 6 anos atrás.

Eu me lembro como se fosse hoje. Eu e Pedro fomos na prefeitura lá em Wall Ferraz falar com o prefeito, na época era até Rubem Martins, sobre o conserto da estrada, aí ele disse que tinha conseguido a energia da gente. Na hora eu nem acreditei, e pensei: 'Esse sujeito só fica com essas conversas pensando em voto'. Isso foi mais ou menos em fevereiro de 2010. Se passou todo o primeiro semestre e nada de energia. Aí quando foi em setembro começou a chegar o maquinário pra obra, aí a gente começou a acreditar que vinha mesmo. O povo todo já começou a comprar coisa pra casa – geladeira, televisão – mas a inauguração mesmo só foi em 14 de novembro de 2012. Sabe, Lívia, é uma obra demorada e a comunidade é grande, então demorou muito. Mas, quando ligaram a luz foi bom demais. A gente tem que pagar a conta todo mês, mas paga feliz porque é uma coisa boa (Francisco de Assis Cavalcante, 2018, 64 anos).

No relato do morador Francisco de Assis Cavalcante é possível perceber que o acontecimento da “luz” modificou e trouxe melhorias para suas vidas. A primeira mudança veio pelo acesso a produtos de consumo que só funcionam com força elétrica – aparelhos eletrônicos de naturezas variadas. Por exemplo, uma pesquisa de impacto realizada no ano de 2014, pelo Ministério de Minas e Energia, identificou que, após o Programa Luz para Todos, 78,0 % das famílias atendidas passaram a ter geladeira em suas residências (2,5 milhões de unidades), 39,2 % compraram aparelhos de som (cerca de 1,2 milhões de unidade) e 81,1% adquiriram televisores (2,4 milhões de unidades). Em Pau D'arco não foi diferente; os aparelhos, como mencionado pela fala do morador acima, começaram a ser comprados antes mesmo que a energia fosse ligada, e hoje fazem parte visivelmente da composição física das casas.

Os aparelhos adquiridos se incorporaram no cotidiano das pessoas da comunidade proporcionando, segundo eles, uma melhor qualidade de vida. A geladeira, por exemplo, é sempre lembrada por permitir a conservação dos alimentos, que antes tinham que ser consumidos em pouco tempo com o risco de estragar, ou serem tratados por diversas técnicas de conservação, como secar a carne, transformar frutas em doces, armazenar água em potes de barro para manter o frescor. Também é sempre mencionado por eles o fato da iluminação de arredores durante a noite. Desde o Luz para Todos tem sido possível realizar muitas atividades durante o turno da noite sem ter dificuldades com a ausência de claridade. “A noite a gente faz tudo com mais facilidade, e o principal, se pode fazer muita

coisa. Eu mesma faço crochê, bordado, coisa que não fazia com a luz de lamparina. Primeiro, porque não enxergava e depois ainda corria o risco de manchar tudo com o carvão”, lembra a moradora Joana de Sousa Lima.

Outro ponto positivo relatado foi a possibilidade de uma nova mídia dentro dos lares, a televisão, com tudo que ela significou, como iremos abordar posteriormente.

3 TERRITÓRIO E MUNDO RURAL

Existem diversas vertentes teórico-conceituais para dizer tanto do rural como do território. Estes são conceitos que sempre foram tratados, sobretudo, pela área da

geografia, para analisar espaços com características distintas e próprias. Como os conceitos são móveis, rural e território também se reconfiguram ao longo dos anos de estudo. Por tanto, como estudamos aqui em nosso trabalho, uma comunidade, Pau D'arco, que está localizada em um território rural, neste capítulo trataremos dessas dois conceitos, através de uma revisão das discussões, principalmente, sobre o rural no Brasil.

3.1 Território

São diversas as vertentes acerca das discussões sobre o território. Há autores que compreendem que o território está apenas no campo geográfico/espacial, ou no econômico ou no cultural/social, assim como existem outras abordagens mais completas que afirmam que falar de território é uma tentativa de compreensão de todos estes campos em conjunto. Uma abordagem clássica que analisa o território apenas por uma de suas vertentes é a de Caio Padro Jr (1992), que observa as diversas fases da economia do Brasil para explicar as transformações ocorridas nos espaços do país em vários momentos da história. Mas em termos mais gerais, os primeiros usos da definição do termo são ainda do século XIV para definir as jurisdições e, em alguns casos, nominar espaços econômicos e governamentais na Europa – feudos, cidades, vilas, reinos.

Posteriormente, os estudos sobre o conceito propriamente dito ganharam destaque nos escritos de Friedrich Ratzel, no contexto da unificação alemã em 1871 e da institucionalização da geografia como disciplina dentro das universidades europeias. Para Ratzel, o território é a apropriação, por parte de um grupo humano, de uma parcela da superfície terrestre em que haja recursos naturais suficientes para sua manutenção, utilizando-se do desenvolvimento tecnológico para sua exploração. Para ele, o território estaria ligado necessariamente à ideia de espaço geográfico e respectivas condições ambientais (que determinavam seu maior ou menor desenvolvimento), território este governado pelo Estado (território estatal).

Contrária ao conceito de Ratzel, a *École Française de Géographie*, liderada por Paul Vidal de La Blache, defendeu no final do século XIX e início do XX que o determinismo defendido pelo autor alemão não correspondia à realidade vivida em diversas regiões pelo mundo (formações montanhosas, cordilheiras, desertos, áreas de floresta etc), pois às populações que viviam nesses lugares se adaptavam e criavam possibilidades para a sobrevivência e desenvolvimento das mesmas – sendo denominada

de “possibilismo” a sua corrente teórica, que entendia a supremacia da região sobre o território.

Com a escola francesa, os estudos sobre território entraram em crise. Na década de 1970 há uma retomada dos estudos sobre o território; Jean Gottmann (2012) aponta que a primeira dimensão do território está na sua identificação como uma “porção de um espaço geográfico” que está sob a jurisdição de um governo, havendo assim uma ligação forte entre espaço e Estado. Quando se fala em espaço geográfico é fundamental destacar que um determinado espaço só é considerado território quando passa por intervenções e modificações feitas pelos seres humanos. O território só existe quando caracterizado pela ação humana, que o organiza de acordo com suas necessidades e objetivos. “O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente [...] o ator “territorializa” o espaço.” (RAFFESTIN, 1993, p. 143). Neste contexto, pensar o território é perceber as relações de poder, políticas, econômicas e culturais que o caracterizam.

Sendo assim, o território vai além dos seus limites espaciais, dos recursos naturais de uma determinada área, mas diz sobretudo das relações de dominação sobre aquele espaço, que independe muitas vezes das ligações pessoais-afetivas ou identitárias. Um exemplo claro para a compreensão dessas relações de poder está no processo de colonização dos países latino-americanos. Mesmo com a existência de civilizações que habitavam o território hoje conhecido como a América Latina, os exploradores portugueses e espanhóis fizeram verdadeiros extermínios dessas populações em troca da exploração de riquezas naturais/minerais, sem levar em consideração que já eram territórios ocupados, com populações que tinham relações sociais, culturais e identitárias próprias com o lugar. Este é apenas um exemplo entre tantos outros de dominação territorial que não percebe que o território é também cultura, identidade, afeto.

Outra perspectiva importante é defendida por Sack (1986). Para ele, definir o território ou até mesmo pensar a territorialidade é ir além da defesa de uma área (um espaço geográfico). Segundo o autor, o território deve ser entendido como a ação do contato e todas as relações sociais que foram/são construídas dentro daquele território entre as coisas e as pessoas que ali estão. Os territórios são dinâmicos, tendo uma relação acentuada com os movimentos das sociedades, sendo o que o autor vai chamar de “territórios flexíveis ou cíclicos”. Por exemplo, pode-se falar de territórios que tiveram

importância em certos momentos históricos e que, posteriormente, deixaram de existir socialmente ou foram desocupados pelas suas populações.

Num contexto mais atual, Sposito (2004) afirma que o território pode ser pensado em três dimensões principais: uma natural, outra individual e, por fim, a espacial. A primeira delas, a natural, é a mais clássica principalmente, dentro do campo da geografia, e se justifica dentro da concepção de que os movimentos de conquista territoriais são funcionais, dentro de uma lógica “naturalista” ou de naturalização das guerras (territórios clássicos).

Na segunda, o território é visto a partir da perspectiva do indivíduo, dando lugar a novos significados mais abstratos, produzidos a partir das relações, do pertencimento e conseqüentemente, da cultura: os significados são variados e têm sentidos diferentes dependendo do grupo social. A relação de territorialidade estabelecida por uma tribo indígena com sua terra não é igual àquela de quem habita uma grande metrópole, assim como é completamente distinta para os habitantes de Pau D’arco, por exemplo.

E por fim, a terceira dimensão proposta por Sposito é uma disputa entre os conceitos de território e espaço. Primeiramente, antes de abordarmos o território nesta última dimensão, é necessário falarmos sobre o espaço – algo que já citamos em vários momentos e ainda não definimos. O espaço, numa definição mais simplista, é algo mais estático, sem movimento, ou seja, o espaço é composto pelas formas, os limites que definem um objeto, podendo vir ou não a ser um território. O território é a composição de espaços imersos em relações sociais e de poder.

[...] o território é o espaço determinado e delimitado por e a partir de relações de poder, que definem, assim, um limite (alteridade) e que opera sobre um substrato referencial. Em suma, o território é definido por relações sociais. O território, portanto, pode estar referenciado a formas jurídico-políticas – exemplo clássico de um Estado-nação –, culturais – de uma associação de bairro dentro de uma cidade – e/ou econômicas – de uma grande empresa (SCHNEIDER e TARTARUGA, 2004, p. 104).

Sendo assim, o território é a materialização do uso do espaço através das relações indivíduo/ambiente que são constituídas por meio do controle do espaço. O território se apresenta como algo dinâmico, sendo as territorialidades flexíveis e com uma temporalidade indeterminada – as relações construídas ao logo da história em torno de

um território são modificadas, assim como podem deixar de existir²⁶. Também os territórios podem ser contínuos ou descontínuos. Os contínuos são aqueles que possuem proximidade/vizinhança espacial, enquanto que os descontínuos são mais dispersos sem relação de proximidade espacial. E há também os territórios de baixa definição, que “são espaços caracterizados pela superposição de diferentes territórios em um mesmo espaço, o que pode provocar o surgimento de relações de poder adicionais e, até mesmo, novos territórios” (SCHNEIDER e TARTARUGA, 2004; SACK, 2004).

Baseado em toda esta discussão acerca do espaço e do território, Sposito (2004) aponta que ainda é possível analisar o território através de mais duas vertentes. A primeira, e que consideramos muito importante para o nosso trabalho, é por meio das redes de informações. Com o grande avanço das tecnologias na área de comunicação, as informações ganharam velocidade e possibilitaram sua disseminação em tempo recorde em espaços territoriais gigantescos. Com isso, as distâncias foram encurtadas, possibilitando às pessoas uma maior apreensão de vários territórios, dificultando a manutenção das identidades territoriais. Esse processo pode resultar num processo inverso à territorialidade, que é a desterritorialização, segunda vertente pensada pelo autor.

Neste sentido, Milton Santos (1999, p. 262) afirma que a questão da mobilidade territorial, em que a informacional está inclusa, é uma regra na sociedade atual. “Os homens mudam de lugar, como turistas ou como migrantes, mas também os produtos, as mercadorias, as imagens, as ideias. Tudo voa. Daí, a ideia de desterritorialização.” A partir disto, o autor ainda afirmar que a desterritorialização é também uma forma de “desculturização”. Outros autores dos estudos de território, no entanto, questionam a ideia da desterritorialização, pois compreendem que não é um movimento que atinge grandes escalas, e que sobretudo, em um contexto de globalização da informação, o que está havendo é um maior movimento entre os territórios, de afirmação e também de reconfiguração cultural.

Sendo assim, podemos perceber que as noções de território partem inicialmente de um ótica espacial, trazida pelos estudos da geografia clássica, mas são sobretudo pensadas a partir da inserção dos atores sociais, de suas identidades culturais e das suas relações de poder construídas dentro de um território. Neste sentido, falar em território rural

²⁶ Como já mencionado por Sack (2004), os territórios podem ser cíclicos, sazonais ou móveis – populações/civilizações podem deixar de existir ou migrar, fazendo com que o território deixe de existir ou ganhe outra configuração.

(falaremos sobre o rural logo a seguir), significa buscar perceber as dinâmicas e as formas sociais ocorridas dentro deste espaço geográfico que lhe conferem características próprias dentro de uma organização social, que tem participação política, perfil econômico e características culturais peculiares.

3.2 O conceito de rural

As discussões sobre o rural começam a ter destaque dentro do campo intelectual a partir do momento em que a sociedade ocidental dá os seus primeiros passos em direção ao capitalismo. Nos séculos anteriores, falar sobre a temática não fazia muito sentido para as pessoas da época, já que, mesmo com o desenvolvimento de cidades e de centros de comércio na Europa, a base social e econômica se dava no campo.

O rural enquanto espaço social em que a vida era associada à calma, ao sossego e a um tempo que passava mais vagarosamente, serviu em vários momentos históricos como ambiente de inspiração a diversos movimentos literários, propiciando uma escrita bucólica com narrativas da simplicidade levada pela vivência no campo. Durante muitos séculos, o rural não esteve associado a um conceito, mas tomado como um espaço de inspiração narrado e descrito por escritores e poetas²⁷. A exemplo disto está o período da Idade Média²⁸; com a inexistência de centros urbanos, o indivíduo medieval encarava o rural enquanto espaço de vivência e naturalidade, não havendo a necessidade de conceituar a vida levada por ele (SIQUEIRA E OSORIO, 2001).

O movimento de migração da população rural para as cidades veio com a Revolução Industrial dos séculos XVIII e XIX e com o crescimento do capitalismo industrial, tendo na produção de bens a principal fonte de acumulação de capital, que veio substituir, de certa forma, a prática do comércio. No início da industrialização não havia tecnologia suficiente para estabelecer uma independência total do meio rural: as indústrias estavam em lugares onde contavam com forças motrizes de ordem animal ou natural - moinhos de vento, quedas d'água -, ou seja, no campo. Foi somente com o desenvolvimento da máquina a vapor que a indústria se instalou na cidade, tendo total independência espacial (MARX, 1971).

²⁷ Em “O campo e a cidade: na história e na poesia”, Raymond Williams (2011, p.29-33) aponta que a narrativa rural-bucólica está presente na literatura em registros do período da Antiguidade Clássica – em escritos de Hesíodo, Lícidas e Teócrito.

²⁸ Período histórico vivido na Europa entre os séculos V e XV. Iniciado com a queda do Império Romano do Ocidente e termina com a transição para a Idade Moderna.

Com o desenvolvimento do capitalismo e, conseqüentemente, com a interligação das atividades agrícolas ao sistema industrial em substituição à produção natural que se associava ao rural, a agricultura entra na dinâmica de mercado e traz consigo uma nova configuração no mundo agrário. “Foi a partir da proletarianização do camponês e da destruição de sua economia natural que se criaram as bases para o desenvolvimento do modo capitalista de produção [...]” (GRAZIANO DA SILVA, 1996, p. 2). Neste sentido, o capitalismo é determinante para o que Marx (1971) compreende como a ruptura dos “laços primitivos” que aproximavam a prática agrícola da manufatura, mas que, ao mesmo tempo, cria um cenário propício para a junção da agricultura com a indústria.

O processo descrito é fundamental para a compreensão de que, segundo José Graziano da Silva (1996), o surgimento do rural é datado dentro do processo histórico, ou seja, é a partir do desencadear dos processos econômicos, e conseqüentemente da separação entre cidade e campo, que a conceituação do rural começa a ser pensada.

Mas, o que seria o rural? São várias as definições, e estas vêm tendo modificações ao longo do tempo. Porém, o que se entende como rural aparentemente já é algo dado e está inserido no cotidiano. A definição mais comum do termo é a associação direta com o sentido etimológico da palavra, que tem como significado “campo, terra para agricultura”, sendo um termo advindo do latim *ruralis*.

Para Solari (1979), a sociedade rural tem diversos traços que podem ser enumerados, sendo a dimensão econômica o principal deles – o rural pode ser caracterizado pelo tipo de atividade que se desenvolve nele (produção de alimentos por meio da criação de plantas e animais). Além da dimensão econômica, outros traços podem ser vinculados à definição do rural: a diferença ambiental – o contato com a natureza é constante, o desenvolvimento da atividade econômica se dá ao ar livre; a limitação com relação a tecnologias; o tamanho das comunidades – a população seria menor e mais homogênea, tanto cultural quanto socialmente; a limitação da mobilidade social – nesse ambiente, a interação seria mais intensa e a relação de proximidade/intimidade entre os membros é maior, “existe uma pessoalidade nas relações em oposição à impessoalidade que reina nas relações urbanas” (SIQUEIRA e OSÓRIO, 2001, p. 73).

Em todas as características mencionadas está presente a dicotomia de realidades que se opõem – o rural *versus* o urbano. Autores clássicos como Marx (1971), por exemplo, trazem a distinção entre esses espaços baseado no conflito de mundos sociais opostos, um imerso no capitalismo, por meio da noção de progresso da técnica e com a

proximidade com o novo, o moderno – o mundo urbano –, e o outro contrário a tudo isso, sendo um espaço para as antigas relações e ausência da tecnologia – o mundo rural.

Na longa história das comunidades humanas, sempre esteve bem evidente essa ligação entre a terra da qual todos nós, direta ou indiretamente, extraímos nossa subsistência, e as realizações da sociedade humana. E uma dessas realizações é a cidade: a capital, a cidade grande, uma forma distinta de civilização.

[...] O campo passou a ser associado a uma forma natural de vida – de paz, inocência e virtudes simples. À cidade associou-se a ideia de centro de realizações – de saber, comunicações, luz. Também constelaram-se poderosas associações negativas: a cidade como lugar de barulho, mundanidade e ambição; o campo como lugar de atraso, ignorância e limitação (WILLIAMS, 2011, p.11).

Com o passar do século XX, a teoria dicotômica, que definiu a cultura rural em oposição à urbana, passou a ser ineficiente. As mudanças que ocorreram na sociedade rural, na urbana e nas suas relações tornaram impossível analisar estes espaços pela visão tradicional de oposição. Sendo assim, surgiu a teoria do *continuum*, que tem como base o processo de urbanização das áreas rurais, a modernização das técnicas de agricultura, sendo o rural tomado como uma extensão do urbano.

O problema da teoria do *continuum* é que privilegiar uma visão que está centrada no urbano relega o rural ao esquecimento. O encantamento com as transformações rápidas e efervescentes do urbano direcionaram o rural a um lugar que está à margem - espaço das práticas ultrapassadas -, sendo que cabe à sociedade urbana industrial o progresso, o desenvolvimento. Além de que, a teoria aponta para uma homogeneização espacial e social em que as fronteiras entre os dois espaços ficam obscurecidas, indicando assim o fim da própria realidade rural, devido ao avanço do processo de urbanização das áreas rurais.

Muitas análises baseadas na teoria do *continuum* têm levado a crer que os processos de transformação seriam o fim do rural, como consequência da urbanização completa do campo. Mas, para Wanderley (2000), mesmo com a interferência do urbano no rural, as particularidades dos dois meios podem/estão sendo preservadas, o que, para a autora, não representa o fim do mundo rural e sim o surgimento de uma nova ruralidade, que é intensificada pelas trocas simbólicas e materiais com o urbano.

Sendo assim, outras correntes interpretativas estão surgindo no campo da sociologia rural com o intuito de compreender essa nova ruralidade, que é tida por alguns autores como o “renascimento rural”. O tal “renascimento” não é a modernização do rural

com base nos padrões urbanos, mas está centrado nas novas formas de uma sociabilidade que se estabelece “numa complexa rede de atores sociais que não pode mais ser compreendida pura e simplesmente como um processo de urbanização que se encaminha na direção da homogeneização espacial e social entre campo e cidade” (LAUBSTEIN, 2011, p. 98).

O rural no decorrer do tempo permaneceu sendo um campo de diversas interpretações e de correntes teóricas que trazem uma instabilidade na sua conceituação, não existindo uma interpretação definitiva do conceito, que vem passando por inúmeras leituras no decorrer da história. É importante compreender que não dá para estabelecer um conceito fixo do rural que seja aplicável empiricamente a todos os espaços do mundo, já que existe uma variação do rural dependendo do país ou região. Por exemplo, trataremos no tópico a seguir especificamente sobre o rural no Brasil, que também se apresenta heterogêneo, com uma multiplicidade de realidades incontáveis.

3.3 O rural brasileiro

O Brasil é tido como um país de “herança rural”, com uma base social fora dos meios urbanos. Isso traz para o campo dos estudos rurais, em um primeiro momento, trabalhos que têm como intenção descrever e interpretar as populações rurais do país com discussões centradas no entendimento da sociedade patriarcal rural, do domínio do latifúndio e a distinção de classe entre “a cidade e a aldeia”.

Segundo Sérgio Buarque de Holanda (1973), os reflexos da nossa constituição enquanto nação que se desenvolveu econômica e socialmente no campo teriam se preservado ao longo do tempo. Ainda no período colonial, toda a vida acontecia nas grandes fazendas espalhadas no vasto território, e as cidades eram apenas pequenas concentrações de pessoas que tinham dependência direta do rural. Num primeiro momento da história nacional, a distinção entre o meio rural e o urbano se deu a partir da diferenciação da cidade/vila e da fazenda, numa clara adaptação da distinção clássica europeia entre a cidade e a aldeia. Para Buarque de Holanda, este esquema não poderia ser simplesmente transposto e aplicado na sociedade brasileira, por ser este um lugar de características próprias e bem diferente do que se tinha no Velho Mundo, como por exemplo, a ausência de uma burguesia urbana independente; a afirmação de senhores rurais e de um patriarcado tradicional; a existência de um regime escravocrata - elementos

já superados historicamente na Europa, enquanto o Brasil dava os primeiros passos enquanto nação.

Firmando a sua existência enquanto lugar rural, o Brasil intercala sua história econômica entre a exploração de produtos naturais e minerais – pau brasil e minérios (ouro, diamante) – e a produção de suprimentos agrícolas por meio da monocultura e criação de animais – cana de açúcar, café, soja, gado. A produção em larga escala de inúmeros produtos fizeram do país uma “civilização agrícola” (PRADO JR, 1992). Em sua primeira fase, a base rural agrária pode ser diferenciada pelos produtos de exportação e pelo cultivo de produtos secundários através de atividades “acessórias”, ou seja, uma economia de subsistência para a manutenção da mão de obra trabalhadora escrava das grandes lavouras.

Com a proibição do tráfico negreiro e a implantação da Lei de Terras em 1850, há uma decomposição do complexo rural brasileiro, que era caracterizado pela incipiência da divisão do trabalho. A produção nas fazendas centralizava todos os meios de trabalho, desde a mão de obra, os meios intermediários e os de produção. “O complexo rural internalizava nas fazendas um ‘departamento’ de produção de meios de produção (insumos, máquinas, equipamentos), mas ‘assentado em bases artesanais’, com o ferreiro, o carpinteiro, o pedreiro, o mecânico, o domador de animais, o seleiro etc” (GRAZIANO DA SILVA, 1996, p. 7). Sendo assim, a lógica do complexo rural era muito limitadora, centrada em apenas um produto maior direcionado ao mercado externo. Quando este estava com boa aceitação comercial a fazenda se mantinha, mas quando este caía no mercado internacional, a produção se resumia à manutenção da força de trabalho.

Nesse período, o país ainda vivia o ciclo econômico do açúcar. O cultivo de cana de açúcar foi muito importante para a economia que se desenvolvia na Colônia, assim como para o povoamento do vasto território, sobretudo da região do litoral brasileiro, que tinha um solo propício para o plantio, além de condições climáticas favoráveis, que permitiu uma produção em larga escala. A opção em plantar cana de açúcar aqui no Brasil pelos colonizadores portugueses, estava justificada pelo alto preço do produto no mercado internacional. A mão de obra neste período era escrava, e conseqüentemente de extremo baixo custo para os senhores de engenho, o que acarretava também num lucro ainda maior pela venda do produto (FAUSTO, 2015).

A abolição da escravidão permitiu que a divisão social do trabalho fosse reconfigurada. A atividade no campo se especializou, os processos desenvolvidos na lavoura – nesse momento estava em alta a produção do café – agora produzidos por mão

de obra assalariada eram cada vez mais direcionados²⁹ para a produção de insumos agrícolas de qualidade superior ao que se cultivava até então, uma vez que o objetivo passou a ser a geração de excedentes tanto para o consumo no mercado interno como para a exportação. A exemplo disto está o complexo cafeeiro, que modificou a estrutura agrícola brasileira do período com uma produção cada vez mais diferenciada e que gerou novas necessidades, como, por exemplo, a criação de estradas para o transporte do produto; a construção de casas para a moradia dos trabalhadores das lavouras; novas linhas de crédito e financiamento bancário; políticas de incentivo para a expansão da produção. Ou seja, o complexo cafeeiro trouxe para o rural atividades e profissionais (engenheiros, arquitetos, banqueiros) da cidade, além de acentuar, segundo Graziano da Silva (1996, p. 9), a separação cidade/campo, por meio da divisão social do trabalho:

Em outras palavras, a expansão das atividades “não-agrícolas” engendradas no seio do complexo cafeeiro paulista não podia mais ser satisfeita internamente nas próprias fazendas, obrigando a um aprofundamento da divisão do trabalho e “delegando” novas funções às cidades. Estabeleceu-se assim, a partir do complexo cafeeiro paulista, uma mudança fundamental, com a passagem de uma economia aberta e mercado interno que começava a estruturar-se a partir das indústrias montadas nas cidades, mas ainda voltada à demanda dos segmentos da própria agricultura.

Mesmo com o passar dos anos e uma possível divisão do trabalho no campo, a concentração de terras por meio dos grandes latifúndios e a forma de sua utilização impulsionaram e caracterizaram a economia nacional, mas também trouxeram à tona questões sociais importantes, como a de que o uso da terra e seus benefícios se concentravam em uma minoria. Uma parcela significativa da população rural não dispunha de terra própria e nem de condições e recursos para explorar “terras alheias a título de arrendatário autônomo” (PRADO JR, 1987, p. 18). Para se ter a dimensão da dependência da grande maioria dos habitantes do campo dos grandes latifundiários, até a década de 1960 mais de 60% da força de trabalho da agricultura era de familiares dos donos da terra e de parceiros – agregados, arrendatários.

A dependência do latifúndio é afirmada pela relação do trabalhador rural com a oferta de mão de obra. Como a maioria da população rural não dispunha de terras próprias, impunha-se a necessidade de trabalhar em fazendas de outros proprietários, o que

²⁹ É importante mencionar que essa divisão social do trabalho foi um processo lento e gradativo, que não ocorreu assim que a Lei Áurea foi assinada em 1888, e que muitos trabalhadores das fazendas permaneceram por muito tempo desenvolvendo diversas atividades.

ocasionou uma grande quantidade de trabalhadores em busca de atividades no campo. O resultado da grande procura foi uma oferta salarial baixa e em condições precárias, e a dependência das “leis” impostas pelos latifundiários. Outro fator que contribuiu para a precarização do trabalho que, em sua maioria, se aproximava de um trabalho servil, foi a ausência de leis trabalhistas³⁰ que falassem em benefício dos trabalhadores rurais.

Outro marco importante no cenário rural brasileiro foi o processo de modernização técnica do campo, ocorrido logo após a II Guerra Mundial. De acordo com José Graziano da Silva (1996), o termo “modernização” é uma referência às transformações capitalistas na estrutura técnica da produção agrícola, ou seja, a utilização de “insumos” industrializados em substituição à agricultura “natural” e a inserção de maquinário na produção, com o objetivo de aumentar a produtividade. A “modernização” das técnicas de produção agrícola traz uma reconfiguração no ambiente rural, gerando uma necessidade de mão de obra especializada e, conseqüentemente, uma segregação daquele trabalhador rural braçal e desconhecedor das técnicas de manuseio das máquinas que adentraram o espaço antes dominado por ferramentas rudimentares.

Nesse contexto de tecnicidades surgiram as políticas de incentivo à industrialização da agricultura e também do trabalho no campo - financiamentos bancários e os cursos técnicos para a capacitação de mão de obra. Wanderley (2000) afirma que é a partir daí que as grandes propriedades rurais no Brasil foram definitivamente apropriadas como uma representação urbana: tenham elas ou não um caráter produtivo, a propriedade da terra estava associada a “objetivos econômicos”, afastando qualquer elo residencial e afetivo com o ambiente rural, já que raramente o proprietário do latifúndio reside na terra. Para a autora (2000, p. 31), os efeitos também são percebidos em outras categorias sociais que habitam o campo, “entre os trabalhadores agrícolas e pequenos agricultores as formas precárias e insuficientes de acesso à terra afetam a consolidação de laços com o lugar de moradia e a dinamização da vida social local”.

É importante destacar que, essa análise sobre esse rural mencionado pela autora, se refere a um contexto do rural no Brasil que estava localizado principalmente no sudeste do país. As áreas que estavam localizadas fora desse centro de modernização, da produção cafeeira e dos latifúndios, permaneceram na obscuridade, como por exemplo, o rural do sertão nordestino.

³⁰ No Brasil, a primeira CLT (Consolidação das Leis Trabalhistas) só foi implementada na década de 1950 no governo do então presidente Getúlio Vargas.

Outro elemento importante para a compreensão do rural brasileiro passa pela própria definição do ambiente rural. Aqui toda sede de município, independente do seu número de habitantes, é considerada cidade, e a zona rural compreende tudo que seria não urbano (que extrapola os limites da cidade), que são os lugares de paisagens naturais e de usos da terra para a produção agrícola local ou também os espaços improdutivos. Mas uma coisa é certa: os espaços rurais estão sempre afastados e diferenciados do urbano, como algo periférico e de dependência do que a cidade oferece – serviço de saúde, educação, comércio etc.

Nesse contexto, Florestan Fernandes (1973) afirma que é muito comum a existência de uma “vida urbana morta”, ou seja, pequenos municípios com um aglomerado urbano minúsculo que não vive as dinâmicas urbanas dos grandes centros, mas que são considerados cidades. A caracterização do autor pode muito bem ser usada para pensar o município de Wall Ferraz (PI) aonde está localizada a comunidade rural de Pau D’arco. Com uma população urbana muito inferior a rural, a sede do município é considerada o centro urbano mais próximo da comunidade e funciona para atender a algumas necessidades que o rural não supre. Mesmo assim, a pequena cidade de Wall Ferraz não vive e nem tem característica propriamente urbanas, e é um “município semirural” (LOPES, 1978) em que as trocas sociais se apresentam lentamente e elementos do rural são visíveis e de fácil identificação.

As fronteiras do território rural vão além do que comumente se entende como tal. Pensar esse território é observar um modelo de sociedade que entra em crise, em que a identidade está vivendo uma nova reconfiguração e que novas concepções acerca do próprio conceito são necessárias. Para Perez (2001), a primeira quebra conceitual veio da necessidade de se contrapor à dicotomia rural/urbano e substituí-la pela noção de local/global. Ou seja, atualmente o rural vai além da comparação em função do urbano, e passa a ter uma importância definida dentro de um contexto maior.

Nesse sentido, a autora aponta para a existência de vários usos e abrangências do sentido do rural: o primeiro deles é a de um território definido que tem um significado determinante dentro das dinâmicas econômicas, desde a grande propriedade, mas principalmente num contexto de agricultura familiar – onde a produção de produtos agrícolas e a criação de animais em pequena escala em comunidades rurais como a de Pau D’arco movimentam as pequenas feiras nas “cidades não urbanas” (FARIA, 1982). O segundo uso refere-se à existência de um modelo cultural, formas de consumo e de relações sociais que, em conjunto, compõem uma estrutura socioeconômica complexa,

tendo o rural uma dinâmica própria de existir. O terceiro remete a um conjunto de comunidades rurais em que, mediante trocas de informações e de movimentação entre si, criam canais de relações fortes – a comunicação e o contato entre membros de diversas comunidades afinam os laços sociais e fortalecem as sociabilidades entre as pessoas. Por último, a presença de instituições públicas ou privadas (sendo a prefeitura uma das mais importantes) em espaços que extrapolam os limites da sede urbana do município, articulando o funcionamento de alguns serviços dentro das comunidades. Em Pau D’arco, por exemplo, tais serviços estão visíveis no ônibus escolar que transporta os estudantes da comunidade até a sede do município, ou são reclamados pelos moradores quando solicitam consertos da estrada que liga as comunidades a Wall Ferraz. Sendo assim, o rural se mostra como um ator coletivo que se apresenta a partir de uma referência espacial – o território em si – inserido e atuando dentro de um campo de constantes trocas sociais.

No que diz respeito à população rural brasileira, ela hoje está caracterizada por pessoas que têm relação de parentesco – vínculo com unidade familiar agrícola e laços de vizinhança - e pelos assalariados que permanecem no campo. Apesar desse ser o principal tipo de população que reside nas áreas rurais no país, em nossos dias surge também um novo residente no campo: aquele que vem deixando os centros urbanos e migrando para o rural.

Isto acontece, sobretudo, lá onde o meio rural foi afetado pelos processos de descentralização econômica ou pode ser oferecido aos "urbanos" como um produto de consumo. Nestas áreas, com efeito, o meio rural é mais bem servido dos equipamentos coletivos necessários à vida moderna e dispõe de meios de comunicação e de transporte eficientes, que o integram aos espaços regionais mais amplos, circunstâncias às quais geralmente se acrescentam a existência de condições naturais - um clima especialmente agradável ou uma paisagem particularmente bonita -, um patrimônio cultural de grande riqueza, ou, ainda, a possibilidade de combinar o lugar de trabalho - rural ou urbano - com o lugar de residência rural (WANDERLEY, 2000, p. 33).

Outra característica importante das populações rurais é que elas são atualmente compostas basicamente pelos agricultores familiares, sendo estes, juntamente com suas famílias, a maioria da população rural. Então, os espaços rurais hoje são também lugares de uma pluriatividade, ou seja, membros das família que além da atividade agrícola desenvolvem outras atividades como meio de sobrevivência e também como forma de permanência no rural. Quando olhamos para Pau D’arco e para as composições das famílias que ali residem, a pluriatividade dentro da comunidade é bem perceptível. Além

das atividades de cultivo e de criação de animais, uma parte significativa dos moradores desenvolve outras atividades para complemento da renda familiar, seja trabalhando como diarista em propriedades rurais próximas, como funcionários públicos na sede do município ou como pequenos empresários.

Wanderley (2001) aponta que a pluriatividade das famílias rurais não pode ser entendida como uma fuga ou abandono das atividades agrícolas ou do rural, mas é uma forma adotada para a manutenção da estrutura familiar patrimonial através da afirmação dos laços, sendo o lugar da família um elemento de “referência e de convergência” mesmo estando membros desta em lugares diferentes que não a comunidade – por exemplo, na sede do município ou em outras cidades.

Nesse ponto, quando membros de famílias rurais mudam para cidades em busca de trabalho, os laços com o rural não são necessariamente rompidos, pois o contato com a família permanece e os elementos de referência se apresentam de várias formas – a comunicação constante com os familiares que estão no rural, as memórias etc. Em muitos casos também, a prática da pluriatividade é uma possibilidade de retorno para o meio rural. Por exemplo, em Pau D’arco alguns atuais moradores já habitaram em outros estados, como São Paulo e Goiás, trabalhando na indústria com o objetivo de juntar dinheiro suficiente para comprar um pedaço de terra na comunidade e retornar para aí viver definitivamente. Este é o caso dos moradores Henrique Moreira e Leocácio Ribeiro.

Sendo assim, o papel do agricultor e de sua família aponta para várias questões que muito dizem da valorização do território rural e da constituição familiar centrada na importância da terra e do lugar de representatividade do rural na formação identitária dos habitantes do campo. Ou ainda dos que não mais habitam mais no rural, mas que se reconhecem através do sentimento de pertencimento de lugar.

Assim, segundo Wanderley (2001, p. 37) estudar a importância do agricultor familiar é dar destaque a algumas questões:

a) o caráter pluriativo das famílias dos agricultores – no aspecto do trabalho, os afazeres rurais desempenhados pelas gerações mais novas das famílias agrícolas normalmente são complementados com outras formas de renda, como já mencionamos;

b) a prática de valorização do patrimônio familiar – normalmente se apresenta através da importância dada à propriedade da terra. Em Pau D’arco, quando se menciona com os moradores a questão da terra, eles enfatizam o processo de legalização através do registro de propriedade, assim como a ligação afetiva que os une ao lugar, através da

formação familiar e também da construção espaço-estrutural que a comunidade se encontra hoje;

c) a valorização da educação escolar como uma oportunidade de ascensão social – a valorização da formação escolar em comunidades rurais como a que estudamos vem possivelmente do grande número de moradores iletrados ou com pouco letramento (isso se apresenta principalmente no grupo de pessoas com maior faixa etária). Com a modernização do campo a necessidade da escolaridade se faz sentida. É a partir daí que inicia o incentivo das famílias para a formação dos mais jovens, enviados, em sua grande maioria, para estudar fora. Outro fator determinante para a escolarização são as políticas de incentivo do governo para a manutenção de jovens e crianças na escola;

d) práticas e valorização da ideia de pertencimento ao rural – é através desta questão que as pessoas que são ou têm origem no rural se afirmam com uma identidade, e demonstram valores que são próprios da vida rural;

e) associação do meio rural ao urbano, e o esforço de integralização dos dois espaços – esse movimento se apresenta quando, contrapondo-se ao imaginário de que o urbano é superior ao rural, os habitantes do rural, às vezes de forma involuntária, desenvolvem a necessidade de comparação tanto dos territórios, como das formas de vida, buscando aproximar (diminuir a distância) entre o campo e a cidade;

f) presença de quadros técnicos, vinculados a instituições governamentais e militantes não-governamentais, que visam sobretudo orientar as práticas agrícolas – em Pau D'arco, a questão se apresenta via Sindicato dos Trabalhadores Rurais do município que, em várias ocasiões, interfere nas dinâmicas de produção dos agricultores incentivando o uso de maquinário, de sementes selecionadas, de pesticidas, por exemplo, interferindo em uma prática de produção primária/tradicional.

Então, quando observamos toda essa conjuntura do rural e a força que este desempenha dentro de realidades de municípios como o de Wall Ferraz, percebemos a fragilidade do processo de urbanização do interior do Nordeste, e como isso fortaleceu a estrutura rural da região. Um rural que, mesmo enfrentando limitações estruturais - já que uma parte considerável não dispõe de serviços básicos como energia elétrica ou saneamento básico – se revela fundamental para a dinâmica social desses pequenos municípios.

[...] a maioria dos municípios do Nordeste tem uma frágil estrutura produtiva. A tradição agrícola regional definiu uma estrutura urbana deficitária, formada essencialmente por pequenos municípios, com função de intermediação

comercial primária, com baixo nível de urbanização e uma estrutura política marcada pelo “mandonismo local”, cuja base de poder sempre foi a propriedade da terra (WANDERLEY, 2001, p. 39).

No contexto exposto pela autora, o processo de modernização brasileiro trouxe para todas as regiões do país, não só para o Nordeste, o surgimento de pequenos municípios pouco “urbanos”, com a concentração industrial e do setor de serviços ainda nos centros urbanos. Em um país onde mais da metade dos municípios tem menos de 20 mil habitantes, cria-se uma dependência do rural com relação ao urbano principalmente na área de serviços (saúde, educação, transportes etc), mas também um forte entrelaçamento das duas realidades. O contato entre os que povoam os dois espaços permite uma troca social e uma proximidade entre o rural e o urbano. Isso é possível de perceber por meio da introdução de elementos que sempre foram exclusividade do ambiente urbano, e hoje vem adentrando a vida dos que vivem no campo, tais como a eletricidade, os meios de comunicação (televisão e internet), eletrodomésticos e produtos de consumo.

3.4 A pesquisa e a produção acadêmica sobre o rural

No Brasil, até por volta da década de 1980, a produção acadêmica sobre o rural foi limitada e enfrentou dificuldades na elaboração de novos conceitos que dessem conta de sistematizar a então fragmentada noção de rural. Os trabalhos escritos no período, principalmente no campo da sociologia rural, estavam fechados em estudos sobre os movimentos sociais e populares – sem-terra, assentamentos rurais, por exemplo. Mais recentemente podemos identificar uma reformulação das temáticas, que foram atualizadas com novas propostas epistemológicas e metodológicas, trazendo para as pesquisas sobre o rural outros recortes e atualizações de cunho conceitual, com trabalhos que vieram de uma base sociológica para pensar questões ligadas à identidade social, aos problemas de violência e de gênero, de cidadania e de políticas públicas direcionadas ao rural. Segundo Duarte (2014, p. 76), essas novas discussões acerca do rural só foram possíveis graças ao “contexto no qual já se constatava o fracasso do projeto político de modernização do campo brasileiro”.

Constatou-se, nos anos de 1990, que o projeto modernizador do campo brasileiro, que buscava superar o “atraso” do desenvolvimento rural no país através do processo de transferência de tecnologia e modernização das técnicas de manuseio e cultivo da terra,

foi fadado ao insucesso. A implementação dessas mudanças no campo foram realizadas sem nenhuma troca de experiência com as populações tradicionais que habitavam o rural: era o moderno adentrando num espaço até então habitado e habituado com práticas que foram desenvolvidas no decorrer do tempo e transmitidas oralmente de geração em geração.

Um conjunto de fatores - a utilização de tecnologias já consideradas arcaicas para o período, a avaliação, por parte das instâncias institucionais, de que o campo é homogêneo, a imposição das instituições financeiras - conduziu o pequeno produtor rural familiar ao desamparo econômico, social e educacional. As políticas de injeção de tecnologias, principalmente com a inserção de máquinas agrícolas, não levou em consideração que o Brasil é um país de realidades rurais diversificadas e que necessitava/necessita de projetos direcionadas para cada região ou comunidade.

Nesse contexto de modernização tecnológica, o Brasil saiu de uma situação de instabilidade econômica para se tornar um dos maiores produtores de produtos agropecuários do mundo, projetando-se como um país representativo dentro do agronegócio. Porém, o projeto modernizador do rural se restringiu à mudança da base tecnológica, não resultando na melhoria da qualidade de vida das populações rurais – essas continuaram vivendo em condições socioeconômicas precárias. Ou seja, o fracasso da modernização do rural se explica pela ausência de políticas que pensassem nos residentes do campo, e não apenas na transformação e implementação de novas técnicas e tecnologias de trabalho e produção.

Em razão do insucesso da modernização do campo, os estudos sobre o rural na década de 1990 estiveram mais direcionados para os problemas sociais do meio rural, e deixaram de lado a vertente dicotômica entre urbano (moderno, novo) e rural (atraso, antigo), ou ainda o tratamento de rural como *continuum*. As pesquisas sobre o rural estavam voltadas para o “Novo Espaço Agrário Brasileiro”, que tinha como objetivo as novas atividades não-agrícolas, com a proposta de um “novo mundo rural” que ia além do agropecuários, ou seja, com os novos projetos de urbanização do rural.

É preciso ampliar essa velha noção de rural para além das atividades produtivas tradicionais tais como culturas e criação de animais e incluir no espaço agrário a produção de serviços (tais como lazer turismo, preservação do meio ambiente, etc) e de bens não-agrícolas, como por exemplo, moradia, artesanato, incluindo aí também as formas modernas de trabalho a domicílio, tão comuns nos países desenvolvidos (GRAZIANO SILVA, 1993, p.11).

Porém, a existência dentro do espaço rural brasileiro de diferentes realidades impossibilitou a implantação do “novo mundo rural” em todas as regiões. Esse novo modelo foi desenvolvido voltado para regiões que tinham uma infraestrutura mais elaborada, com um contingente de pessoas considerável, e com atrativos que possibilitassem o desenvolvimento econômico da região – locais propícios ao turismo, à produção de artesanato etc. Para as regiões que o “novo mundo rural” não alcançava, o projeto de desenvolvimento vinha a partir do empoderamento rural com incentivo de participação em cooperativas, sindicatos, associações e outros agrupamentos coletivos. Uma abordagem crítica ao “novo mundo rural” aponta para uma modificação social e cultural no campo, através de uma tentativa de substituição das atividades tradicionais do rural – a troca do trabalho duro da roça pela prestação de serviço em outros espaços (hotéis fazenda, lojas de artesanato), por exemplo.

Com o entendimento de que há vários rurais, Wanderley (2000) defende a necessidade da elaboração de uma tipologia dos espaços rurais brasileiros. Partindo do pressuposto de que o meio rural não é homogêneo, a autora sugere a indicação dos principais “modelos” de espaços rurais que se baseiam nas relações sociais fundantes dos espaços geográficos não urbanos do país. Para ela, numa primeira hipótese esses espaços podem ser definidos por situações específicas “que correspondem a tipos e características de rurais”, que são seis:

- a) *O espaço rural como produto de consumo da população urbana.* Trata-se, neste caso, das situações nas quais pessoas de origem urbana se instalam no meio rural em busca de uma certa qualidade de vida [...].
- b) *A perda de vitalidade social nos espaços rurais onde predominam as grandes culturas.* Este é o caso, entre outros, das áreas de monocultura da cana-de-açúcar, nas quais a população mais numerosa era, historicamente, constituída pelos trabalhadores assalariados destas plantações. Apesar de viverem em situação de grande pobreza e precariedade, estes trabalhadores sempre foram o elemento dinamizador da vida social local [...] a expulsão em massa deste grande contingente de trabalhadores – a maioria transferido para as periferias das cidades – afetou profundamente o dinamismo da vida local nos espaços rurais [...].
- c) *A agricultura familiar que está no centro de uma atividade social intensa.* De um modo geral, as áreas onde a agricultura familiar é predominante correspondem às situações de maior intensidade da vida social local. Porém, este dinamismo depende, em grande medida, de um significativo contingente de “rurais”, dentre os quais merecem destaque: as perspectivas favoráveis da produção agrícola local e de suas atividades correlatas [...], que garantam um nível de renda à família; e a oferta de empregos não-agrícolas, no meio rural ou nas cidades próximas, de forma a gerar alternativas de ocupação para alguns membros da família e a favorecer a pluralidade de outros [...].

- d) *Os efeitos devastadores do êxodo rural sobre áreas de agricultura familiar.* [...] o abandono do rural é inevitável, com a consequente debilitação da vida social local [...]. Esta situação corresponde ao que se poderia chamar de “rural profundo” ou “rural remoto”, expressões que pretendem mais acentuar a precariedade das alternativas locais do que propriamente sua frequente localização geográfica em áreas mais distantes dos grandes centros urbanos.
- e) *A construção no espaço das áreas de fronteiras agrícolas: a vida social nas agrovilas.* [...] constituíram-se como um espaço residencial mais concentrado do que os tradicionais agrupamentos, estabelecendo-se uma distinção entre o lugar de trabalho – os sítios dos colonos – e o lugar da morada – a própria agrovila – que também reunia localmente os serviços eventualmente postos à disposição dos “colonos” [...].
- f) *Os assentamentos de reforma agrária: o retorno à vida rural.* Parte significativa dos beneficiários do programa de reforma agrária que vem sendo implantado no Brasil integra o contingente daquele trabalhadores rurais ou pequenos agricultores que haviam sido, anteriormente expulsos do campo. [...] A eles corresponde uma “situação” de reconstrução das bases de uma vida social local, através da retomada da experiência da coletividade local [...] (WANDERLEY, 2000, p. 34-36).

A partir das seis situações propostas por Wanderley (2000), é perceptível que houve uma reconfiguração desse espaço ao longo do tempo, e que também o rural está em constante modificação, constituindo-se nos diversos espaços geográficos brasileiros de formas variadas. Sendo assim, as novas condições sociais e econômicas do país têm solicitado discussões atualizadas acerca da importância da zona rural, pensando o campo além da produção de alimentos, o que vai gerar novas ideias sobre a ruralidade. Esta nova configuração do rural muito nos interessa, já que a chegada da eletricidade – como é o caso na situação que estamos estudando – se apresenta como um dos fatores cruciais para as possibilidades de reconfiguração do social no espaço rural.

Pensando na realidade da comunidade rural de Pau D’arco – objeto deste trabalho – é possível perceber um local que viveu até o ano de 2012 sem luz elétrica, no contexto de um país que traz uma grande diversidade de rurais. Mesmo com a inserção de um novo elemento em seu cotidiano, a eletricidade, e com as reconfigurações que vieram desde quando a primeira lâmpada foi acesa, Pau D’arco não se igualou necessariamente com os outros rurais – a sua realidade permaneceu e permanece peculiar.

As seis categorias para classificar as realidades rurais brasileiras propostas por Wanderley (2000) constituem uma tentativa de nomear essa gama de contextos que caracterizam os espaços não urbanos no nosso vasto território. Porém um determinado espaço rural não precisa necessariamente se enquadrar dentro de uma das categorias; ele pode ter características de mais de uma delas, assim como ter características particulares

que não estão listadas pela autora. Por exemplo, a categoria mais presente em Pau D'arco é a *“agricultura familiar que está no centro de uma atividade social intensa”*. Atualmente, a comunidade tem como principal base econômica o cultivo de produtos agrícolas para a consumo da família e dos animais, e para a comercialização nas cidades vizinhas, assim como a criação de animais – todas as famílias plantam feijão, milho e mandioca e criam caprinos, ovinos, suínos e aves. Em torno da produção agrícola de base familiar está a troca de relações sociais com a família e vizinhos.

Nesse mesmo contexto da agricultura familiar está o trabalho não-agrícola de alguns moradores, que trabalham na sede do município em Wall Ferraz e, no fim do dia, retornam à comunidade e complementam a sua rotina com pequenas atividades relacionadas à agricultura – cultivo de hortaliças no quintal de casa, criação de animais, por exemplo. Com isso, há uma pluralidade de atividades dentro da comunidade que possibilita formas de rendas que vão além da agricultura familiar.

Outra categoria que pode ser percebida em Pau D'arco é a do *“êxodo rural sobre áreas de agricultura familiar”*. A mudança de habitantes da comunidade para áreas urbanas aconteceu principalmente com a população mais jovem em meados da década de 1990 e início dos anos 2000. Segundo relatos dos moradores, o fato aconteceu devido aos constantes anos de intensa estiagem, que “obrigaram” alguns a migrarem para outras regiões do país (principalmente os estados de São Paulo e Goiás) em busca de emprego. Mesmo indo morar em outros lugares distantes da comunidade de origem, o retorno anual, normalmente nos meses de julho e dezembro para visitar parentes, traz estes antigos moradores para um reencontro com todas as memórias da ruralidade através dos ambientes, da culinária, das histórias do passado, possibilitando-lhes também acompanhar as mudanças ocorridas durante o período de ausência. Sendo assim, é possível afirmar que o rural hoje vive um momento que pode ser um espaço de memórias, mas também tem estado em constante transformação por meio de elementos que vão sendo inseridos na realidade cotidiana das comunidade – como a eletricidade, a televisão, o telefone celular etc.

Outro fator fundamental para a reconfiguração do campo tem sido a crescente proximidade do mundo rural com elementos que antes eram exclusivos do mundo urbano. Isso não significa que esteja havendo uma urbanização do ambiente rural, mas que o contato com situações e aspectos que, até pouco tempo atrás, eram característicos das cidades (os meios de comunicação entram aqui), possibilitou uma interação entre os mundos. O que é importante destacar é que, segundo Laubstein (2011, 97), “as relações

entre o campo e a cidade não destroem as particularidades dos dois polos e, por conseguinte, não representam o fim do rural [...] as transformações do rural, intensificadas pelas trocas materiais e simbólicas com o urbano, fazem emergir uma nova ruralidade”.

4 PENSANDO A MODERNIDADE

A modernidade enquanto processo histórico é tida como um estilo de vida ou uma organização social que surgiu na Europa a partir do século XVII e que posteriormente se expandiu para diversas partes do mundo. Para Giddens (1991), é compreensível associar a modernidade a um período de tempo, assim como a uma localização geográfica. Um período de tempo que traz mudanças significativas na sociedade e que se amplia por anos fixando novos valores sociais, econômicos, políticos³¹ e culturais.

O paradigma da modernidade deu apoio à formação sociocultural da Europa se estendendo até meados do século XX, tendo como principais fundamentos a valorização de dois elementos/conceitos que nortearam todo o projeto modernizador: a razão e o progresso. Nesse sentido, a lógica moderna estava fincada em um movimento de dualidades – o antigo x o moderno, o espírito x o corpo, a razão x a magia etc. A busca da racionalidade do ser humano, que fora comum na Antiguidade Clássica, tem um retorno no período do Renascimento e posteriormente no Iluminismo, impulsionada principalmente pela exatidão das formas, linhas e pensamentos embasados na razão e na técnica.

Para Weber (1999, p. 4), o pensamento moderno se disseminou no Ocidente em diversos campos – nas artes, na ciência, nas leis, na economia, com a afirmação do capitalismo industrial, e também na política, através do Estado Moderno. “O próprio ‘Estado’, tomado como entidade política, com uma ‘Constituição’ racionalmente redigida, um Direto racionalmente ordenado, e uma administração orientada por regras racionais [...]”.

Mas, para o autor, é no campo econômico a maior representatividade do espírito moderno, o Capitalismo. O Capitalismo, aqui entendido por Weber, não se resume à simples prática da busca exacerbada pelo lucro (segundo o autor, qualquer pessoa, independente de classe social ou de posicionamento profissional, sempre busca o lucro) mas vai além, estando associado diretamente às formas racionais da técnica e sendo dependente do desenvolvimento das ciências exatas da natureza, que foram amplamente utilizadas para dar base ao “moderno capitalismo racional” que se baseia “não só nos

³¹ É nesse período que estudiosos como Adam Smith começam os escritos sobre o pensamento econômico moderno.

meios técnicos de produção, como num determinado sistema legal e numa administração orientada por regras formais” (p. 10).

No entanto, Weber aponta que a racionalização na cultura ocidental vai além da esfera da economia; elementos que envolvem o mítico na modernidade são pensados em uma lógica racional, assim como tudo que compõe a vida social, havendo um processo de secularização.

Já para Simmel, pensar a modernidade é fazer um movimento de observação do processo histórico através do cotidiano, principalmente na realidade dos centros urbanos (o autor se debruça sobre a vida na Alemanha Ocidental). A modernidade em Simmel é ambígua, pois pode alienar como também libertar o indivíduo, e é aqui que o autor mantém a sua crítica ao mundo moderno e às tendências da vida propostas pela modernidade – o enfraquecimento das emoções, o “abandono” da tradição e do passado, a individualização.

Para o autor (1989; 2004), os impactos da modernidade eram perceptíveis no avanço da burguesia e nos efeitos produzidos no espírito humano, em que poucas pessoas conseguiam de fato se beneficiar do “desenvolvimento” cultural sem ser influenciadas pela irracionalidade. É neste sentido que Simmel às vezes interpreta a modernidade como uma ameaça que produz uma economia totalmente monetarizada, levando a sociedade a uma série de processos alienantes - a excessiva valorização do dinheiro em detrimento da cultura, por exemplo, é uma das principais características da modernidade.

Para o autor, a supremacia da economia monetária, a secularização do indivíduo e a ausência das emoções são alguns dos elementos alienantes presentes na sociedade moderna. A alienação em Simmel está diretamente correlacionada com a cultura. Na modernidade, o processo interativo de aquisição cultural e de valorização do sujeito em detrimento do objeto são impossibilitados, pois os indivíduos apenas incorporam objetos de consumo em suas vidas, não tendo a possibilidade de ter conhecimento sobre ou através deles – tais elementos de consumo são voláteis e passageiros. A diversidade dos objetos faz com que os indivíduos não conheçam e deem a eles apenas uma instrumentalização, separando cada vez mais uma “cultura das pessoas” e uma “cultura das coisas”. Então, para o autor, a modernidade é uma experiência vivida pelos indivíduos; pensar a modernidade é perceber os valores que estão em disputa na sociedade, entender a noção de liberdade relacionada ao desenvolvimento da individualidade.

A modernidade é um período de descontinuidade histórica, que rompe com as já fixadas formas que delineavam a vida social, econômica e política da sociedade do período inicial – por exemplo, se desvincula do processo de produção e de vida tribal para se estabelecer em meio aos estados agrários, e posteriormente na sociedade industrial/tecnicista. Os modos de vida produzidos no moderno “nos desvencilharam de *todos* os tipos tradicionais de ordem social de uma maneira que não tem precedentes” (GIDDENS, 1991, p. 14). As mudanças que ocorreram na modernidade são consideradas como as mais profundas até então. As transformações vieram para alterar tanto o campo institucional como a experiência cotidiana na afetação direta ao sujeito.

Porém, mesmo sendo a modernidade a precursora de novas formas de hábitos em várias instâncias do social, política e economia, o moderno não quebra abruptamente com todos os laços da tradição. As mudanças que vieram ocorrendo nos últimos quatro séculos são tão drásticas que merecem uma atenção para que se possa interpretá-las.

Para Giddens (1984, p. 5), uma das possibilidades de compreensão da modernidade vem através do entendimento de que a história não é um processo totalizador, não podendo ser vista como uma unidade; o tempo e o ritmo dos acontecimentos sociais são variáveis, dependendo, por exemplo da localização geográfica, da situação econômica, do regime político etc. Porém, o autor frisa que a multiplicidade de “histórias” não deve nos levar a pensar que vivemos em um caos, e que há episódios na história da humanidade que podem ser vistos como marcos transitórios³², como episódios marcantes.

Partindo do princípio de que a modernidade é antes de tudo um processo de descontinuidade histórica, ela pode ser percebida por meio de características que a diferenciam das instituições e ordens sociais tradicionais. Para Giddens (1991, p. 15), a primeira delas é o “*ritmo de mudança*” – o movimento da modernidade é diferente e mais rápido do que o que se percebia nas sociedades tradicionais; a dinâmica é extrema e abrange todas as esferas sociais, mas é mais perceptível nas tecnologias. A segunda descontinuidade está no “*escopo da mudança*” – as mais diferentes partes do mundo são postas em contato por meio das transformações sociais. E a terceira característica está na “*natureza intrínseca das instituições modernas*” – “algumas formas sociais modernas simplesmente não se encontram em períodos históricos precedentes [...]”, como por

³² Um exemplo disto são determinados acontecimentos que são utilizados para “dividir” as idades históricas e são tidos como marcos na linha do tempo da história da humanidade – a queda do Império Bizantino em 1453 marcou o fim da Idade Média e deu início a Idade Moderna, por exemplo.

exemplo, o modelo político do estado-nação, a mão de obra assalariada, as transformações no campo econômico por meio da industrialização.

No caso específico da terceira característica proposta pelo autor, a questão espacial e temporal da modernidade se evidencia com a convicção de que cada cultura tem um tempo específico para a “entrada” ou não no intitulado mundo moderno. Não foram em todos os lugares do planeta que a modernidade nos moldes do capitalismo europeu se estabeleceu. Por exemplo, veremos a seguir que no contexto da América Latina o que se estabeleceu como modernidade veio séculos depois e com características diferentes do que aconteceu na Europa moderna. Ou seja, não se pode pensar o processo histórico como linear e nem totalizador.

As mudanças na modernidade têm relação direta com as transformações do tempo e do espaço que são evidenciadas por meio do contraste com as sociedades pré-modernas. Nas sociedades pré-modernas ou tradicionais existiam maneiras próprias de estabelecer o tempo, que estavam relacionadas também à noção de espaço. Para essas sociedades o tempo estava presente na vida cotidiana e sempre era associado ao lugar – a posição dos astros, as estações do ano, o movimento das marés. Fatores imprecisos e variáveis determinavam a organização tempo-espaço no pré-moderno, tendo cada sociedade maneiras próprias de medição do tempo e do espaço.

Já no cenário da modernidade, o tempo e o espaço não estão necessariamente associados. Acontecimentos determinantes, como a invenção do relógio mecânico e sua popularização no final do século XVIII, foram fundamentais para a separação entre o tempo e o espaço. “O relógio expressava uma dimensão uniforme de tempo ‘vazio’ quantificado de uma maneira que permitisse a designação precisa de ‘zonas’ do dia (a ‘jornada de trabalho’, por exemplo)” (GIDDENS, 1991, p. 26). A partir daí, passou a existir uma padronização no tempo – as sociedades ocidentais, por exemplo, têm calendários comuns com marcos próprios que criam uma noção de universalidade do tempo.

É importante destacar, no entanto, que a separação entre o tempo e o espaço não pode ser pensada como absoluta, sem a existência de reversões. Na modernidade a recombinação do tempo e espaço está sistematizada na experiência da vida cotidiana, mas é marcada através do uso de meios tecnicistas, ou seja, uma “organização racionalizada”. As tecnologias – sejam elas as mais simples ou mais complexas (os meios de comunicação e as redes de informação se encaixam aqui) – permitiram a conexão entre “o

local e o global de formas que seriam impensáveis em sociedade mais tradicionais, e, assim, afetam rotineiramente a vida de milhões de pessoas” (GIDDENS, 1991, p. 28).

Baudelaire (1997; 2002) afirma que a modernidade, além de ser uma descontinuidade histórica, é sobretudo um processo transitório da tradição para o moderno, do local (específico) para o global. Neste sentido, nas culturas tradicionais há uma valorização dos símbolos que remetem ao passado, uma convocação do conhecimento por meio da experiência como forma de continuidade e transmissão das práticas da comunidade. A tradição, enquanto movimento transitório, não pode ser pensada estaticamente, pois ela é reinventada a cada geração. Por exemplo, a tradição nas sociedades pré-modernas não é vista como o extraordinário; ela beira muitas vezes o ordinário (o natural), de tão imersa no cotidiano, não existindo uma necessidade de convocação do passado para colocar hábitos tradicionais em prática.

Nas culturas orais, a tradição não é conhecida como tal, mesmo sendo estas culturas as mais tradicionais de todas. Para compreender a tradição, como distinta de outros modos de organizar a ação e a experiência, é preciso penetrar no espaço-tempo de maneiras que só são possíveis com a intervenção da escrita. A escrita expande o nível do distanciamento tempo-espaço e cria uma perspectiva de passado, presente e futuro onde a apropriação reflexiva do conhecimento pode ser destacada da tradição designada. Nas civilizações pré-modernas, contudo, a reflexividade está ainda em grande parte limitada à reinterpretação e esclarecimento da tradição, de modo que nas balanças do tempo o lado do “passado” está muito mais abaixo, pelo peso, do que do “futuro”. Além disso, na medida em que a capacidade de ler e escrever é monopólio de poucos, a rotinização da vida cotidiana permanece presa à tradição no antigo sentido (GIDDENS, 1991, p. 45).

Neste sentido, a modernidade assume um papel diferenciado por meio da reflexividade. A ideia de rotinização da vida cotidiana no moderno não tem nenhuma relação direta com a tradição, mas com os meios técnicos inseridos na vida das pessoas (os meios de comunicação podem estar aqui). A exceção é quando se recorre ao passado para uma renovação do conhecimento; o passado é convocado num movimento que permite a atualização de acontecimentos anteriores. A reflexividade na modernidade é percebida nas práticas da vida social que são alteradas em meio a “descobertas sucessivas” – a tecnologia é um exemplo disto.

Pensando no sentido do que vem a ser a modernidade, em que a ideia da descontinuidade, das misturas e da reflexividade são visíveis, como aponta Giddens,

observar comunidades como a de Pau D'arco nos faz perceber o quanto o processo de transição de uma “sociedade” tradicional para uma sociedade com características de uma modernidade própria é não estático e particular. Entendemos que a comunidade pesquisada ainda está em um movimento que rompe com vínculos dos antepassados por meio da inserção de novos hábitos da vida em comunidade, mas que recorre à tradição para se firmar enquanto grupo que tem características próprias e que ainda não está inserido totalmente no sentido complexo do que é o moderno de fato.

Por exemplo, percebemos traços da modernidade no que diz respeito ao modo de produção/cultivos dos produtos agrícolas plantados na comunidade. Em relato do senhor Antônio Moreira da Silva (hoje o morador vivo mais antigo da comunidade), no início da povoação do território que hoje é Pau D'arco, a época de começar o plantio das diversas culturas agrícolas (arroz, feijão, milho e mandioca) se dava a partir da queda das primeiras chuvas na região em meados de novembro. Quando a chuva não vinha no penúltimo mês do ano, o sertanejo morador da comunidade sempre tinha a esperança de que até o dia de Santa Luzia (13 de dezembro) a chuva viria e o trabalho de cultivo da terra poderia ser iniciado. Se a estiagem permanecesse, a expectativa e fé de que o “inverno”³³ fosse bom e com uma frutífera colheita era transferida para o dia de Santo Reis (06 de janeiro). Se a chuva continuasse ausente, a última opção era o 19 de março, dia de São José. Caso a chuva não caísse, a seca estava confirmada e juntamente com isso um ano de extrema dificuldade.

Observando o relato do morador, percebemos que a comunidade tem suas bases históricas fixadas no tradicionalismo cristão, que evocava as divindades como meio de intervir nos meios de produção da principal forma de subsistência e de fonte de renda da comunidade, a pequena produção agrícola. Mas, com o passar dos anos, e de forma mais específica em meados da década de 1990, com as políticas de incentivo agrícola dos governos federal e estadual, técnicos da Emater (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural) começaram a frequentar Pau D'arco com o intuito de orientar os pequenos produtores rurais a lidar com a seca, por meio da utilização de aparelhos tecnológicos de análise do clima, previsão de precipitação pluviométrica, análise de solo e adequação de culturas agrícolas. Com isso, as previsões de chuvas que eram marcadas pelo calendário de santos católicos passou a ser complementada pelos estudos do clima da região.

³³ O período de chuvas na região – novembro a março – é considerado o inverno (na verdade, é o verão no hemisfério sul).

Mesmo com as pesquisas de ordem científicas baseadas em análises técnicas, as “experiências” realizadas com o intuito de saber se haverá bom “inverno” no ano ainda permanecem entre a população mais velha, mantendo assim uma tradição que já foi rompida pelos mais jovens. “Hoje aqui nos Pau D’arco só eu, Zé Raimundo e João Baé que ainda faz a experiência da pedra de sal³⁴ no dia de Santa Luzia. Os mais novos acreditam mesmo é na previsão da Maju³⁵ do *Jornal Nacional*. Mas, eu acredito na Maju, mas primeiro nos meus santos” (Antônio Moreira da Silva, 2017).

Sendo assim, com traços que estão tanto no passado quanto no presente, Pau D’arco vem delineando sua história nas últimas décadas. É a tradição que caminha lado a lado com o “moderno”, com as especificidades da época atual, com um estilo de vida que está se inserindo dentro do que Giddens chamou de um “*ritmo de mudança*” que está mais dinâmico, e que se percebe tanto na ruptura com as tradições de cunho religioso como na inserção de elementos de ordem tecnológica – eletricidade, meios de comunicação eletrônicos, máquinas agrícolas, por exemplo. As mudanças em Pau D’arcos são muitas e para quem vive na comunidade há anos, elas são visíveis. Mesmo assim, compreendemos que é um espaço que ainda vive em um processo de adaptação com os diversos elementos de uma modernidade particular; em tudo condiz totalmente com as características de um mundo moderno, já que não existe uma mudança abrupta de hábitos. Muito já se modificou nos últimos anos, mas o encontro com o tradicional, com a oralidade, ainda é algo fácil de ser encontrado em Pau D’arco. Além de que, lugares como Pau D’arco, que vivem com uma modernidade peculiar³⁶, não são tidos como os espaços em que afloram a modernidade no sentido mais “puro” do termo. É na cidade que a vida moderna acontece, desenvolve as variadas formas de sociabilidade, de práticas econômicas e políticas que a modernidade vem evocando ao longo dos séculos (IANNI, 2000).

³⁴ A experiência da “pedra de sal” é uma prática feita pelos sertanejos nordestinos que, na noite véspera do dia de Santa Luzia (13 de dezembro), colocam uma vasilha com pedras de sal para dormir no sereno. De acordo com a tradição, se as pedras de sal amanhecerem úmidas/molhadas, será um ano de muita chuva na região; caso contrário será um ano de seca. A tal experiência é tão famosa no Nordeste que foi retratada por Luiz Gonzaga na música “A triste partida” – “Meu Deus, meu Deus/Setembro passou/Outubro e novembro/Já estamos em dezembro/Meu Deus, que é de nós/ (Meu Deus, meu Deus)/Assim fala o pobre/Do seco nordeste/Com medo da peste/Da fome feroz/A treze do mês/Ele fez experiência/Perdeu sua crença/Nas pedras de sal [...]”.

³⁵ Referência à apresentadora da previsão do tempo do *Jornal Nacional*, Maria Júlia Coutinho.

³⁶ Falamos em uma modernidade peculiar/própria/particular em Pau D’arco porque não consideramos que a comunidade esteja vivendo um processo de pré-modernidade, como propõe Giddens, já que, no entendimento do autor, as sociedades pré-modernas estão por vir a ser e a viver a modernidade do sentido Europeu do termo, com mudanças em todas as esferas da sociedade.

4.1 O processo de modernidade e modernização na América Latina

Pensar a modernidade na América Latina é compreender que os acontecimentos ocorridos no continente não condizem necessariamente com os vividos em outros lugares, como a Europa, por exemplo, tanto no sentido temporal quanto no que diz respeito à própria noção dos ideais do que foi o período moderno no velho mundo. Para Canclini (1989; 1997, p. 67), a modernidade experienciada pela América Latina é resumida pela ideia de que aqui se teve um “modernismo exuberante”, enquanto que o processo de modernização em si foi deficiente.

A primeira questão determinante em nosso contexto histórico se refere à própria colonização; tivemos um processo de dominação territorial e cultural por nações que, no cenário europeu, já não acompanhavam o processo modernizador do continente em sua completude. Portugal e Espanha eram tidas como nações atrasadas quando comparadas a França e Inglaterra, por exemplo, que viviam movimentos antimodernos (como a Contra Reforma), e foi apenas nos anos pós independência (séc. XIX) que o Brasil vai viver as “ondas de modernização”.

Os primeiros sinais de um modernismo latino-americano tiveram início no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Os intelectuais formados na Europa, as ideias progressistas no campo da política, alguns investimentos na educação com o intuito de diminuir o número de iletrados são os indícios da tentativa de modernização nos países da América Latina. Posteriormente, já nas primeiras décadas do século XX até os anos de 1940, as tais “ondas de modernização” foram evidenciadas através da expansão do capitalismo, da imprensa, da instalação de emissoras de rádio e o aumento do número de centros urbano.

Para Canclini, todos esses movimentos de modernização da América Latina não foram suficientes para “cumprir as operações da modernidade europeia”. Não existiu um desenvolvimento suficiente para haver uma democratização cultural, pois o elevado número de iletrados continuou sem acesso à produção de bens culturais. É nesse contexto que autor (1997, p. 68), aponta a necessidade de comparações entre os índices europeus e latino-americanos.

[...] Na França, o índice de alfabetização, que era de 30% no Antigo Regime, sobe para 90% em 1890. Os 500 jornais publicados em Paris em 1860 se convertem em 2000 em 1890. A Inglaterra, no início do século XX, tinha 97% de alfabetizados; o *Daily Telegraph* duplicou seus exemplares entre 1860 e 1890, chegando a 300 000; *Alice no País das Maravilhas* vendeu 150 000 cópias entre 1865 e 1898. Cria-se, deste modo, um duplo espaço cultural. De um lado, o de circulação restrita, com ocasionais vendas numerosas, como a do romance de Lewis Carrol, espaço em que se desenvolvem a literatura e as artes; de outro, o circuito de ampla difusão, protagonizado nas primeiras décadas do século XX pelos jornais, que iniciam a formação de públicos maciços para consumo de textos.

Observando os dados dos países europeus, é possível concluir que um dos indicadores de acesso aos bens culturais produzidos no período moderno era o letramento, havendo, nesses países, uma distinção clara entre a cultura artística (de valorização do profissional e de sua obra) e o mercado massivo. Esse letramento, no entanto, e o maior acesso à literatura e/ou aos jornais não implicava necessariamente a existência de uma sociedade mais racional ou sensível, pois, como aponta Simmel, a modernidade também se caracterizava pela irracionalidade e pela a supremacia do dinheiro sobre a cultura.

No contexto latino-americano, o número de iletrados sempre foi significativo, havendo uma melhoria no decorrer do século XX, porém permanecendo como um problema que persiste até os dias atuais. Quando observamos comunidades rurais como a de Pau D'arco, onde o número de pessoas iletradas ainda é grande, percebemos que esta é uma questão que ainda afeta a realidade de muitos lugares e, conseqüentemente, interfere no acesso e consumo da produção escrita, seja literária, jornalística ou mesmo de informações simples relacionadas à vida cotidiana. Então, tentar impor, através dos movimentos de modernização, uma cultura escrita em um continente de cultura essencialmente oral não foi uma estratégia que deu certo. A consequência foi que a modernidade atingiu apenas uma minoria, reduzindo ao termo “moderno” apenas os letrados que, segundo Canclini, não chegava a ser a metade da população do continente na década de 1920.

Neste sentido, o processo de modernização atuou na preservação hegemônica das classes dominantes, que apresentavam uma clara superioridade escolar em comparação com as classes populares, sendo as únicas a consumirem também os bens produzidos pela cultura escrita (livros, jornais e revistas).

O autor (p. 69) identifica também na cultura visual um lugar de dominação, através de três elementos: o primeiro, a distinção entre a arte e o artesanato – havendo

uma valorização da primeira; segundo, a concentração dos bens simbólicos em lugares de acesso limitado – galerias, museus, palácios; e por último, uma hierarquização da recepção destes bens.

Angel Rama (1984) afirma que a “*ciudad letrada*” é o que caracteriza o projeto europeu da modernidade, no qual o sujeito letrado sempre teve um lugar privilegiado e o letramento era utilizado para alcançar posições. “La letra apareció como la palanca del ascenso social, de la respetabilidad pública y de la incorporación a los centros de poder” (p. 75). Esse projeto configura o plano intelectual que tentou estabelecer uma cultura moderna própria dentro na América Latina, e do qual estavam excluídos os grupos sociais afastados da elite intelectual – a grande maioria desses grupos estava ligada ao mundo rural de cultura oral.

De acordo com José Brunner (1994, p. 62), o projeto da modernidade proposto pela elite intelectual letrada na América Latina aponta para uma cultura baseada em máscaras e falseamentos, através de um intenso processo de comunicação com o exterior – num primeiro momento com o pensamento europeu e, logo em seguida, com o norte-americano. Sendo assim, a essência da nossa modernidade está no que o autor chama de uma desterritorialização da cultura latino-americana, que quebra o vínculo com a tradição oral e se aproxima de valores sociais e culturais diferentes por meio de redes comunicativas.

No Brasil, os primeiros movimentos em direção à modernidade vieram por meio do modernismo da década de 1920 e, assim como nos demais países da América Latina, também se apresentou através de intelectuais oriundos das classes dominantes que viviam no centro-sul do país e, majoritariamente, com formação em universidades europeias. Mesmo na literatura e nas artes plásticas (a exemplo da Semana de Arte Moderna de 1922), a modernidade descrita pelos poetas e artistas não condizia com a realidade vivida pela grande maioria da população brasileira. As referências modernas que eram descritas constituíam uma constante procura por elementos que introduzissem o Brasil na modernidade – “[...] a asa do avião, os bondes elétricos, o cinema, o *jazz-band*, a indústria [...]” (ORTIZ, 1994, p. 185). Então, a principal ideia do modernismo era o rompimento com o passado e com as tradições, visando uma sociedade revolucionária, tendo na atualização da literatura e da artes, bem como na industrialização os principais motes para a modernização da sociedade.

Mesmo em um contexto em que elementos “modernizadores” estavam adentrando o território brasileiro, é relevante mencionar que na década de 1920, 75% da população

era iletrada e mais da metade vivia em áreas rurais (ORTIZ, 1988). Então, o mercado literário e de artes, como afirma Canclini fazendo referência aos demais países latino-americanos, era consumido apenas pela elite intelectual dos grandes centros urbanos, e a classe artística tinha dificuldade com sua produção, tendo em muitos casos que desenvolver outras atividades profissionais – professores, jornalistas e funcionários públicos. Nesse contexto social, a “modernidade cultural” brasileira, em seus primeiros anos, era segregada e excluía as classes populares e grupos marginalizados.

No que diz respeito ao processo de modernização da economia e do trabalho na América Latina, Domingues (2009) afirma tratar-se de uma utopia. As investidas do projeto modernizador constituíam uma tentativa de homogeneização das condições sociais dentro dos países, ou seja, uma economia baseada no controle do Estado, em que o mercado era comandado por instituições que coordenavam o social. Os direitos dos trabalhadores se resumiam na “venda da força de trabalho”, com uma “liberdade” limitada à de vender e comprar, objetivando a afirmação de um projeto de nação forte e moderna.

No entanto, os impulsos modernos no território latino-americano tiveram seus momentos de desenvolvimento, em um processo longo e parcial que pode ser visto até os dias atuais. Como efeitos da modernização econômica, as empresas de capital estrangeiro começaram, nas primeiras décadas do século passado, a fincar suas multinacionais em solo latino-americano, impulsionadas pela abertura econômica dos países, e sobretudo, pelas “ofensivas modernizadoras”. Segundo Domingues (2009, p. 80), é a partir desse momento que as formas de dominação do trabalho começaram a ser superadas (escravidão, peonagem etc), e abriram-se as portas para o surgimento do trabalho assalariado, das primeiras leis trabalhistas, mas ainda assim numa economia direcionada à acumulação de capital e regida pelas classes dominantes.

Mesmo com toda a investida na modernização do continente, o processo de industrialização e regulamentação do trabalho assalariado e legal no início do séc. XX foi lento e parcial. Tanto assim que a “Revolução de 1930”, no Brasil, dirigida por Getúlio Vargas, veio com o discurso de rompimento com o tradicional e sobretudo com o passado agrário, buscando implantar, a partir daquele momento, o modelo de uma nação industrial, com mão de obra assalariada.

Portanto, a liberação do trabalho foi ocorrendo aos poucos, e é nesse contexto que a economia progrediu com bases num capitalismo liberal e de intensa valorização dos lucros, com um crescimento significativos dos centros urbanos (no caso brasileiro, mais especificamente da cidade de São Paulo). As relações com as grandes potências do

mercado global foram sendo estreitadas, dando a ver o aparecimento de uma economia interna que começava a dar seus primeiros passos. “De todo modo, a América Latina permaneceu como posse dos latifúndios e ‘hacendados’, cuja riqueza e poder era garantida pela exportação de produtos primários para países centrais do sistema capitalista [...]” (DOMINGUES, 2009, p. 81). Ou seja, nesse momento da história do continente, por mais que os países estivessem fazendo investidas para uma economia industrializada/moderna, continuaram sendo nações agrárias, com produção primária e com indústrias manufatureiras.

Assim, nesse contexto em que o capitalismo se implantava, marcado pela supremacia do dinheiro e a busca do enriquecimento, todo sucesso ou insucesso do homem “moderno” do início do século XX era atribuído a ele próprio, fosse oriundo da elite ou das classes populares; o discurso disseminado pelo capitalismo centrava no esforço individual a possibilidade de enriquecer. Em países em que a industrialização ganhou força na década de 1940, como a Argentina e o Brasil, o trabalhador assalariado era tido como livre e com “condições” de manutenção da sua vida em sociedade. Porém, o que não era mencionado pelos discursos modernos era que a grande massa assalariada, produtora dos bens industrializados, não era consumidora dos mesmos, configurando a existência de um “um tímido mercado de consumo”.

No tocante ao modernismo cultural, ao contrário do que se imaginava, de que poderia nutrir ideias contra o nacionalismo, foi-se criando e firmando elementos simbólicos para a formação de uma identidade nacional (CANCLINI, 1994, p. 81). Os movimentos de vanguarda iniciados nos anos de 1920 continuaram se fortalecendo, e as ondas de defesa de uma “brasilianidade” vieram sedimentando ideias de construção de uma nação oposta às oligarquias agrárias fincadas no conservadorismo, com a tentativa de valorização da cultura e de movimentos artísticos nacionais, e a expulsão dos “dominadores externos”.

Esse movimento da construção de uma identidade nacional com elementos caracterizadores da cultura dos países latino-americanos também se apresentou em outros lugares que não somente no Brasil; no México, os painéis de Diego Rivera se inspiraram nas civilizações pré-colombianas e na arte popular. Assim o modernismo no nosso continente, como afirma Canclini (1994, p. 83), interferiu em alguns setores na tentativa de uma modernidade nos moldes europeus, mas marcado por suas peculiaridades:

[...] em nenhuma dessas sociedades o modernismo foi a adoção mimética de modelos importados, nem a busca de soluções meramente formais. Até os nomes dos movimentos, [...] mostram que as vanguardas tiveram um enraizamento social: enquanto na Europa os renovadores escolhiam denominações que indicavam sua ruptura com a história da arte – impressionismo, simbolismo, cubismo -, na América Latina preferem ser chamados por palavras que sugerem respostas a fatores externos à arte: modernismo, novomundismo, indigenismo.

[...] diferentemente das leituras obcecadas em tomar partido da cultura tradicional ou das vanguardas, seria preciso entender a sinuosa modernidade latino-americana repensando os modernismos como tentativas de interferir no cruzamento de uma ordem dominante semi-oligárquica, uma economia capitalista semi-industrializada e movimentos sociais semitransformadores.

Tanto para Canclini quanto para Ortiz, perceber os “semis” do processo modernizador da América Latina não significa que tenha havido uma má adoção do modelo de modernização europeu – mas antes a existência de uma construção distinta daquela que lhe deu origem (ou serviu de inspiração). Reduzir todos os acontecimentos ocorrido no continente no final do século XIX e nas primeiras décadas do XX a um constate dualismo entre tradicional e moderno, dependência externa e nacionalismo, urbano e rural é simplificar o período histórico, sendo que essas primeiras décadas foram apenas o início do que seria mais intenso na segunda “onda de modernização” vivida a partir dos anos de 1950.

No contexto geral da América Latina, Canclini (1997, p. 85) aponta que entre os anos de 1950 a 1970 são verificados “sinais de firme modernização socioeconômica” no continente. A solidez do desenvolvimento econômico acentuado pelo crescimento industrial através do acompanhamento das novas tecnologias do mercado, o aumento considerável das importações e o número de empregados assalariados, caracterizaram a modernização econômica pondo o continente no circuito da economia mundial. Outro fator importante foi o grande crescimento dos centros urbanos, aumentando significativamente os índices populacionais e emergindo as grandes metrópoles latino-americanas, como por exemplo, São Paulo, Lima e a Cidade do México.

Deve-se também evidenciar, nesse período, o significativo aumento na produção de bens culturais que, segundo o autor, se deveu em parte às grandes concentrações urbanas, mas principalmente, ao aumento das taxas de escolaridade (com uma redução no número de iletrados e o crescimento da população universitária) e, sobretudo, à popularização de novas tecnologias de comunicação, principalmente da televisão, “que

contribuíram para a massificação e internacionalização das relações culturais e apoiam a vertiginosa venda dos produtos ‘modernos’, agora fabricados na América Latina: carros, aparelhos eletrodomésticos etc.” (CANCLINI, 1997, p. 85).

Os países latino-americanos, principalmente o Brasil, viveram, a partir da década de 1960, a chamada “segunda revolução industrial”, onde houve uma inserção significativa no mercado do capital internacional. Para Ortiz, é neste contexto da nova fase de modernização que a cultura também passou por mudanças significativas com o surgimento de um mercado de bens culturais. “Os índices de crescimento das indústrias televisiva, publicitária, fonográfica, editorial, mostram não somente o fortalecimento desses setores, mas também a reorganização da própria vida cultural brasileira” (ORTIZ, 1994, p. 187).

O fortalecimento econômico através da industrialização, o aumento da produção de bens culturais e mudanças até nas formas de sociabilidades não fizeram do Brasil um “núcleo central do sistema mundial” - mas o país saiu um pouco da posição periférica que ocupava para ter um lugar no contexto mundial – “[...] o Brasil é a oitava economia do mundo, o sexto em mercado de publicidade e o sétimo de televisão” (ORTIZ, 1994, p. 189). Estes dados mostram que o país vivia um momento em que as características da modernidade eram visíveis, principalmente uma modernidade tecnicista-industrial, em que novas máquinas eram apresentadas para a população a cada dia – computadores, aparelhos de televisão, videocassete etc. Entretanto, como destaca Ortiz (1994), não podemos esquecer que essa tal modernidade vivida no período não atingia nem metade da população, as disparidades sociais eram evidentes e continuavam como característica de “zonas de subdesenvolvimento”, ou seja, o país adentrava a modernidade industrial e grande parte da sociedade continuava no atraso, com baixo nível de letrados, pobreza extrema e grande desigualdade regional. Enquanto parte do centro-sul do país vivia os movimentos da modernidade brasileira, as regiões periféricas como o Norte e o Nordeste estavam imensas em um atraso tanto na parte industrial/técnica, mas principalmente no social.

Ainda no Brasil, os pensamentos ideológicos dos anos iniciais da década de 1960 traziam como discurso principal o desafio da “modernização da periferia capitalista”. As constantes migrações da população jovem de diversas regiões do país para as grandes capitais – São Paulo, Rio de Janeiro e a recém construída Brasília – levou os governos desenvolvimentistas (Juscelino Kubitschek e João Goulart) a terem um “compromisso social” com a classe operária-assalariada, com a finalidade de aproximação de “toda a

população” do modelo moderno de sociedade, através de reformas sociais que pretendiam eliminar a distância histórico-cultural entre as sociedades desenvolvidas, de capitalismo avançado, das nossas latino-americanas periféricas, investida que foi drasticamente rompida com o golpe militar de 1964 (BRAGA, 2012).

Como pudemos perceber, a modernidade na América Latina veio através de um projeto modernizador que teve, durante um século, ondas modernizadoras com momentos de maior visibilidade e outros nem tanto, vindo mesmo a se firmar principalmente na décadas de 1980 e 90, em que se tinha como base um modelo europeu universalizado, sem levar em consideração as incontáveis diferenças culturais existentes dentro do território, o que fez de imediato um “projeto incompleto/inacabado da modernidade”, mas próprio.

O crescimento descontrolado das cidades nestas décadas e a quebra “definitiva” com o nacionalismo como uma consequência de um cenário de globalização, em que a noção de pertencimento a algum lugar é colocada em questão - já que agora os cidadãos são do “mundo” - trouxeram uma nova modernidade para a América Latina, um novo cenário principalmente no campo das “novas tecnologias” da comunicação. A transição da Revolução Industrial para a Revolução Eletrônica fez emergir novas questões no continente. A possibilidade de uma democratização da cultura através das indústrias culturais, por meio principalmente de empresas privadas e sem interferência do Estado, estimulou a necessidade de consumo de bens tecnológicos de comunicação (computadores, televisores modernos, videogames) e, como desdobramento, gerou mais uma forma de exclusão social dos que não podem ter acesso a estes bens (MARTIN-BARBERO, 2003; CANCLINI, 2003).

Então, os estudos mais recentes começaram a perceber o movimento da modernidade na América Latina como algo diferenciado por meio de uma noção mais aberta intitulada de “Modernidade periférica”, que possibilitou estudos dos fenômenos sociais do nosso continente através do que Canclini (1990) intitulou de “*ciencias nómades*”, fazendo referência às possibilidades de observação e análise da modernidade por meio de estudos da sociologia da cultura, da comunicação, da antropologia e da literatura.

Neste sentido, observar a modernidade na América Latina não pode partir do princípio totalizador em que se entenderia o continente como uma unidade social, econômica e política, excluindo a noção de diferença e heterogeneidade. Para Herlinghaus e Walter (1994, p. 18), o conceito de modernidade vai além da ruptura com

as tradições. Este vem através de “codificações duplas” - podendo ser elitista e popular, linear e cíclico, tradicional e moderno ao mesmo tempo. Trata-se de perceber que vivemos presentemente em uma sociedade que está num tempo de diversas mudanças, imersa na racionalidade e no tecnicismo, mas que também bebe das tradições, do popular. Ou seja, as mudanças ocorridas nas décadas de 1970 e 1980 contribuíram para a discussão de uma não homogeneidade e universalidade do que se entende por modernidade na América Latina.

O desenvolvimento da discussão em torno do conceito de Modernidade periférica não partilha do modelo fixado em dicotomias³⁷ para interpretar o contexto latino-americano. Afirmar dualidades dentro da nossa realidade seria enfatizar a supremacia de uma cultura letrada em detrimento de sociedades que têm uma base histórica enraizada na oralidade. Um exemplo simples para a compreensão da afirmação de uma cultura do letramento está no movimento literário/pedagógico modernista que, através de “projetos de escrituras” para a tradução de obras da modernidade europeia, deixaram em segundo plano as culturas locais, populares, afastadas dos grandes centros urbanos.

Brunner (1994) aponta que a identificação com a modernidade vem através de marcos temporais de compreensão da nossa própria cultura, sendo inicialmente por meio dos relatos da literatura latino-americana³⁸ que podemos estreitar as relações com nossa identidade. Acreditar no significado da aclamação dos relatos literários pela crítica estrangeira para marcar a importância da cultura latino-americana, ou seja, a necessidade de uma afirmação da identidade pelo olhar do outro, não é uma postura a ser tomada.

Para o autor, um momento representativo é a existência de um predomínio da natureza sobre as transformações da cultura, através de signos e “presságios” – um mistério que envolve um imaginário da América Latina como sendo uma terra de sonhos e utopias, que traz uma “racionalidade alternativa” para a modernidade. Ou seja, a presença de elementos não europeus na América Latina – indígenas das mais variadas etnias e negros, por exemplo – faz do nosso território um território de variadas culturas, desconstituindo a noção de modernidade homogênea. Isto, para Brunner (1994, p. 66/73), nos faz ter um “desencontro com a modernidade”, devido às nossas diferenças

³⁷ Diversas discussões acerca da modernidade tratam o conceito com ideias dicotômicas, tais como: civilização x barbárie, modernidade x tradição, por exemplo.

³⁸ Brunner (1994, p. 63) traz uma metáfora com a obra do escritor mexicano Gabriel García Márquez, *Cem anos de solidão*, utilizando o símbolo do Macondo – aldeia em que o romance é ambientado. O “macondismo” proposto por Brunner tem como finalidade interpretar a América Latina através da literatura, identificando as peculiaridades do continente.

específicas. Para o autor, a cultura profunda da América Latina fez com que nós tivéssemos nossa própria modernidade, uma modernidade periférica, totalmente diferente da que ocorreu nas sociedades que precederam a nossa. Ou seja, “*somos um produto de la transformación social, económica y técnica do campo cultural*”, através de novas formas de “*producir, transmitir y consumir la cultura*”.

[...] la cultura latinoamericana está em pleno proceso de incorporarse a la modernidad, desde el momento precisamente que ha dejado atrás los rasgos exclusivos y excluyentes de la “ciudad de los letrados” para transformarse em el vehículo multiforme de una creciente integración de masas.

No debe enterarse esa “integración” como la incorporación a um núcleo cultural dado, o a um sólo circuito, o a uma modalidade específica y única de consumo simbólico. La integración que resulta de la modernidad es la incorporación a uma experiencia compartida de las diferencias, pero dentro de una matriz común proporcionada por la escolarización, la comunicación televisiva, el consumo contínuo de información y la necesidad de vivir conectado comunicativamente em la “ciudad de los signos” (BRUNNER, 1994, p. 77)

Assim como Brunner, Martín-Barbero (1994) concorda que a modernidade no território latino-americano passa pela compreensão dos meios de comunicação, através da comunicação massiva presente no povo. Para o autor, a comunicação desempenha um papel significativo na unificação da ideia de nação; num primeiro momento da história do continente ela foi marcada pela presença massiva do rádio e posteriormente do cinema e da televisão. Esses meios permitiram, assim, um primeiro contato cotidiano com o sentimento de nacionalidade proporcionado pelos produtos culturais midiáticos – radio e telenovelas, programas jornalísticos e musicais, transmissões de partidas de futebol são alguns exemplos da presença dos meios na vida do povo latino-americano que afirma uma identidade nacional.

El cine en algunos países y la radio en casi todos proporcionaron a las gentes de las diferentes regiones y provincias una primera vivencia cotidiana de la nación, transmutaron la idea política em vivencia, esto es em *sentimiento nacional*. La radio facilitando la comunicación de las culturas rurales – que eran las de las mayorías – com la nueva cultura urbana, posibilitando su tránsito a la modernidad sin perderse del todo, sin abandonar ciertos rasgos de identidad – narrativos, musicales -, dando persistencia e introduciendo elementos de una matriz cultural expresivo-simbólica em una cultura urbana que empieza a organizarse sobre la racionalidad informativo-instrumental. Por su parte el cine hará nación teatralizándola: dándole rostros, gestos, voces, imágenes. Al verse em las imágenes del cine, los modos de moverse o de hablar, los colores y los gestos populares fueron siendo legitimados como

conformadores de la cultura nacional (MARTÍN-BARBERO, 1994, p. 88).

Nesse sentido, Martín-Barbero afirma que os meios de comunicação têm a função primordial de transformar as “massas em povo e o povo em nação”, já que na América Latina a noção de identidade cultural vem necessariamente associada aos espaços das culturas populares, com uma dinâmica cultural plural e heterogênea. Para o autor, uma questão fundamental na compreensão das identidades das culturas populares no contexto latino-americano se traduz na própria necessidade de conceituar cultura popular.

Numa concepção predominante nas instituições acadêmicas, a cultura popular é tomada como uma noção homogênea, afastada da cultura de elite, vindo a ser um subproduto desta – ou a sua incorporação precária, quando não a sua falta. De forma mais radical, em algumas vertentes o popular representa a ignorância, o atraso, que necessita ser superado com a finalidade de se tornar moderno. Em sentido contrário, uma versão positiva é a que romantiza e associa o popular ao autêntico, ao que é puro, que deve ser conservado sem nenhuma modificação e interferência, algo que deve permanecer estático ao longo do tempo. Porém, Martín-Barbero defende que, na América Latina, o popular é o espaço de inter-relações densas e complexas, de trocas e reapropriações não somente de elementos culturais, mas também de inter-relações sociais, econômicas e simbólicas.

A afirmação do popular pode ser identificada na América Latina através de relações estabelecidas em diversos espaços sociais que retomam elementos do popular como estratégia de constituir modos de afirmação da cultura nacional e popular. Para Martín-Barbero, a linguagem oral utilizada no rádio e na televisão, por exemplo, são formas de afirmação da cultura popular oral que não se perdeu ao longo do processo histórico. A linguagem coloquial usada pelos locutores, as canções de artistas nacionais dão espaço a um cotidiano de identificação que evoca uma memória enraizada no popular que sobrevive e é partilhado pelas camadas pobres da população que vivem nas periferias da cidade moderna.

Sendo assim, associar o popular ao espaço urbano faz com que caia por terra a noção de que o popular era algo exclusivo do campo, do rural. De acordo com Martín-Barbero (1994, p. 96), a ligação do popular com o urbano nos leva a pensar a relação de ambiguidade existente entre o popular e o massivo. A formação das massas urbanas é, de certa forma, a junção das classes populares formadas nas periferias das grandes cidades

em que emerge um lugar propício para uma “hibridização” cultural – “la aparición de *un nuevo modo de existencia de lo popular* [...]”.

Este “*nuevo modo de existencia de lo popular*” proposto por Martín-Barbero, indica um enfrentamento do modo de produção capitalista, e traz para a sociedade de massa a inserção das classes populares. Ou seja, há nesse momento uma massificação que vai além do meios de comunicação, que abrange várias esferas da sociedade. Para o autor, pensar as relações do popular com o massivo é perceber as novas condições de existência para um o entendimento de uma nova hegemonia que, no caso da América Latina, não é algo unificado que vem como consequência das demandas simbólicas da cultura dominante, mas está numa cultura massiva e popular com práticas e produtos heterogêneos.

Um exemplo citado por Martín-Barbero (1994, p. 98) para a compreensão do entrelaçamento entre a cultura popular e a modernização da vida social é a telenovela. O discurso do melodrama televisivo promove uma interlocução entre o texto do autor transmitido na televisão, a atuação dos atores, os cenários imagéticos e sonoros, bem como o diálogo de tudo isso com a vida do espectador. Sendo assim, para o autor, a telenovela na América Latina é a recuperação da memória popular através do imaginário posto pela televisão e, ao mesmo tempo, é o reconhecimento das pessoas por meio da narrativa da telenovela.

Pensar a modernidade no nosso continente é entender que esta não é única e homogênea. Manter a tradição e o moderno em campos separados é um grande erro, uma vez que, em uma sociedade de base oral, impor uma supremacia de uma “*ciudad letrada*” é sobrepor realidades culturais que devem caminhar lado a lado com o massivo e o popular. A heterogeneidade da nossa diversidade cultural é o que nos torna mais fortes enquanto povo. “Vivimos incorporados a una modernidad ‘cuyo corazón está lejos de nuestra cultura’ [...]” (MARTÍN-BARBERO, 1994, p. 107). Sendo assim, a modernidade, na América Latina, está na heterogeneidade de um popular marcado tanto pelo resgate das formas tradicionais como pelo “massivo” construído pelos/atraves dos meios de comunicação. Sendo assim, compreender a modernidade na América Latina a partir dos autores aqui estudados, é perceber que o nosso continente viveu um processo próprio, em que o movimento histórico aqui experienciado (desde a colonização até os dias atuais) foi determinante na construção dessa modernidade.

No contexto da comunidade de Pau D'arco, a chegada da eletricidade é um passo importante, um novo impulso em direção a uma modernidade própria, peculiar. A inserção de novos meios massivos, como é o caso da televisão, está permitindo uma midiáticação de cunho tecnológico, que vem afetando as vivências cotidianas. A chegada da televisão possibilitou a aproximação da comunidade do popular massivo através dos produtos midiáticos. Por exemplo, a ampla preferência por ver telenovelas na comunidade é um indicativo do início da transição de uma cultura oral para uma cultura massiva, pois, existe uma permanência na oralidade (tradição), mas agora entrelaçada pelo midiático (moderno). Como pontua Martín-Barbeiro a telenovela nos países da América Latina, como é o Brasil, está como resultado da mistura do mundo simbólico do rural, das tradições e ao mesmo tempo da aproximação da racionalidade técnico-instrumental do urbano.

5 PAU D'ARCO HOJE

Em seus mais de 60 anos de existência, a comunidade de Pau D'arco passou por diversos movimentos em sua história, mas sempre mantendo algumas características que são típicas da vida rural do sertão nordestino – laços de parentesco acentuado, relações de vizinhança intensas, atividades econômica e de sobrevivência baseadas na agricultura familiar e na pecuária em pequena extensão e, sobretudo, vida pacata sem grandes acontecimentos, vivendo - o lugar e seus habitantes - longe dos grandes momentos da história regional e nacional. É nesse cenário de um rural próprio que vivem atualmente os 84 moradores da comunidade.

Com o objetivo de caracterizar a comunidade rural estudada, e visando identificar o lugar em que Pau D'arco se encontra dentro do contexto da sua região, realizamos, como primeira fase da pesquisa de campo, um questionário intitulado “Levantamento socioeconômico”, que alcançou a totalidade de seus moradores (de todas as faixas etárias). Essa fase inicial da pesquisa foi de extrema importância, uma vez que dados estatísticos sobre a comunidade eram inexistentes até então. Recorremos a diversos órgãos (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, prefeitura, Câmara de Vereadores e Sindicato dos Trabalhadores Rurais do município de Wall Ferraz e Santa Cruz do Piauí) que pudessem ter registros através de arquivos documentais sobre a comunidade, e nada foi encontrado. Por causa desta invisibilidade em que Pau D'arco vive, compreendemos que há lá um rural peculiar, e também uma urgência em relatar que lugar e quem são estas pessoas que ali estão.

O levantamento socioeconômico realizado nos indicou que, atualmente, a comunidade é composta por 45 pessoas que se reconhecem do sexo feminino e 39 do sexo masculino. Deste universo, no que se refere à faixa etária (tabela 1), podemos perceber que a população jovem, até 29 anos, soma 46,4% da comunidade e é superior à população adulta (30 a 59 anos, que alcança 39,2%). A população idosa (60 anos e acima) também tem uma representatividade significativa 14,4%.

Observando os dados e em conversas informais com os habitantes de Pau D'arco algumas questões foram levantadas. Mesmo com a diminuição da taxa de natalidade da comunidade (tem nascido poucas crianças nos últimos anos), a superioridade da população com faixa etária inferior aos trinta anos é justificada principalmente pela

grande diminuição da migração dos jovens para outras cidades e estados. A prática de migração era em grande escala até início dos anos 2000 mas, a partir das políticas de incentivo à permanência no rural e de transferência de renda dos governos dos ex-presidentes Luiz Inácio Lula e Dilma Rousseff, o êxodo rural em busca de emprego nas regiões do centro-sul do país foi quase que extinto:

Aqui na comunidade desde 87 mais ou menos quase todos os homens iam pra São Paulo ou então pro Goiás, trabalhava e ficava mandando dinheiro. Hoje todo mundo tem sua terrinha e o Bolsa Família, e quem mora lá já tá querendo voltar (Joana Justina de Sousa Lima, 2017, 45 anos).

Outra observação importante sobre a população jovem é que os que estão em idade escolar, mesmo não tendo as aulas na comunidade, estudam na sede urbana do município ou fazem universidade em cidades vizinhas como Picos e Oeiras. Embora estudando em outras cidades, esses jovem sempre estão na comunidade, seja diariamente (quem faz ensino fundamental e médio vai e volta no ônibus escolar da prefeitura) ou nos finais de semana, feriados e férias. Então compreendemos que eles ainda fazem parte da vida e das dinâmicas comunidade e podem ser considerados moradores de Pau D'arco.

Tabela 1: Faixa etária

IDADE	NÚMERO ABSOLUTO	PORCENTAGEM
Até 14 anos	12	14,3%
15 a 19 anos	15	17,8%
20 a 29 anos	12	14,3%
30 a 39 anos	10	11,9%
40 a 49 anos	9	10,7%
50 a 59 anos	14	16,6%
Mais de 60 anos	12	14,3%

Quanto ao estado civil da população da comunidade, 50% é solteira (constituída basicamente pela juventude), 42,8% casada e 7,2% viúva (tabela 2). Os casais são formados entre pessoas da própria comunidade ou de lugares próximos - não existe de maneira significativa cônjuges que vieram de lugares distantes - e majoritariamente há

relações de parentesco entre os casais (são primos); em consequência, quase todos os habitantes são das mesmas famílias.

Um dado curioso sobre o estado civil dos moradores se refere ao número de divorciados em Pau D'arco, que é inexistente. Uma possível justificativa para este dado é o fato de ser uma comunidade rural com bases fundadas no tradicionalismo cristão, em que a prática do divórcio é condenada (todos os casais são casados no religioso). Além disto, como as relações afetivas são constituídas entre pessoas do lugar, na maioria dos casos com algum grau de parentesco, há de certa forma uma acomodação, no sentido da manutenção das tradições e da ordem familiar.

Tabela 2: Estado civil

ESTADO CIVIL	NÚMERO ABSOLUTO	PORCENTAGEM
Solteiro (a)	42	50%
Casado (a)/mora com companheiro (a)	36	42,8%
Divorciado (a)	0	0%
Viúvo (a)	6	7,2%

Outra informação importante para diz respeito ao grau de escolaridade da população (tabela 3).

Tabela 3: Grau de escolaridade

Não estudou	16	19%
Ensino Fundamental I Incompleto	15	17,9%
Ensino Fundamental I Completo	10	11,9%
Ensino Fundamental II Incompleto	12	14,3%
Ensino Fundamental II Completo	9	10,7%
Ensino Médio Incompleto	14	16,6%
Ensino Médio Completo	3	3,6%
Ensino Superior Incompleto	0	0%

Ensino Superior Completo	3	3,6%
Pós-Graduação	2	2,4%

Há um número elevado de iletrados (19%), concentrado na população adulta, e sobretudo entre os idosos. Como já relatamos anteriormente, até pouco tempo atrás, início dos anos 2000, vários fatores de ordem estruturais impediram ou dificultaram o acesso ao ensino escolar para os moradores da comunidade: a ausência de escolas na própria comunidade; a inexistência de profissionais para trabalhar; a falta de transporte escolar para o deslocamento até a cidade; as dificuldades financeiras das famílias, que não podiam enviar os filhos para estudar nas cidades próximas; a necessidade de contar com todos os membros para ajudar no trabalho na roça (impossibilitando que os filhos se ausentassem). Além disso, são diversos os relatos do descaso do poder público com o ensino das populações rurais no sertão. Por exemplo, a primeira turma do programa de Ensino de Jovens e Adultos (EJA) em Wall Ferraz foi em 2002; essa iniciativa poderia ter atendido aos moradores de Pau D'arco, porém isso não ocorreu porque a prefeitura não disponibilizou um veículo para o transporte dos estudantes no turno da noite, único horário possível para os moradores do rural. Então, mesmo que houvesse interesse em estudar, diversos fatores, em sua grande maioria de cunho socioeconômico, impossibilitou impossibilitaram a educação formal dos moradores mais velhos.

O maior nível de escolaridade está na população mais jovem, que também viveu dificuldades para a formação escolar. Até o início dos anos 2000, às de Pau D'arco estudavam os primeiros anos do Ensino Fundamental na escola³⁹ da comunidade, e os alunos jovens iam diariamente para às aulas na sede urbana do município em um transporte em péssimo estado (sem cobertura para proteger os estudantes do sol e da chuva, sem nenhuma segurança). Mas atualmente, as condições para quem é estudante e vivi na comunidade melhoraram. Hoje, o transporte é feito com um ônibus escolar que leva os estudantes até as escolas da cidade de Wall Ferraz.

A quantidade de pessoas com ensino superior completo é muito baixa; somente 3 de um universo de 84 pessoas. Trata-se de moradoras que se formaram na cidade de Picos, na Universidade Estadual do Piauí e no Instituto Federal do Piauí, e retornaram para trabalhar como professoras da rede pública de ensino da cidade de Wall Ferraz. Por razões familiares voltaram a ter residência fixa em Pau d'Arco, deslocando-se para trabalhar na

³⁹ A escola atualmente se encontra fechada.

cidade, que é próxima. Aqui é importante destacar que, atualmente, há um interesse grande dos mais jovens em fazer um curso superior, algo que num passado recente era praticamente impossível de ser pensado. Isto se deve à criação de campus de universidades públicas e de um crescente número de novos cursos em cidades como Picos e Oeiras, bem mais próximas da comunidade do que a capital Teresina, que concentrava praticamente todas universidades do estado no início dos anos 2000.

A pergunta seguinte do questionário foi sobre como a pessoa se considera no quesito raça ou cor da pele (tabela 4). 54,7% se considera pardo, 35,5% se diz negro, 10,7% branco e 0% indígena.

Algumas considerações podem ser feitas sobre os dados encontrados aqui. Uma delas está associada diretamente ao processo de colonização do estado do Piauí onde, conforme relatado por estudos (MOTT, 1979;1985), houve um processo de dizimação completa da população indígena no sertão do que viria a ser o estado. Esta informação pode justificar a não identificação de nenhum morador de Pau D'arco com a etnia. Além disso, a grande quantidade de pessoas que se identificam como negras vem da existência de parentesco com pessoas da região do município de São João da Varjota (a aproximadamente 60 km da comunidade), onde há um território de quilombos. A família Ribeiro, por exemplo, tem suas origens nessa região, e foi se espalhando pelas regiões próximas chegando a se fixar uma parte na comunidade de Pau D'arco.

Tabela 4: Raça/cor da pele

RAÇA/COR DA PELE	NÚMERO ABSOLUTO	PORCENTAGEM
Branco	9	10,7%
Negro	29	35,5%
Indígena	0	0%
Pardo	46	54,7%
Outros	0	0%

Quando perguntados sobre a religião, toda os residentes em Pau d'Arco afirmaram ser seguidores do cristianismo: 82,1% se dizem católicos e 17,9% evangélicos (tabela 5). A base religiosa fundada no cristianismo diz de muitos valores vividos e defendidos dentro da comunidade, como por exemplo: a não existência de casais divorciados; o valor

da família tradicional monogâmica e heterossexual; o respeito no convívio com os mais velhos (é comum quando um morador chega na casa de alguém mais velho pedir a benção esta pessoas em sinal de respeito, existindo ou não laços de parentesco); a solidariedade nas trocas e ajudas mútuas entre as família etc. Também a proximidade da cidade de Oeiras, reconhecida nacionalmente pelas suas festas religiosas (procissões e novenários), frequentada pelos moradores em diversas épocas do ano para prática religiosa do catolicismo.

Antigamente, quando meus meninos eram pequenos a gente ia todo ano pra Festa do Bom Jesus dos Passos⁴⁰. Era quase sempre a única vez que a gente leva os meninos na cidade. Aí ia todo mundo pra o Boqueirão a pé pra pegar o carro de Lucas da Casa Nova, íamos de madrugada, passava a manhã na feira de Oeiras, meio-dia íamos pra o officio na igreja do Rosário e já ficávamos pra procissão à tardinha. Depois da procissão todo mundo pegava o carro de volta. Hoje, a gente continua indo, mas às vezes dorme lá em Oeiras mesmo e só volta no sábado, ou já fica esperando a missa de Ramos no domingo (Alaíde de Souza Lima, 2018, 58 anos).

Outra manifestação religiosa frequentada e muito importante para a comunidade é o festejo de São Francisco de Assis, que acontece no dia 4 de outubro na cidade de Wall Ferraz. Na data também ocorre a festa do vaqueiro, e quase todos os homens da comunidade vão a cavalo e com seu traje de couro para receber as bênçãos na igreja do padroeiro do município. Esta é uma tradição que travessa gerações, e que marca as constantes referências dos moradores aos santos católicos de devoção.

Quanto aos evangélicos, o número vem crescendo nos últimos anos. Segundo os relatos, até pouco tempo atrás não existia nenhum morador seguidor do protestantismo, e foi através de visitas de pastores evangélicos na comunidade, e também do aparecimento de programas de rádio de igrejas em algumas emissoras da cidade Oeiras, escutadas na comunidade, que começaram a surgir os primeiros fieis. Atualmente existe até uma pequena igreja da Assembleia de Deus em Pau D'arco, que é coordenada pelo morador Quirino Ribeiro.

⁴⁰ A Festa de Passos é a maior manifestação religiosa católica do Piauí, e acontece na sexta-feira anterior a Semana Santa na cidade de Oeiras. A festa tem eventos desde a quinta-feira anterior e termina na sexta com a procissão de Bom Jesus dos Passos em que é encenada a Via Sacra. Os romeiros em sua grande maioria vestem roxo como símbolo de luto ao sofrimento de Jesus. É também nesta época que as pessoas que vivem na zona rural de todos os municípios próximo a Oeiras se deslocam até a cidade para participar da festa.

Tabela 5: Religião

RELIGIÃO	NÚMERO ABSOLUTO	PORCENTAGEM
Católico (a)	69	82,1%
Evangélico (a)/protestante	15	17,9%
Espírita	0	0%
Religiões de matriz africana	0	0%
Outras	0	0%

Identificados estes primeiros dados mais gerais sobre a comunidade, as questões seguintes foram sobre o convívio das famílias e em comunidade. A pergunta seis do questionário quis saber com quem o entrevistado mora (tabela 6). Mais uma vez os resultados apontam para um lugar em que o valor da família é firmado, já que quase em sua totalidade dos moradores vivem com familiares (pais, maridos/esposas, filhos, irmãos ou algum outro parente), sendo uma comunidade composta por famílias com estrutura tradicional. Em todo o universo populacional de Pau D'arco, apenas um morador vive sozinho e outros dois são agregados, ou seja, não tem grau de parentesco com os demais moradores da casa.

Tabela 6: Com quem mora

COM QUEM MORA	NÚMERO ABSOLUTO	PORCENTAGEM
Sozinho (a)	1	1,2%
Pais	23	27,4%
Esposo (a)/companheiro (a)	34	40,5%
Irmão	1	1,2%
Outros parentes	4	4,8%
Amigos/agregados	2	2,4%
Filhos	19	22,6%

No tocante ao número de habitante por residência (tabela 7), os dados colhidos na pesquisa mostram que Pau D'arco sofreu uma reconfiguração com o passar dos anos. Atualmente as famílias não possuem um número grande de membros, como era em tempos passados. “Aqui antigamente as casas eram sempre cheias de gente, eu mesmo tive 8 filhos. Hoje não, as famílias são pequenas. Meus filhos mesmo o que teve mais foi José que teve 3, os outros tiveram de 1 a 2. Então, o povo aqui hoje é pouco.” (Antônio Moreira da Silva, 2017, 80 anos)

Nos primórdios da constituição da comunidade, as famílias tinham até mais de 15 pessoas, o casal com um grande número de filhos. Devido ao isolamento, informações sobre controle de natalidade e meios de prevenção eram inexistentes. Além disso, um grande número de filhos também significava maior força de trabalho para lidar com a lavoura e os animais, o que era a única forma de renda das famílias. Atualmente, o acesso e conscientização, principalmente das mulheres, a meios de informação sobre controle de natalidade, e também as formas complementares da renda familiar, diminuindo a necessidade de um grande número de pessoas para o trabalho braçal, levaram a uma reconfiguração das famílias, que hoje tem um número menor de filhos.

Tabela 7: Número de habitante por residência

HABITANTES POR RESIDÊNCIA	NÚMERO ABSOLUTO	PORCENTAGEM
Apenas uma pessoas	1	4,3
Duas pessoas	3	12,5%
Três pessoas	7	30%
Quatro pessoas	9	37,5
Cinco pessoas	4	16,7
Seis pessoas	0	0%
Mais de seis	0	0%

A questão seguinte foi sobre as atividades profissionais desenvolvidas em Pau D'arco. Por ser uma comunidade rural que tem como base a agricultura familiar e a pecuária de pequena extensão, toda a população se diz agricultores (as). Como vimos, a comunidade se construiu em torno dessas duas atividades, e mesmo alguns moradores

que desenvolvem outros trabalhos (3 moradoras são professoras, 1 é mecânico, 18 são estudantes) estes, paralelamente, cultivam a terra, criam animais (ou auxiliam nesse trabalho, no caso das crianças), e estas são atividades importantes na vida de Pau D'arco. As atividades ligadas à agricultura e à criação de animais são tão significativas que é comum escutar de algumas crianças que querem no futuro ser vaqueiros, ou ter uma formação escolar/universitária para ser profissões que lidam com a terra e com os animais (veterinários, agrônomos ou técnicos em agropecuária).

Então, a roça sempre se constituiu como extensão e para a manutenção da casa. Os trabalhos desenvolvidos nos pequenos roçados ditam o cotidiano de quem vive ali. Acordar às quatro e meia da manhã para tirar leite da pequena vacaria (atividade masculina), enquanto a dona da casa faz o cuscuz ou a tapioca esperando o leite vir do curral, e os filhos cuidam das cabras e ovelhas antes de irem para a roça cuidar da lavoura, normalmente é como se inicia o dia em quase todas as casas em Pau D'arco, envolvendo todos os membros da família.

Como todas as famílias trabalham com a agricultura e pecuária de subsistência, a renda mensal dos habitantes de Pau D'arco, no geral, é considerada baixa (tabela 8). Mais da metade diz não ter renda fixa por mês (54 pessoas); neste grupo estão sobretudo as crianças e os jovens em idade escolar, que em sua grande maioria apenas ajudam a família nas atividades de cultivo e cuidado com os animais. Outros 20 moradores afirmam ganhar menos de um salário mínimo; 5 deles têm como renda fixa um salário e outros 5, dois salários.

A justificativa para esses dados acima está na Tabela 9, que apresenta a principal fonte de renda dos moradores da comunidade. Com a inexistência de postos de trabalhos fixos e formais, uma parte considerável dos moradores vive exclusivamente da agricultura e da criação de animais (35 – 41,7%); outra parcela é assistida por programas sociais como o Bolsa Família (20 – 23,8%). Um número significativo de pessoas é dependente (19 – 22,6%); neste grupo estão principalmente as crianças e os jovens que estudam na cidade e que só ajudam os pais na lavoura, mas que também podem ser incluídos no grupo que é assistido pelo Bolsa Família, já que, para que mãe da família tenha direito ao auxílio do programa, os filhos têm que estar estudando.

Com uma renda mensal de um salário mínimo estão os aposentados por idade (4 – 4,8%) e uma funcionária pública do município de Wall Ferraz (1 – 1,2%). Já com a maior renda entre os moradores (dois salários mínimo) estão 5 moradores: 2 (3,6%) têm como principal fonte de renda a aposentadoria por idade e viuvez, 3 (3,6%) são

professoras da rede pública de ensino do município. Este cenário econômico demonstra claramente que tratar-se de um lugar que tem suas bases fixadas na prática da agricultura familiar, que é a principal forma de renda, tendo outras meios de ganho econômico apenas para complementar o que a roça não pode suprir.

Tabela 8: Renda mensal

RENDA MENSAL	NÚMERO ABSOLUTO	PORCENTAGEM
Não tem renda fixa	54	64,3%
Menos de um salário mínimo	20	23,7%
Um salário mínimo	5	6%
Entre um e dois salários mínimo	0	0%
Dois salários mínimo	5	0%
Entre dois e três salários mínimo	0	0%
Mais de três salários mínimo	0	0%

Tabela 9: Fonte de renda⁴¹

FONTE DE RENDA	NÚMERO ABSOLUTO	PORCENTAGEM
Trabalho formal	2	8,3%
Trabalho informal	0	0%
Aposentadoria	6	25%
Programas sociais	20	66,7%
Agricultura e criação de animais	24	100%

A questão seguinte foi sobre a propriedade da terra em que os moradores vivem atualmente. Como mencionado no tópico anterior (sobre a história), a comunidade surgiu em terras que eram públicas, no início da década de 1940. A ocupação da terra era feita livremente e, segundo os relatos do moradores mais antigos, eles pagavam para o Estado

⁴¹ Os dados dessa tabela são relativos a renda familiar, e não individual.

um imposto anual, chamado comumente de “fogão”. “Todo mundo quando chegava aqui pra morar, fazia a casa num lugar que não tinha ninguém, e todo ano paga o ‘fogão’, que hoje é o CCIR, aí tinha uns que pagava por 100 hectares outros por 70, era o que você pudesse pagar.” (Francisco de Assis Cavalcante, 2018, 64 anos).

Com o passar dos anos e o constante pagamento do CCIR (Certificado de Cadastro de Imóvel Rural), através do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), os moradores conseguiram legalizar a propriedade da terra. Hoje, 100% deles vivem em terras próprias. Cabe ressaltar que são pequenas propriedades, uma média de 50 hectares por família, que vem sendo repassadas e divididas de geração em geração.

Como cada família mora em sua propriedade, há uma certa distância entre as casas. Pau D’arco não tem exatamente o formato de uma vila (um agrupamento de casas), e se constitui como uma comunidade com pequenos aglomerados de pessoas (2 a 3 residências). A distância da primeira casa mais próxima da cidade de Wall Ferraz para a última, utilizando como base a estrada de terra batida que liga o município à cidade de Oeiras, é de 9 quilômetros. Sendo assim, existe em Pau D’arco os vizinhos que moram próximos, normalmente são pessoas da mesma família (com cerca de 400 metros entre as casas), e os que estão mais distantes.

Mesmo com uma distância considerável entre as casas, o hábito de visitar os vizinhos é algo que se manteve ao longo do tempo. Quando perguntados se frequentam a vizinhança, todos os entrevistados responderam que sim, e várias vezes por semana (tabela 10). Os motivos para ir ver os vizinhos são os mais variados: visita para saber como estão os membros da casa, dar algum recado, buscar algo... socializar, enfim. Em Pau D’arco, mesmo com a inserção de novos elementos, que interferiram nos hábitos cotidianos nos últimos anos, o cultivo da boa vizinhança e a cordialidade entre os membros da comunidade se mantiveram – ainda que sofrendo algumas modificações.

Tabela 10: Frequência de visita aos vizinhos

FREQUÊNCIA DE VISITA	NÚMERO ABSOLUTO	PORCENTAGEM
Nenhuma vez na semana	0	0%
De uma a duas vezes	5	6%
De duas a quatro vezes	19	22,6%
De quatro a cinco vezes	43	51,2%

Todos os dias da semana	17	20,2%
-------------------------	----	-------

Outro indicativo, que diz muito do que é a comunidade rural de Pau D'arco, é aquilo que a população cultiva e cria em suas terras. Como já mencionamos, todos os moradores, mesmo desenvolvendo outras atividades profissionais, se reconhecem como pequenos agricultores e agricultoras, ou seja, desenvolvem alguma atividade relacionada à terra. Sendo assim, quisemos saber quais as culturas agrícolas que são desenvolvidas (Tabela 11). Cabe salientar que nenhum entrevistado cultiva apenas um tipo de cultura.

A base da agricultura familiar na comunidade iniciou e permaneceu ao longo dos anos no plantio de cereais – feijão, milho e mandioca (produção de farinha e goma de tapioca). Com um terreno em que grande parte é composta por imensos “tabuleiros” de pedras, as terras férteis e adequadas para cultivo são escassas (o que também explica a inexistência de grandes plantações de monoculturas). Normalmente, nos terrenos mais arenosos planta-se feijão e mandioca; nas áreas alagadas é cultivado o arroz, e nas partes de argila, o milho.

Outra prática comum é o cultivo de hortaliças – coentro, cebolinha, alface, pimentão. Esta é uma atividade desenvolvida pelas mulheres nos quintais das casas, tendo como principal finalidade o consumo da família. As demais culturas são destinadas também ao consumo familiar, à alimentação dos animais; quando há algum excedente, ele é estocado ou comercializado.

Tabela 11: Culturas agrícolas⁴²

CULTURA AGRÍCOLA	NÚMERO ABSOLUTO	PORCENTAGEM
Feijão	24	100%
Milho	24	100%
Mandioca	22	91,7%
Arroz	8	33,4%
Hortaliças	17	70,2%
Outros ou nenhum	0	0%

⁴² Nesta tabela os números são apresentados por família, e não individualmente.

Tão importante como a agricultura, em Pau D'arco, é a criação de animais, sendo esta a primeira que foi desenvolvida na região. Na comunidade os rebanhos (bovinos, caprinos, ovinos, aves) são pequenos, não caracterizando uma atividade extensiva, mas sim um criatório familiar. Todas as famílias criam algum tipo de animal, domésticos ou não. O tipo dos rebanhos diz da realidade climática e da vegetação do lugar. Por estar localizada no sertão nordestino e sofrer com constantes secas, os animais criados em Pau D'arco precisam ser resistentes às altas temperaturas e à escassez de água e pastagem. Esta é a razão da presença maciça de rebanhos caprinos nas propriedades da comunidade, pois a cabra é um animal extremamente resistente a estiagens, sobrevive com pouco comida, vindo a se alimentar até mesmo de alguns tipos de cactos – mandacaru, xique-xique e palmas. Também é possível encontrar pequenos rebanhos de bovinos e ovinos, além da criação de porcos e aves nos quintais das casas (Tabela 12).

Um tipo de criação que foi muito importante em outras épocas são os equinos (cavalos, jumentos e burros), utilizados para diversas atividades consideradas até então importantes na vida da comunidade: campear o gado (montados em cavalos); transporte de cargas (em lombo de jumento); carregar água; levar os excedentes da produção para a comercialização nas cidades vizinhas; arar a terra (com burros); transporte de pessoas (cavalo e jumento). De todas estas atividades, a única que ainda permanece é a primeira. Todas as demais foram sendo substituídas por equipamentos motorizados; hoje o transporte se faz em carros ou motocicletas, a água é encanada em todas as casas e a terra é arada com uso de pequenos tratores. Assim, a criação de gado cavalari foi praticamente extinta.

Tabela 12: Criação de animais⁴³

CRIAÇÃO DE ANIMAIS	NÚMERO ABSOLUTO	PORCENTAGEM
Bovinos	22	91,7%
Caprinos	24	100%
Ovinos	15	62,5%
Suínos	24	100%
Aves	24	100%
Equinos	10	41,7%
Outros ou nenhum	0	0%

⁴³ Indicativo por família.

Ao contrário da agricultura, cuja produção é destinada basicamente ao consumo da família, a criação de animais também funciona como uma alternativa para uma renda extra. Os animais criados em Pau D'arco são na sua grande maioria comercializados. Também servem para o consumo das famílias, mas em menor proporção.

A comercialização dos excedentes da produção de alimentos e dos animais se dá sobretudo na própria comunidade.

Como a nossa produção é pequena e criamos poucos bichos, o que sobra acaba ficando por aqui mesmo. Vendemos ou trocamos com os vizinhos. Às vezes também nós mesmos matamos uma cabra ou ovelha, e saí vendendo de casa em casa *pra* arrecadar um dinheiro *pra* alguma coisa: comprar uma roupa, um remédio [...] (Antônio Gonçalves de Alencar, 2017, 59 anos).

Quando não comercializam seus produtos na própria comunidade, os moradores se deslocam até as feiras das cidades mais próximas - Wall Ferraz e Santa Cruz do Piauí.

Como já mencionado, outro aspecto que sofreu modificação recentemente na comunidade foram as formas de deslocamento, os meios de transporte. Até pouco tempo atrás, as pessoas, quanto precisavam ir de um lugar a outro, utilizavam animais (jumentos, cavalos e burros), ou iam a pé. O transporte motorizado só era utilizado para longas distâncias. Até meados dos anos 2000, para ir à cidade de Oeiras (cidade considerada de médio porte e que fica a 45 quilômetros de distância) era necessário madrugar, pegar um animal, selar e ir até a comunidade rural de Boqueirão, pegar um “pau de arara” às 5:30 da manhã. Hoje a realidade é outra. Uma parcela significativa da comunidade tem transporte motorizado próprio (motocicletas e carros), e “aposentaram” quase que totalmente os animais. Um sinal disto é a pequena quantidade de moradores que ainda cria equinos: apenas 5. O transporte coletivo (vans ou ônibus) é utilizado para ir às cidades maiores - Picos e Teresina -, geralmente saindo da sede urbana do município. Ver tabela 13:

Tabela 13: Meios de transporte⁴⁴

MEIOS DE TRANSPORTE	NÚMERO ABSOLUTO	PORCENTAGEM
Não possui	0	0%
Carro	5	20,8%
Motocicleta ⁴⁵	24	100%
Animais	20	83,4%
Transporte coletivo (esporadicamente)	24	100%
Outros	0	0%

Entre os lugares fora da comunidade mais frequentados pelos moradores, a cidade de Wall Ferraz é a mais citada, devido à proximidade. Outras cidades foram lembradas – Santa Cruz do Piauí, Oeiras, Picos e Teresina. Mas todos afirmaram que só vão a estas em ocasiões distintas, por exemplo: consultas com médicos especialistas, compras em um comércio maior, festas religiosas etc. Quando perguntados sobre a frequência que vão à cidade, as repostas foram muito parecidas – quem trabalha e estuda vai todos os dias úteis da semana. Mas quem não tem nenhuma atividade fixa vai apenas nos dias de feira (aos sábados) (Tabela 14).

Tabela 14: Frequência de idas a cidade na semana

IDAS A CIDADE	NÚMERO ABSOLUTO	PORCENTAGEM
Todos os dias	0	0%
De 1 a 3 vezes	0	0%
De 4 a 6 vezes	26	31%
Somente nos dias de feira	58	69%
Nenhuma vez	0	0%

O hábito de quase toda a população de frequentar as feiras dos sábados na sede do município é algo que vem desde muitos anos atrás. A ida vai além da noção de ir a um centro comercial realizar compras e funciona, para quem vive em Pau D'arco, como um

⁴⁴ Indicativo por família.

⁴⁵ Algumas famílias da comunidade possuem mais de uma motocicleta.

espaço de encontro com amigos e familiares que vivem na cidade ou em outras comunidades rurais. É comum ver na praça central de Wall Ferraz, aos sábados, pessoas sentadas debaixo do pé de jatobá conversando, tomando uma bebida, socializando. É nesse momento que percebemos que as relações de quem vive na comunidade vão além das suas fronteiras territoriais. Além dos passeios realizados aos sábados na cidade, a ida ao aglomerado urbano também tem outras finalidades: estudar, trabalhar, fazer compras, usar o serviço bancário e os atendimentos de saúde.

Após esse mapeamento, fizemos outras perguntas sobre a relação do morador com o lugar. A primeira delas diz sobre se eles pensam ou já pensaram em residir em um centro urbano. A grande maioria dos entrevistados, 50 pessoas (59,5%), respondeu negativamente, dizendo que nunca havia pensado em sair da comunidade. A justificativa de quase todos diz respeito ao laço afetivo construído com o lugar. “A minha vida e da minha família sempre foi aqui. As nossas raízes estão aqui. Então, nunca tive vontade de ir embora. Cidade só pra passear e depois voltar pra casa (risos)”, afirma a moradora Luiza Moreira da Silva⁴⁶ (2017, 39 anos).

As outras 34 (40,5%) disseram já ter pensando ou pensa em residir em algum centro urbano. Os principais motivos elencados estão relacionados aos momentos das grandes secas, em que viam o rebanho morrer e se viam impossibilitados de plantar e colher os alimentos. Nessas situações a necessidade de sobrevivência e de dias melhores fazia pensar em ir embora da comunidade. Alguns até foram e voltaram posteriormente, quando a estiagem melhorava. Os que ainda pensam partir são indivíduos da população mais jovem, e o principal motivo é fazer um curso superior. Mas também deixam claro que o objetivo é se formar para poder voltar para morar na comunidade e trabalhar em Wall Ferraz.

A boa relação dos moradores com o lugar está associada aos benefícios da vida local. A possibilidade de estar num lugar tranquilo, em que a taxa de criminalidade é zero, é o principal motivo levantado pelos moradores. Eles também ressaltam a estabilidade e o gosto de poder morar e trabalhar no que é seu. Percebe-se, além disto, um sentimento de pertencimento e afeto a comunidade. Tanto assim que mesmo os que planejam sair de lá têm planos de retornar um dia.

⁴⁶ Entrevista concedida a Lívia Moreira Barroso em janeiro de 2017.

6 AS INTERAÇÕES NA COMUNIDADE RURAL DE PAU D'ARCO

Observar a comunidade rural de Pau D'arco é perceber que as diversas práticas desenvolvidas naquele espaço social estão imersas tanto na tradição quanto na modernidade. Por ser uma comunidade que vive neste momento uma fase de transição, é que ousamos afirmar que, mesmo com as várias transformações que estão ocorrendo, ela mantém e atualiza traços que vêm atravessando gerações. Há, assim, um entrelaçamento entre o passado com elementos do tempo presente que possibilitam talvez um olhar para frente. E é nesta perspectiva de um futuro cada vez mais inserido no contexto da modernidade que os meios de comunicação eletrônicos e, possivelmente, os digitais começam a ter um certo protagonismo dentro dos lares. Sendo assim, neste capítulo trataremos das interações e das formas de comunicação que identificamos dentro da comunidade.

6.1 Interações diretas e mediadas: alterações no cotidiano com a chegada da eletricidade

Em um lugar que a oralidade tem um papel determinante até os dias atuais, compreender os processos da comunicação enquanto um objeto materializado em práticas interativas é fundamental para o nosso estudo, para que possamos, posteriormente, olhar para as relações midiática. Antes de adentrarmos nas discussões acerca das relações e interações comunicativas, voltaremos um pouco na base de origem destes conceitos, que está no campo sociológico. Sendo assim, para uma elaboração do que venha a ser as interações comunicativas, é necessário compreender (distinguindo e aproximando) os conceitos de *ação* e *relação social* (FRANÇA; SIMÕES, 2014).

Para Max Weber (1977, p. 140), a *ação social* é orientada diretamente pelas ações dos outros, e não existe uma temporalidade pré-definida para que esta referência ao outro ocorra – ela pode ser tanto no passado quanto no tempo presente ou no futuro. Os “outros” a que o autor faz referência podem se apresentar para o sujeito de forma individual e conhecida, ou coletivamente, com “indivíduos indeterminados e completamente desconhecidos”. A ação social, neste caso, é composta por uma conjunto de expectativas entre os sujeitos sociais, seja dentro ou fora do grupo social do indivíduo.

Cabe enfatizar que, para Weber, nem toda e qualquer ação pode ser considerada “social”. Mais uma vez ele reforça que a ação social só acontece quando é coordenada

pelas ações de outros. Para clarear melhor sua conceituação, o autor utiliza como exemplo o choque acidental entre dois ciclistas: isto seria apenas um “evento natural”. Para ser considerado uma ação social, teria que haver uma ação de um dos ciclistas voltada para a ação do outro, como por exemplo, uma tentativa de desvio, a preocupação com o estado físico um do outro, ou mesmo uma discussão por causa do acidente. Ou seja, podemos afirmar que, neste caso, a ação deve causar uma interação.

Ainda de acordo com Weber, a ação social pode ser entendida, como “racional com relação a seus fins”, em que o indivíduo projeta uma expectativa em objetos ou em outros indivíduos como meio de chegar a um determinado objetivo. Também pode ser “racional com relação a valores”; neste caso, a ação social é motivada por valores e crenças, e as condutas dos indivíduos independem de êxitos. Ela ainda é “afetiva”, conduzida pelas relações de afeto e sentimentos do indivíduo no momento da ação. E por fim, a ação social pode ser “tradicional”, envolvida por costumes que já estão fixados na sociedade. Sendo assim, a ação social é um conceito que pode ser utilizado para caracterizar as atitudes do sujeito individualmente, quando ele é conduzido pelas ações dos outros e pelas normas que regem o ambiente social em que ele está inserido.

Já a *relação social* seriam as ações desempenhadas e orientadas pelos sujeitos socialmente, que dizem de práticas que estabelecem de alguma forma a junção entre um e outro. – seja pelo sentimento de pertencimento a um determinado grupo ou pela orientação da ação para um objetivo específico.

Mantendo uma proximidade com a ideia de relação, segundo França e Simões (2014, p. 101), a interação está na “dimensão prática do agir de um indivíduo, que é movido pela orientação do outro, mas enfatiza, ainda mais, o seu aspecto compartilhado”. Neste sentido, pensar a interação, é olhar para uma ação que nunca ocorre só ou isolada, havendo sempre um compartilhamento recíproco entre os sujeitos (relação).

O qualificativo social para caracterizar a interação enfatiza o compartilhamento de condições e situações, assim como o desenvolvimento e a prática de ações e relações marcadas pela reciprocidade, em que os sujeitos agem, se relacionam e, com isso, constroem a sociedade. Nesse sentido, a *interação social* é construída a partir das ações reciprocamente referenciadas dos indivíduos – e são as múltiplas interações em que estes se engajam que constituem a vida social. Não cabe, portanto, pensar indivíduo e sociedade como duas entidades separadas: o indivíduo se constitui em sociedade e esta é constituída pelo conjunto de interações entre os indivíduos (FRANÇA e SIMÕES, 2014, p. 102).

No caso do nosso objeto empírico, quando olhamos para comunidades como a de Pau D'arco, em que as relações coletivas estão sendo construídas desde os primórdios do lugar, entre pessoas com algum laço de parentesco, ou mesmo só de amizade, é que podemos perceber na prática os sentidos das interações sociais que afloraram nesse grupo. As inúmeras situações vividas cotidianamente entre os moradores do lugar apontam para a “prática de ações e relações marcadas por reciprocidade”, como é mencionado pelas autoras acima citadas. Por exemplo, como já dissemos ao longo do trabalho, são várias as situações em que as interações dentro da comunidade são perceptíveis, mesmo para quem é externo ao grupo.

Pensamos que um caso que reflete bem o processo de construção de interações dentro de Pau D'arco está na atividade cotidiana de viver em relação com o outro, seja através das inúmeras rodas de conversas realizadas diariamente entre membros das famílias, vizinhos, amigos e apenas conhecidos – sempre existe em alguma casa da comunidade, pessoas sentadas nas calçadas simplesmente conversando, socializando, querendo saber do outro.

Outro espaço que sempre foi propício para as interações na comunidade é o ambiente das roças destinadas às lavouras. Todos os anos, no período de chuvas, os moradores, juntamente com pessoas que vivem em comunidades rurais vizinhas, se reúnem para capinar as ervas daninhas que surgem na plantação, havendo um rodízio de trabalho entre as terras de cada um sem que haja a necessidade de se pagar diárias. Através desta prática, as trocas e interações são reforçadas pelo sentimento de coletividade; enquanto estão trabalhando, ou mesmo nos intervalos para o descanso e as refeições, há um engajamento, um permanente diálogo no grupo.

Outro autor importante para se pensar a interação é George H. Mead, pensador que vem de uma herança pragmatista da Escola de Chicago. Para este autor, é através das ações e interações dos indivíduos no mundo que a sociedade é constituída, por meio das atividades desenvolvidas conjuntamente pelos seus membros.

Uma questão importante para nós que vem do pensamento de Mead, é a noção de “ato social completo”. Para o autor, o “ato completo” é o ajuntamento de três categorias de análise que ele solicita para superar a dicotomia entre indivíduo e sociedade, que permeou às ciências sociais por séculos – as categorias são: a *sociedade*, o *self* e o *espírito*.

O autor entende a *sociedade* como um lugar de trocas e cooperação entre os seus membros que são realizadas em comum. Para tanto, nas relações estabelecidas com outros sujeitos, o indivíduo assume uma “personalidade social”, que é composta e construída por

características particulares / individuais (o *eu-mesmo*), e também pela “internalização do outro generalizado” (o *mim*). Portanto, o *self* se constitui no diálogo entre o *eu-mesmo* e o *mim* (FRANÇA; SIMÕES, 2014; MEAD, 2006). “[...] o self é essencialmente um processo social que se desdobra em duas fases distintas, o ‘eu’ e o ‘mim’: o ‘eu’ convoca o ‘mim’ e lhe responde. Tomados juntos, eles constituem a personalidade tal como ela se manifesta na experiência social (MEAD, 2006, p. 242 *apud* FRANÇA, 2008, p. 64)”. Já o *espírito*, consiste na avaliação que cada indivíduo tem de si e da percepção do outro na vida social, constituído por meio da linguagem.

Este processo ou dinâmica que permite a um indivíduo responder a seu próprio estímulo configura a capacidade de assumir o papel do outro, a partir e através de sua provável resposta. É pela participação do/no outro em de um indivíduo que este pode ver-se a si mesmo como o outro o vê, e pode controlar seu próprio comportamento da mesma maneira como procura intervir no comportamento do outro. A aposta central da comunicação é esta afetação mútua (FRANÇA, 2008, p. 79).

Sendo assim, o pensamento de Mead rompe com a dicotomia “indivíduo x sociedade”, e dá destaque para o interacional. Ou seja, o indivíduo não pode existir sem o social, e vice e versa - eles coexistem mutualmente. Para tanto, este processo interacional é possível graças à comunicação e às trocas simbólicas constituídas através do uso da linguagem.

Essa dimensão simbólica das interações comunicativas é evidenciada por Mead a partir da definição de um tipo particular de gesto que marca as sociedades humanas: o *gesto significante* (que é o uso da linguagem). A partir desses gestos dotados de significados, um indivíduo afeta o outro na interação que estabelecem, ao mesmo tempo que se vê afetado nesse processo, coloca-se no lugar do outro, tenta antecipar a conduta dele e pode transformar a sua própria atuação. Essa dinâmica de mútua afetação e de reflexividade é configuradora da noção de comunicação proposta por Mead (FRANÇA e SIMÕES, 2014, p. 102)

Partindo da ideia proposta por Mead de *gesto significante*, França e Simões (2014) afirmam que nem toda interação pode ser considerada comunicativa. As interações comunicativas são somente aquelas caracterizadas por gestos significantes, sendo a dimensão de “significação” que constrói as interações no campo da comunicação. Neste sentido, as interações comunicativas são tidas como uma interação social particular, em que os sujeitos interagem mutualmente (nem sempre o esforço realizado pelos sujeitos

são proporcionais) através da utilização do simbólico (linguagem), ocorrendo afetação para ambos os lados.

[...] a comunicação enquanto interação é uma relação de dois: um e outro estão lá desde o princípio, e não podem ser ignorados (ainda que nosso foco de análise incida mais particularmente sobre a ação de um deles). Não é possível numa perspectiva interacional, analisar a intervenção de um emissor sem levar em conta o outro a quem ele se dirige e cujas respostas potenciais (as respostas do outro imediato e de outrem – o grupo ao qual pertence) já atuam com antecedência sobre o seu dizer; não é possível analisar o receptor separado dos estímulos que lhe foram endereçados e que o constituíram como sujeito daquela relação (FRANÇA, 2008, p. 85).

Pensar a interação como um processo comunicacional é compreender que ela está inserida dentro de um ato que se realiza numa dimensão prática, e em uma perspectiva relacional em que se observa os sujeitos em relação, através de atitudes, falas, gestos, ou seja, a linguagem. Por exemplo, quando olhamos para uma comunidade rural como Pau D’arco, temos um campo repleto de interações em várias dimensões, e vividas por diversos agrupamentos sociais – a família, a vizinhança, os amigos – entre si e com o mundo externo aquele. Logo, um lugar como o que estudamos também é atravessado por interações comunicativas de várias naturezas, justificadas na reciprocidade das relações na ação com o outro. Como afirma, Louis Quéré (1988), as interações comunicativas passam pela compreensão e interpretação das ações dos sujeitos que não precisam ser necessariamente verbais⁴⁷.

Sendo assim, as interações comunicativas existentes em Pau D’arco podem ser observadas de forma direta, quando um morador conversa com algum membro da própria família, quando vai à casa de um vizinho para dar um recado ou até mesmo quando, com um simples aceno, cumprimenta algum conhecido, por exemplo, quando está se deslocando para a feira de sábado no Wall Ferraz. Estas são interações compartilhadas, em que o material discursivo, através das ações das interações comunicativas, fica

⁴⁷ “J’entends interactions communicatives dans les sens suivant: il s’agit des interactions dans lesquelles les ajustement réciproques que les partenaires effectuent pour organiser ensemble un cours d’action sont régulés par une production interne d’intelligibilité et d’assignabilité, donc par des opérations de compréhension, d’interprétation et de communication. Cette communication n’est pas nécessairement verbale: elle désigne le fait que, pour organiser leurs relations et leurs actions réciproques, les partenaires d’interaction se rendent mutuellement intelligibles, accessibles, sensibles, observables toute une série de choses sur quoi ils se règlent pour déterminer leurs contributions respectives à un cours d’action conjointe. Ces interactions s’opposent à des interactions de type systémique ou fonctionnel, c’est-à-dire à des processus de détermination réciproque des acteurs, des paroles et des conduites qui ont lieu dans le dos des acteurs, à leur insu, en dehors de leur champ ordinaire de perception et d’intelligibilité” (QUÉRÉ, 1988, p. 79).

evidenciado via gestos significantes que evocam sentidos – se fala para dar um recado, para saber do outro, se acena para cumprimentar. “Fala-se para tocar o outro, interferir no comportamento do outro. A situação de interagir mexe com todos os sujeitos envolvidos no ato; interagir através de gestos significantes faz intervir na ação em curso um mundo paralelo – um mundo de possibilidades, de escolhas [...]” (FRANÇA, 2008, p. 88).

No que se refere à comunicação em Pau D’arco, num primeiro momento da sua formação enquanto comunidade apresentava-se na forma pura do termo, ou seja, como propõe José Luiz Braga (2011), como sendo toda e qualquer “conversa” realizada naquele espaço social. A “conversa” é um elemento que não existe sozinho, que possibilita o contato direto com o outro e que promove sociabilidades através da interação com o outro. É na conversa cotidiana que é possível dar forma às vivências do dia-a-dia da comunidade, sendo através da comunicação direta entre pessoas comuns.

O termo “conversa” tem a vantagem de não se confundir com qualquer outro tipo de interação social. A expressão “conversar” chama a atenção imediatamente para o aspecto de troca *comunicacional* (ainda que o objeto de uma “conversa” possa ser de diversas naturezas econômica, política, militar, científica, ou sensual). Os modos e objetivos específicos são deixados em segundo plano, e a palavra enfatiza a troca e o fato de que essa troca é uma comunicação (BRAGA, 2011, p. 66).

Em Pau D’arco durante muitos anos, a “conversa” era a única forma de comunicação – entendemos que o ato de conversar é composto não apenas pela fala ou voz (discurso), mas também por elementos gestuais, expressões corporais, ações e silêncio. Nos anos iniciais da comunidade, a conversa entre os moradores era a única maneira de comunicação possível. O número de pessoas iletradas que atingia toda a população impossibilitava o envio de cartas, bilhetes e recados escritos com outras pessoas residentes ou não na comunidade. Os únicos “papéis” escritos que se tinha nas casas dos moradores eram os documentos pessoais. E até mesmo embalagens de produtos eram inexistentes, pois o que se comprava na cidade vinha em sacos comuns e sem informações sobre o conteúdo (normalmente grão de café, rapadura e algumas especiarias). Os medicamentos também raramente eram comprados em farmácias, e quando alguém adoecia, era a própria dona de casa ou a rezadeira⁴⁸ quem preparava algum

⁴⁸ Desde os primórdios da comunidade sempre existiu uma pessoa mais velha, a rezadeira, que fazia orações - que foram sendo repassadas de geração em geração - e era quem normalmente preparava os medicamentos caseiros com elementos encontrados na natureza (folhas, raízes, cascas de árvores etc), além de benzer as pessoas contra mal olhado, quebrante e outros males corporais ou espirituais.

remédio caseiro com ervas e raízes encontradas na natureza (raspa de Aroeira, semente de Pau Ferro, casca de romã, folhas de alecrim, entre outros). A ausência de uma cultura escrita aponta para uma certa supremacia da oralidade, e conseqüentemente da “conversaço” na comunidade.

A “conversaço” em Pau D’arco vai além da ausência da escrita nos exemplos mencionados acima, mas está sobretudo no convívio do cotidiano das pessoas comuns. O ato de troca por meio da simples interação é onde aparece o comunicacional mais puro na comunidade. Por exemplo, quando observamos os dados do primeiro questionário, o de “Levantamento socioeconômico”, todos os atuais moradores afirmaram que visitam constantemente as casas de seus vizinhos, sendo que a justificativa para as idas é sempre para dar algum recado ou simplesmente para conversar, saber da vida, socializar, interagir com o outro.

Mesmo nos dias atuais, a prática cotidiana de querer saber sobre o outro (o vizinho, o parente) se mantém, mas um saber sobre o outro sem meios tecnológicos de troca de informação, o saber sobre o outro através da interação direta/face a face em uma situação presencial e com trocas simbólicas reforçadas. Como podemos perceber, em Pau D’arco as interações comunicacionais do cotidiano, do face a face sempre tiveram importância nas relações entre os moradores, e permaneceram ao longo dos anos.

Outra forma de comunicação que foi importante para a comunidade foi a carta, isto que Thompson (1995; 2011) nomeia de “interações mediadas”. As interações mediadas são aquelas que utilizam de meios técnicos para que a mensagem e o conteúdo simbólico sejam transmitidos a um ou mais indivíduo/s, que geralmente se encontra/m em contextos espaciais e/ou temporais distintos. Neste tipo de interação, a possibilidade de trocas simbólicas se reconfiguram em comparação com a “conversaço” direta. As “interações mediadas” descritas por Thompson se apresentam para os interlocutores como mais abertas do que aquelas face à face, fazendo com que os indivíduos em interação se utilizem de recursos próprios para interpretar a mensagem que chega até eles, havendo assim, um maior risco de ruído.

Nas entrevistas realizadas com os moradores da comunidade, as falas indicam que houve uma época em que a comunicação por carta era muito importante. Nos primórdios de Pau D’arco, pela não existência de telefone nas proximidades⁴⁹, quem vivia naquela localidade rural e precisava mandar uma mensagem para algum parente ou conhecido,

⁴⁹ O posto telefônico do povoado de Ilha só foi inaugurado em 1994.

tinha que ser através de recados orais levados por algum mensageiro (normalmente, alguém da própria comunidade) que se deslocava até o destinatário; a outra opção era por carta.

Em um lugar onde quase toda a população da época era iletrada, a comunicação através de um meio escrito tinha suas limitações. Antônio Moreira da Silva (80 anos), relata que nos primeiros anos em que ele e sua família chegaram para se instalar no território que viria a ser a comunidade, ninguém sabia ler e escrever, mas isso não era um problema, porque todos os parentes e amigos moravam próximo e nunca houve a necessidade de escrever um bilhete ou carta para alguém nesta época. Mas com a chegada de outras famílias à comunidade, os relatos do constante envio de correspondências apareceram nas entrevistas. Por exemplo, Maria de Sousa Lima Cavalcante⁵⁰ (2018, 60 anos) lembra que quando sua irmã, Judite, foi morar em Teresina, no começo da década de 1970, a família que continuou vivendo em Pau D'arco sempre enviava cartas escritas à mão para ela.

Toda vez que a gente ia mandar uma carta pra Judite em Teresina era uma dificuldade. Era assim: eu morei muitos anos com os meninos de seu Chico Barroso em Santa Cruz, então papai e mamãe mandavam Alaíde ou Joana, que era quem sabia escrever aqui em casa, escrever a carta com o que eles falavam pra uma delas. Depois eles mandavam entregar pra mim lá na casa de seu Chico, eu recebia e botava no correio, que naquela época só passava pra levar as cartas pra outras cidades uma vez por semana, que era na segunda, dia de feira. Demorava tanto pra chegar que tinha vez que quando ela recebia a carta, o assunto já tinha passado fazia era tempo (risos). Então, essa coisa de contar novidade não tinha como existir. A gente escrevia mesmo era só pra saber como ela *tava* e dar notícia da gente aqui (Maria de Sousa Lima Cavalcante, 2018, 60 anos).

Outro momento da história da comunidade marcado pelas interações via carta foi na época em que vários moradores se mudaram para São Paulo, fugindo da seca, em meados dos anos 1990. “Cansei de ir no Boqueirão⁵¹ na quinta de tarde deixar carta na casa de João de Messias. Aí ele entregava para Lucas⁵² levar e botar no correio pra Pedro (marido da entrevistada) lá em São Paulo”, recorda Joana Justina de Sousa Lima (2018, 43 anos). O uso de cartas passou muito tempo sendo importante para os moradores de Pau D'arco, e tanto o processo de postagem como o de recebimento sempre foi

⁵⁰ Entrevista concedida a Lívia Moreira Barroso em março de 2018.

⁵¹ Comunidade rural vizinha a Pau D'arco, que fica a aproximadamente 10 quilômetros.

⁵² A entrevistada se refere ao senhor Lucas Ozório que na época relatada era proprietário do pau de arara que transportava passageiros para Oeiras às sextas-feiras.

complicado. Mais uma vez, as limitações técnicas vividas impediam uma comunicação livre, sem ruídos.

Posteriormente, já em meados da década de 1990, foi inaugurado no povoado Ilha um posto telefônico. O telefone era comunitário, e quem desejasse usar, pagava um determinado valor para falar no máximo 10 minutos. Como naquela época muitas pessoas, não somente de Pau D'arco, moravam em São Paulo, nos dias da feira do povoado a fila para receber ou realizar ligações era imensa.

A gente sempre ia para a Ilha esperar ligação dos nossos maridos que moravam fora. E a gente chegava lá no posto e ficava esperando a pessoa ligar. Tinha até hora marcada, porque sempre na ligação anterior a gente já marcava a hora da seguinte” (Joana Justina de Sousa, 2018, 45 anos).

Esta forma de “interação mediada” permitiu que a comunicação entre quem vivia na comunidade e quem morava em outros lugares fosse mais eficiente que a por carta, devido à questão da velocidade de transmissão da mensagem.

O uso do aparelho do posto telefônico foi o único por anos, até que em 2005 alguns orelhões foram instalados no antigo povoado, que naquela época já era a cidade de Wall Ferraz. Mas, como a quantidade de orelhões era pequena, a formação de filas de espera para o uso permaneceu, só que em menor tamanho. A partir desse período, o telefone inicia o processo de popularização, e em 2010, com a inauguração da primeira antena de sinal para celular, as interações via telefone se tornam comuns, uma vez que os moradores começam a adquirir seus aparelhos, e passaram a utilizar a tecnologia em suas próprias casas com o auxílio de antenas rurais que permitiram que se tivesse telefones celulares em todas as residências da comunidade. O uso do telefone celular na comunidade, nos primeiros anos, era um tanto limitado. Com a ausência da eletricidade, os aparelhos precisavam ter suas baterias carregadas na cidade, e com isto só se utilizava o aparelho em ocasiões específicas e de extrema necessidade. Mas, com a chegada da eletricidade em 2012, a questão da carga do telefone foi resolvida, e atualmente, as interações via telefone celular são extremamente importantes para o convívio em Pau D'arco – fazer uma ligação para dar um aviso a um vizinho que mora mais distante, ligar com maior frequência para os familiares que moram distantes, são alguns exemplos.

A coisa do telefone na comunidade hoje em dia é uma das melhores coisas que tem. Poder falar com meus meninos que moram em São Paulo todo dia é bom demais. Quantas noites, Lívia, eu fui dormir sem notícias deles, e tua mãe sem saber de vocês também, hein? Então, antes

da energia o telefone já era bom. Mas depois que a luz chegou, a gente pode usar à vontade sem medo de descarregar, e isso é maravilhoso! Agora, uma coisa que acho curioso, que a gente usa muito o telefone, mas nunca deixou a mania de ir na casa do povo daqui da comunidade conversar, porque acho que a gente podia usar o telefone e só ligar, né? (risos) (Alaíde Justina de Sousa Lima, 2018, 58 anos).

Assim, a eletricidade permitiu que as interações dentro da comunidade ganhassem novas proporções. Ao observarmos o evento da chegada da eletricidade em comunidades rurais estamos lidando com o “extra-midiático” citado por Braga (2011), uma vez que tal “acontecimento” – de impacto decisivo no processo de modernização de todos os países - permitiu colocar em contato (e em tensão) as tradições locais e a cultura de consumo trazida pelos produtos e modelos interativos das mídias eletrônicas. Saímos de uma cultura majoritariamente oral para uma cultura midiaticizada ou em processo de midiaticização. Não olhamos para os aparatos midiáticos, nem para seus conteúdos e suas características culturais em si mesmos, mas para atravessamentos destes aspectos com uma realidade comunicacional existente (logo, socioculturais), que se modifica com a entrada das mídias: os possíveis reposicionamentos dos sujeitos entre si, as reorganizações cotidianas comunitárias e familiares e as novas circularidades de informações.

Pensar a ligação entre os meios de comunicação e as relações sociais no cenário atual tem sido a tônica central dos estudos comunicacionais. Estamos em constante contato com as mais variadas mídias e estas estão imersas em nossas vidas. De acordo com França (1995, p. 58):

[...] as relações não são mais as mesmas antes e depois da presença dos meios tecnológicos. A prática dos meios, as novas linguagens que eles inauguraram, a entrada em cena de novos atores, a criação de um novo cenário e o reordenamento dos espaços – a nova maneira de estar na sociedade via meios tecnológicos, enfim, veio implodir o panorama da vida social.

Segundo a autora (1995), estas relações sociais não estão apenas no âmbito da formalidade e das instituições, mas nas relações espontâneas que estão presentes em nosso cotidiano. Nesse sentido, a sociabilidade pensada por Simmel (2006) não se restringe ao espaço institucionalizado, mas está também nos espaços sociais da casa, da comunidade. No cotidiano o ato de comunicar está na ludicidade dos acontecimentos vividos, no contato simples, no desejo do “estar-junto”. O que realmente importa, no cotidiano, assim como na comunicação, é o ato de “colocar em relação”. Para tanto, as relações sociais são

compreendidas na experiência, no dia a dia, na vida comum (MAFFESOLI, 2005). É este “estar junto” que se viu alterado em Pau D’arco com a chegada da eletricidade e com tudo que veio com ela.

Ao olharmos o cotidiano tendo como referência os meios de comunicação e os produtos midiáticos, damos-nos conta de que estes convocam e interferem na vida do espectador, atravessam sua experiência, reestrutura a rotina diária, que se conforma também levando em conta sua programação (BRETAS e DUARTE, 2014, p. 63). Nesse contexto, perceber as modificações causadas no cotidiano dos moradores de Pau D’arco é verificar como o dia a dia dessas pessoas foi afetado pela inserção de uma nova mídia, seja na mudança no horário de dormir para não perder a novela, ou deslocar a reunião noturna da família e da vizinhança da calçada para a sala da televisão para ver um telejornal, assim como ter horários determinados para a escuta do rádio e para ver televisão.

No caso específico da realidade rural de Pau D’arco, a relação com a mídia e consequentemente a alteração no cotidiano midiático e nas sociabilidades estão em constante modificação desde a instalação da eletricidade em meados de 2012. Não que a comunidade estivesse estática no tempo no período anterior a este acontecimento. Mas as dinâmicas sociais-midiáticas eram outras – o contato com a televisão, por exemplo, se dava nas poucas idas em casas de parentes e amigos que viviam nas cidades frequentadas pelos moradores. Não existia uma relação de proximidade com a televisão nem intimidade com os acontecimentos e personagens mostrados pelo veículo. Os ídolos estavam nas vozes do rádio, e na grande maioria das vezes em imagens imaginadas, já que o contato com mídias visuais eram quase inexistente – estas discussões iremos abordar com maior profundidade logo a seguir.

Esta dinâmica – de profunda modificação dos modelos de interação entre os membros de uma comunidade, de diálogo com elementos culturais externos, de acomodação de outras práticas midiáticas com a chegada de cada novo meio, como foram o rádio, a tevê e agora o telefone celular – aconteceu em todas as sociedades, e aconteceu no Brasil ao longo do século XX. O surpreendente não é que isto tenha acontecido também em Pau D’arco – mas que isto aconteça na segunda década do século XXI. Essa experiência de midiaticização se dá com uma defasagem de mais de 50 anos com relação ao resto do país. Então não se trata da mesma experiência que acontece tempos depois, mas de uma *outra* experiência: comunidade não entra em contato com uma televisão em seu estado nascente, mas com uma televisão que já passou por várias fases.

Na verdade, com a chegada da eletricidade, a comunidade sai do estágio das interações diretas e radiofônicas (numa fase de oralidade) e emerge diretamente num cenário multimidiático.

7 A MÍDIA NA COMUNIDADE RURAL DE PAU D'ARCO

A presença da mídia na comunidade rural de Pau D'arco sempre sofreu com limitações técnicas – sendo a falta de eletricidade a principal delas. As questões relacionadas à renda das famílias também foi e permanece sendo em muitos casos limitadora para o acesso a aparelhos transmissores (rádio, televisão e telefone, principalmente) e, conseqüentemente, o uso das produções midiáticas. Neste sentido, em Pau D'arco as pessoas passaram por um isolamento midiático durante muitos anos, sobretudo nas primeiras décadas após a criação da comunidade.

Detalhamos a seguir informações sobre a realidade midiática e seu consumo pelos moradores locais, intercalando junto a estas informações a relação da história social da mídia no lugar com a história da mídia no Brasil e no Piauí. No nosso caso, especificamente, falaremos mais sobre o rádio e a televisão.

7.1 Rádio

Quando o primeiro aparelho de rádio chegou a Pau D'arco, em meados da década de 1960, comprado pelo então morador, o senhor Epaminondas Cavalcante, o rádio já existia no país há ao menos quatro décadas. O surgimento do rádio no Brasil é datado da década de 1920 que, como já mencionamos anteriormente, foi um período em que a história do país foi marcada por uma série de grandes acontecimentos, tais como a Semana de Arte Moderna e a fundação do Partido Comunista Brasileiro. Em 07 de setembro de 1922 aconteceu a primeira transmissão radiofônica oficial no país, com a transmissão do discurso do então presidente da República, Epitácio Pessoa, em evento comemorativo do Centenário da Independência na capital federal, o Rio de Janeiro. É importante destacar que, antes da primeira transmissão oficial, há relatos de que o rádio brasileiro teria surgido em 06 de abril de 1919, com a fundação da Rádio Clube de Pernambuco, dado que não é considerado como oficial.

O rádio, no contexto do seu surgimento, era um meio de comunicação destinado às elites. Primeiramente, porque seus aparelhos transmissores eram extremamente caros e só podiam ser comprados no exterior. E segundo, porque tinha uma programação totalmente voltada para a cultura erudita – exibição de música clássica e óperas, por

exemplo – acessada apenas pelas pessoas das classes abastadas, sendo então uma mídia que não era consumida pelas classes populares.

O processo de popularização do rádio iniciou na década de 1930, no governo de Getúlio Vargas, com sua política nacionalista e com as propostas de industrialização da economia. Vargas via no veículo sonoro uma grande oportunidade para divulgação dos produtos que surgiam no mercado interno e, sobretudo, como um espaço para se dirigir diretamente à população. Foi neste período, em 1935, que é criado o programa “A hora do Brasil”, que está no ar até hoje com o nome de “A voz do Brasil”, composto por informações do governo federal. A partir desse momento, “a introdução de mensagens comerciais transfigura imediatamente o rádio: o que era ‘erudito’, ‘educativo’, ‘cultural’ passa a transformar-se em ‘popular’, voltado ao lazer e à diversão” (ORTRIWANO, 1985, p. 15).

Com o início da popularização do rádio, a década de 1940 ficou conhecida como a “Era de Ouro”, e a partir de então o veículo já estava consolidado na sociedade como um meio massivo. Mesmo que ainda enfrentando limitações em termos financeiros - os aparelhos continuavam caros - a população mais pobre desenvolveu estratégias para o consumo das programações das emissoras que começavam a se espalhar pelo território nacional. Por exemplo, era comum que as pessoas se reunissem nas casas de quem tinha aparelhos para uma escuta coletiva. Foi neste período também que os grandes artistas do rádio ganharam fama e se tornaram ídolos nacionais – Carmem Miranda, Dalva de Oliveira e Herivelto Martins são alguns exemplos.

No contexto do Piauí, 18 anos após a criação da primeira emissora no Brasil - a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, em 1923 - é que foram iniciados os primeiros testes com o objetivo de criar uma emissora no estado. Até o final da década de 1930 e início da 1940, a programação de rádio consumida pelos piauienses era o que vinha das emissoras do centro-sul do país ou estados vizinhos do Nordeste, como Bahia e Pernambuco. De testes desenvolvidos por pessoas amadoras é que nasceu, em 1940, a primeira emissora do estado, a rádio Educadora de Parnaíba, localizada na cidade de Parnaíba, no litoral do Estado.

Na capital Teresina, apenas em 1948 foi que aconteceu a instalação da primeira emissora, a Rádio Difusora de Teresina. Após sua fundação, o Piauí pode contar com uma emissora com maior alcance, uma vez que a Educadora de Parnaíba não chegava aos municípios do centro-sul do estado. A Rádio Difusora tinha uma programação voltada principalmente para o jornalismo, mesclado por alguns programas musicais. O principal

programa era o “Grande Jornal Q-3⁵³” que levava informações de todos os âmbitos (internacional, nacional e local) para a população.

A Rádio Difusora passou quase 20 anos dominando o mercado radiofônico na capital, e assim se consolidou como uma emissora popular e com um público fiel. Apenas na década de 1960 é que ela enfrentou sua primeira concorrente, a Rádio Clube (1960), que surgiu do interesse de um grupo político local em ter espaço para a divulgação de seus ideais. Foi fundada por Valter Alencar, uma das figuras mais respeitadas das comunicações do Piauí.

Posteriormente, em 1962, é inaugurada a Rádio Pioneira, a primeira emissora no Piauí que fazia parte da Rede Católica de Rádios (RCR), ligada à CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil). A Pioneira foi criada com o objetivo de auxiliar na difusão do MEB⁵⁴ (Movimento de Educação de Base), sob a responsabilidade do bispo metropolitano de Teresina, Dom Avelar Brandão Vilela. Face a um quadro de grande desigualdade social, alto índice de pobreza e analfabetismo, o bispo criou a rádio para levar cultura e educação para às comunidades rurais do Estado (NASCIMENTO, 2002).

Foi neste cenário do Piauí rural da década de 1960 que o senhor Epaminondas Cavalcante adquiriu o primeiro aparelho de rádio em Pau D’arco. Em uma comunidade que os moradores tinham recursos financeiros limitados, ter aparelhos transmissores era considerado uma espécie de luxo e, portanto, praticamente impossível de ser comprado por não caber no orçamento das famílias. Francisco de Assis Cavalcante (filho de Epaminondas Cavalcante) lembra que o primeiro aparelho comprado pelo seu pai já era usado, e foi adquirido com o dinheiro da venda de um cavalo.

A novidade da compra do aparelho foi tão grande na comunidade que os moradores passaram a fazer visitas à casa da família para conhecer e escutar o que “saía” do rádio. Francisco de Assis Cavalcante recorda várias histórias da comunidade a partir da chegada do novo aparelho. Por exemplo, o morador de Pau D’arco conta que houve uma situação cômica de um amigo de outra comunidade que chegou na residência da sua família e saiu de lá espantado, sem acreditar que aquela voz saía daquele “caixa” de madeira. “Era até engraçado, porque quase ninguém aqui por estas bandas sabia o que era

⁵³ O termo Q-3 era uma referência ao prefixo da emissora: ZYQ-3.

⁵⁴ O MEB era um movimento criado em 1961 pela CNBB que tinha como objetivo contribuir na educação de jovens e adultos nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste através de uma programação radiofônica e da elaboração de cartilhas.

um rádio. Quando via ficava achando que a gente tinha alguém escondido em casa fazendo aquele barulho (risos)”.

Com o conhecimento de todos os moradores da existência do aparelho na casa do senhor Epaminondas Cavalcante, a residência da família passou a ser o ponto de encontro noturno da comunidade para a escuta da programação. Naquele momento, as emissoras ouvidas eram principalmente a Rádio Pioneira de Teresina e a Rádio Excelsior da Bahia. A concentração de pessoas começava cedo, antes mesmo do anoitecer; escutavam a programação musical na Rádio Excelsior até às 19 horas, e depois mudavam para a Pioneira, para a ouvirem o programa “A voz do Brasil”. Depois conversavam um pouco e voltavam para suas casas para dormir.

Era uma época muito boa, a gente já ficava esperando as pessoas virem porque era muito animado. Todo mundo ficava escutando o rádio, tinha até gente que dançava. Na época o que passava muito no rádio era o Luiz Gonzaga, Dominginhos, Sivuca. Aí o povo se animava e dava até uma dançadinha. Pinô sempre puxava alguém e a poeira levantava nesse terreiro aqui (risos) (Francisco de Assis Cavalcante, 2018, 64 anos).

Como o aparelho funcionava a pilha, tinha que ser usado moderadamente. Naquela época o carregamento era caro e quando acabava era preciso que alguém se deslocasse até uma cidade para comprar. Então, durante muito tempo, a única hora do dia em que se escutava rádio era a noite. Posteriormente, no final década de 1970, com a criação da Rádio Difusora de Picos e a exibição do programa “Correspondente do Interior” - a partir do ano de 1979, diariamente às 11 horas da manhã, com uma programação voltada para a locução de avisos para os moradores das comunidades rurais da região -, o programa passou a fazer parte da rotina das famílias que tinham aparelho de rádio na comunidade.

Como a população, em meados dos anos 1970, no Piauí, era majoritariamente rural, um programa de rádio destinado a comunicar com este público era uma necessidade, mas sobretudo, uma prestação de serviço às pessoas que viviam praticamente isoladas nas comunidades. Então, a prática de pagar avisos para serem lidos pelos locutores no rádio era, em muitos casos, a única forma de enviar alguma mensagem mais rápida para alguém que estivesse no rural, uma vez que esses lugares não eram atendidos pelo serviço de correio e de telefonia.

Como lembra o primeiro locutor do “Correspondente do Interior”, José Elpídio - que ficou conhecido como uma das principais vozes do rádio da região centro-sul do Piauí - o programa surgiu da necessidade de comunicar para os lugares mais remotos do sertão

do estado. E com esta função ele funciona até os dias atuais, estabelecendo uma rede de ligação entre o meio rural e a cidade.

A criação do programa foi um verdadeiro desafio, porque não conhecíamos nada sobre rádio, de como fazer rádio. Mas, mesmo assim aceitamos o desafio e passamos a nos reunir: eu, Erivan, senador Helvídio, Geraldo. O senador⁵⁵ colocou que queria um programa que desse os recados, utilidade pública, convite festas, doenças, quem chegou ao hospital, quem viajou, quem chegou, etc. Então, falou que queria que fosse feito por mim. Colocou-me pra escolher o nome do programa, os horários mais adequados, eram dois horários e escolhi o de 11 horas da manhã, porque era a hora que as pessoas estariam chegando do trabalho, tanto na cidade como na zona rural, iria atingir melhor, porque na época os telefones eram poucos nas cidades pequenas. Como era uma rádio de ondas médias atingia longe o sinal (José Elpídio⁵⁶, 2014).

Diria que [o Correspondente do Interior] foi uma fase de ouro do rádio picoense. Porque o Correspondente está para aquele período como o Facebook hoje está para as redes sociais. O Correspondente era um provedor de rede social, criou uma grande rede social. As pessoas conseguiam se relacionar via Correspondente do Interior. Fosse anunciando o nascimento de uma criança, fosse óbito de uma pessoa no hospital ou em casa. Então, do nascimento à morte as pessoas estavam dentro do Correspondente, tal qual ocorre hoje no Facebook. Pois era uma fase que a região de Picos tinha os avisos do Correspondente, as pessoas queriam fazer parte do programa⁵⁷ (Sebastião Luz⁵⁸, 2014)

A partir da criação do “Correspondente do Interior”, a população de Pau D’arco começou a ter mais uma opção de programa para escutar. Como muitas pessoas tinham parentes morando em outros municípios, era através do programa que se tinha notícias do que estava acontecendo com os conhecidos. Nessa época mais duas famílias da comunidade já haviam adquirido aparelhos transmissores: as dos senhores João Gregório e Francisco Barroso de Carvalho. Esse aumento de aparelhos distribuiu a concentração de pessoas entre as casas com rádio, ouvindo, além dos programas noturnos, também o “Correspondente do Interior”.

Os relatos sobre os avisos dados através do “Correspondente do Interior” permanecem na memória dos moradores, e o programa é lembrado sempre que se faz referência ao rádio na comunidade. A admiração pelos locutores, suas formas de narrar,

⁵⁵ O entrevistado faz referência ao senador Helvídio Nunes de Barros, criador da Rádio Difusora de Picos.

⁵⁶ Entrevista concedida a Lívia Moreira Barroso em fevereiro de 2014.

⁵⁷ Entrevista concedida a Lívia Moreira Barroso em fevereiro de 2014.

⁵⁸ Sebastião Luz, conhecido popularmente como Tião Luz, foi locutor do Correspondente do Interior por mais de duas décadas.

com uma linguagem próxima da utilizada pelas pessoas das comunidades rurais do sertão do Piauí, são os principais elementos que permitiram que o programa estivesse até hoje no ar falando para os habitantes do rural. O serviço prestado pelo programa permaneceu importante mesmo depois da chegada de novos meios de comunicação dentro das comunidades. Já nos anos 2000, o “Correspondente do Interior” era a principal forma de comunicação que eu e minha irmã (Liliane), que morávamos na cidade, dispúnhamos para falar com a família. Tínhamos uma espécie de contrato: todos os dias nossos pais escutavam o programa, e quando era necessário nós colocávamos um aviso para eles. Foram várias as idas à Rádio Difusora para pagar um aviso, fosse para comunicar que uma de nós estava doente, fosse para dizer que estávamos precisando de alguém lá em Picos.

Então, com a interiorização das emissoras de rádio e o barateamento do aparelho, o rádio se popularizou entre os moradores da comunidade, enquanto no cenário do centro-sul do país, depois da “época de ouro”, o rádio entra em um período de crise e transição devido à chegada da televisão, passando por uma reformulação na sua estrutura para atrair anunciantes e se manter atuante no mercado da comunicação. Ou seja, a “primeira grande” crise vivida pelo rádio diante da chegada da televisão no país não afetou o lugar de importância que ele tinha dentro das comunidades rurais do sertão do Piauí, já que a televisão passou muitas décadas depois do seu surgimento para chegar a estas comunidades.

Mesmo com o aparecimento da televisão, na década de 1950, o rádio desenvolveu estratégias para permanecer nos lares das famílias brasileiras. Uma dessas estratégias para reconquistar o seu público foi a utilização do transistor; este aparelho eletrônico, que foi apresentado ao mundo em 1947, possibilitou para o rádio uma produção mais barata, além de uma comunicação noticiosa e ágil. A partir do uso do transistor e de outros aparatos tecnológico, foi possível escutar rádio a qualquer hora e em qualquer lugar, pois não havia mais necessidade de estar com o aparelho ligado na tomada. Como o rádio em Pau D’arco só chegou em meados da década de 1960, e também pela ausência de eletricidade, ele já foi apresentado a comunidade como um aparelho que utilizava da tecnologia do transistor, porém a sua mobilidade permanecia limitada, já que as famílias tinham apenas um aparelho, e este funcionava como um meio de comunicação de uso coletivo. Não era comum que as pessoas andassem com os aparelhos de rádio em ambientes externos às residências, até porque ainda eram aparelhos grandes.

Essas interações que a população estabelecia diária e incansavelmente com e através do rádio ajudou a construir uma rotina em função da programação radiofônica. O que as pessoas falavam, ouviam, faziam ou deixavam de fazer tinha influência daquilo que era transmitido pelo rádio. Nesse momento o meio sonoro foi determinante na construção da vida cotidiana da população. As atividades do dia-a-dia eram embaladas ao som dos artistas da época, e as pessoas paravam para escutar rádio. Em Pau D'arco, Francisco de Assis Cavalcante lembra que todos os dias, às 11 horas, já estava todo mundo da casa sentado à mesa almoçando e escutando atentamente o “Correspondente do Interior”. Assim como, ao entardecer, iniciava a chegada de vizinhos nas calçadas para a programação noturna.

O cotidiano era um elemento determinante para a construção de relações sociais e de aproximação da vida da sociedade em torno dos produtos radiofônicos. Observar o contexto e a configuração da vida social naquele período é perceber a dinâmica do processo de modernização dos centros urbanos; o rádio, que constituiu no início, um dos bens de consumo tecnológico que simbolizava status financeiro e social, aos poucos foi se popularizando e chegando também às camadas mais pobres da população. Sobre a sua importância, Azevedo (2002, p. 87) afirma que:

Plenamente incorporado ao dia-a-dia, o rádio passa a ser visto como mais um dos elementos da vida moderna que deveria estar presente em todos os momentos do dia. O rádio servia para, junto com o jornal, manter os homens informados, alegrar as reuniões de família, fazer companhia à mulher e acompanhar os jovens nos passeios e na praia.

Olhar os meios de comunicação enquanto parte da vida cotidiana das pessoas é perceber como eles foram e permanecem sendo fundamentais na construção histórica da população. A observação de Azevedo (2002), de que o rádio servia naquele contexto de modernização do País para “manter os homens informados”, aponta para um público específico consumidor das informações veiculadas. Assim como a programação noticiosa era destinada ao público masculino, que escutava rádio em momentos determinados do dia, por estar a maior parte do tempo trabalhando fora de casa, as mulheres, ocupando-se com exclusividade da atividade doméstica, se voltavam para a programação musical, que acompanhava e servia de pano de fundo para os serviços domésticos.

Em Pau D'arco a divisão do trabalho e até mesmo do consumo de mídia através “de quem” escutava “o quê” no rádio não destoava do contexto nacional descrito por

Azevedo (2002). Francisco de Assis Cavalcante menciona em entrevista que programas como “A voz do Brasil” e outros jornalísticos eram ouvidos quase que exclusivamente pelos homens. Segundo ele, primeiro porque a hora que o jornal com informações da capital federal ia ao ar era a mesma em que geralmente as mulheres estavam na cozinha lavando a louça do jantar. E depois, porque “escutar jornal, notícia era coisa de homem”.

O público feminino da comunidade preferia ouvir a programação musical enquanto fazia suas atividades domésticas. Para Alaíde de Sousa Lima, a preferência por programas de entretenimento não era por desgostar de ouvir notícias, mas principalmente por ser uma forma de tornar o trabalho repetitivo e cansativo mais ameno; algo que, segundo ela, “não combinava com o jornal, mas combinava com música. Era tão bom, e continua sendo, fazer a comida, lavar os pratos, varrer a casa escutando o Roberto Carlos, o Amado Batista, a Roberta Miranda [...]”.

Então, durante mais de 50 anos o rádio ficou sendo a única mídia em Pau D’arco, e os moradores da comunidade foram acompanhando os passos da evolução do aparelho no decorrer dos anos – desde o aparelho que era praticamente um móvel até os portáteis. Com a disponibilização e comercialização de rádios portáteis e de bolso, o veículo que ficou muitos anos “preso” dentro dos lares extrapolou as paredes das casas e passou a acompanhar as pessoas em suas atividades diárias. A escuta ao longo do dia, que era quase uma exclusividade do público feminino, também chega às roças, acompanhando o trabalho braçal dos homens. É comum até os dias de hoje encontrar pessoas trabalhando na lavoura com seu radinho a pilha sintonizado em alguma emissora.

Outra questão importante para o rádio na comunidade diz respeito ao surgimento de novas emissoras na região, em municípios como Oeiras, permitindo que o sinal chegasse em Pau D’arco com melhor qualidade de som. A partir da década de 1980, a proliferação de emissoras tanto AM quanto FM pelo sertão do Piauí possibilitou que o consumo de rádio fosse mais variado, tendo assim mais opção de programas. As notícias sobre a região deixaram de ser exclusividade do “Correspondente do Interior”, e a Rádio Difusora de Picos passou a disputar espaço com novas emissoras como a Rádio Vale do Canindé e a Rádio Primeira Capital, ambas com sede em Oeiras. Devido à proximidade física da comunidade com a cidade de Oeiras, o sinal das emissoras de lá era mais limpo, o que possibilitou a mudança de estação. Outras emissoras na década de 1990 também foram adentrando no cotidiano da população da comunidade, principalmente às FM. Com um sinal de qualidade superior ao das citadas anteriormente – todas são AM –, emissoras como a Rádio Cultura FM de Picos e a Rádio Cidade Modelo ganharam espaço sobretudo

junto ao público mais jovem, através de uma programação voltada para o entretenimento, com grande tempo dedicado às músicas do momento.

7.2 Televisão

Enquanto Pau D'arco teve, durante muitos anos, um cenário midiático sem grandes alterações, no contexto nacional diversas mudanças ocorreram. Enquanto a comunidade ainda se matinha na oralidade, sem a introdução de nenhum meio de comunicação massivo, na década de 1950 surgia a televisão no contexto centro-sul do País. Com elemento vindos do rádio, mas com o acréscimo da imagem, a televisão em seus primórdios, assim como o veículo sonoro, passou por uma fase elitista, por ser um aparelho caro, de acesso limitado a uma camada da população muito reduzida.

Na primeira década de existência da televisão no Brasil o meio passou por uma fase amadora, devido à ausência de profissionais com conhecimento específico para trabalhar na TV. Esse período representou um momento de adaptação, e quem constituiu a televisão nacional foram artistas, produtores e técnicos vindos do rádio, sem experiência de trabalhar e estar em frente às câmeras. Com profissionais sem preparação para “fazer” televisão, o meio levou ao menos duas décadas para experimentar uma nova linguagem adequada e própria.

Ainda em relação à televisão, diferentemente do que acontecera com o rádio, a complexidade técnica impedia o exercício do “saber-fazer”, não havendo possibilidade de os novos receptores serem construídos de maneira artesanal, havia mesmo antes de sua materialização uma designação prévia dos modelos de ver e dos conteúdos que poderiam ser considerados relevantes para o possível público (BARBOSA, 2010, p. 21).

É nesse contexto de inexperiência com o “fazer” televisão, e de inexistência de profissionais da área, que surge a primeira emissora a ir ao ar no país, a TV Tupi Difusora de São Paulo, inaugurada em 18 de setembro de 1950 (mas que já vinha realizando emissões em fase experimental desde abril daquele ano). Nesses primórdios, as imagens produzidas nas instalações dos Diários Associados não iam muito longe, chegando apenas a aparelhos instalados dentro do saguão da empresa de Assis Chateaubriand. O primeiro programa a ir ao ar foi o “TV Taba”, que tinha como apresentador Homero Silva, e a

participação de atores e cantores como Lima Duarte e Hebe Camargo, entre outros. No mesmo ano Chateaubriand também objetivava instalar a emissora no Rio de Janeiro, mas por causa de problemas técnicos, a TV Tupi só foi inaugurada em 20 de janeiro de 1951, tendo o transmissor ligado pessoalmente pelo então presidente da República, Eurico Gaspar Dutra.

A década seguinte à inauguração da TV brasileira foi um momento chave para o mais novo meio de comunicação. “É nesse período que se consolidam certas práticas de ‘como fazer televisão’, assim como outras são abandonadas, esquecidas ou profundamente transformadas” (BERGANO, 2010, p. 59). Também nesse período, as pessoas que tinham aparelhos televisores e que realmente consumiam o que era produzido pela TV brasileira estava concentrada nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Porém era um número cada vez mais crescente, ensaiando os primeiros passos para a popularização do meio.

A década de 1960 foi definidora para iniciar a consolidação da televisão que temos hoje. O quadro de “profissionais de televisão” começou a ter características próprias, surgindo a noção de que a televisão tinha públicos que se diferenciavam dos do rádio, do cinema e do teatro. Com o início da identificação do público que assistia, a programação passou a ser delineada de acordo com a necessidade de quem via TV, havendo assim uma “grade de programação” mais elaborada e completa. As produções próprias para a televisão vão ao poucos ganhando espaço dentro da grade; as obras antes adaptadas da literatura e do teatro, que tinham como principal produto o teleteatro, foram deixando de ser produzidas, dando espaço para a dramaturgia própria da TV.

É também nesta década que a TV se tornou mais popular, deixando de ser apenas um “lazer noturno para a família”, e adentrou de vez no cotidiano do brasileiro, consolidando-se tanto como uma mídia para o lazer quando para a informação. A grade de programação começa a atender a todos os membros da família, se ajustando aos horários da rotina de uma casa.

A televisão brasileira, e principalmente a do Rio de Janeiro, se consolida com base na ideia de que o “fazer televisão” é fazer programas “ajustados à rotina de horários de trabalho e lazer de uma casa”. Daí que o “público” por excelência da televisão é a “família. Esse é um detalhe de maior importância. Quando a TV Globo, nos anos 1970, se consolida como a maior emissora no Brasil, graças ao projeto de integração nacional promovido pelo regime militar, ela estende a ideia de que a televisão é um “produto familiar” em nível nacional (BERGANO, 2010, p. 64).

Como já mencionamos, o movimento de fixação da televisão no Brasil teve início no centro-sul e, aos poucos, foi irradiando para as regiões consideradas mais periféricas, como o Norte e o Nordeste. E foi neste contexto de integração nacional dos governos militares que a primeira emissora foi instalada no Piauí em 1972, 22 anos depois da implantação do primeiro canal no país. O projeto de instalação da primeira emissora de televisão no estado, assim como da primeira estação de rádio, havia sido encabeçado por Valter Alencar, ainda em meados dos anos 1960. Mas enfrentou diversas dificuldades, principalmente do Conselho Nacional de Telecomunicações (CONTEL), órgão responsável pelas concessões e fiscalização de canais de televisão do país, que fazia inúmeras exigências para a criação do canal: criação de uma sede própria, profissionais com capacitação na área e regularização da documentação eram apenas algumas delas (MINEIRO e RÊGO, 2016).

Antes da criação da primeira emissora de TV do estado, os piauienses eram atendidos por canais de estados vizinhos, como o Maranhão e o Ceará. No ano de 1968, com a instalação da torre da TV Difusora em Timon, cidade maranhense vizinha de Teresina, a programação passou a ser transmitida para a capital e algumas cidades próximas. E logo em seguida, em 1970, os moradores da cidade de Parnaíba começaram a receber o sinal da TV Ceará, com sede em Fortaleza (CE). Contudo, a chegada do sinal destas emissoras não supria às necessidades do estado do Piauí, e eram constantes as críticas feitas por jornalista em jornais impressos de Teresina, fosse à qualidade do sinal, fosse à programação, que segundo os relatos deixava muito a desejar.

Em um cenário político em que as trocas de favores eram ainda mais acentuadas pela ditadura militar, a concessão para o tão esperado canal de TV no Piauí ganhou um impulso significativo quando o então Senador Petrônio Portella (1966-1979) utilizou de sua influência com o presidente militar Emílio Garrastazu Médici. Superadas as dificuldades burocráticas e políticas, a liberação para a criação da TV Rádio Clube ocorreu em 1972, sendo inaugurado o canal em 03 de dezembro do mesmo ano. A instalação de um canal de TV próprio do estado foi utilizado inúmeras vezes em discursos do governando Alberto Silva como um evento importante para a completa inserção do Piauí no mundo moderno. O novo meio de comunicação foi uma oportunidade de promoção do governo, abrindo precedente para que se pudesse afirmar que Teresina saía do tradicionalismo e caminhava, finalmente, lado a lado com o “progresso” vivido no restante do país.

De acordo com Souza (2008), a afirmação de que o estado do Piauí sempre foi um lugar de atraso, isolado do restante do país, era um discurso que vinha desde o período colonial, e podia ser explicado pela falta de representatividade da economia da região dentro do contexto nacional. Já no século XX, o fator econômico permaneceu ainda como justificativa para o atraso, mas o discurso da modernização que permeava o território nacional também foi utilizado para qualificar o estado como “atrasado”. A capital Teresina aparecia como principal símbolo do lugar não moderno pela ausência de elementos que iam desde a estrutura física da cidade (a falta de ruas asfaltadas, eletricidade pública de boa qualidade, por exemplo), passando pela falta de produtos tidos como modernos nas lojas, até a inexistência de um canal de TV próprio até o início da década de 1970. Então, a inauguração da TV Rádio Clube funcionou como um elemento de inserção da capital e do estado no processo de modernização que o país passava desde o início do século, aproximando-se do padrão tecnológico já presente em outros estados vizinhos.

Com a interiorização das emissoras de TV por todo o país, sobretudo os canais afiliados à Rede Globo – a TV Rádio Clube do Piauí era um deles – a televisão começou a ter um caráter mais massivo, passando por um processo de modernização dentro das emissoras, sobretudo na década de 1970. Nesse momento da história, as principais emissoras eram a TV Globo e a TV Excelsior. Foi neste período que a Globo se consolidou no cenário midiático defendendo “um padrão de qualidade” próprio, através do discurso da existência de uma emissora com aparelhos modernos para levar uma programação com um elevado nível de produção. Também foi aqui que a emissora inseriu na sua grade programas com artistas considerados de esquerda – Dias Gomes, Eduardo Coutinho, Walter Lima Jr e outros – com objetivo de “eivar o nível” das suas produções com o intuito de “responder às pressões feitas pelo governo, pela imprensa e por setores conservadores da sociedade [...]” (GOULART; SACRAMENTO, 2010, p. 124). Estes novos profissionais produziram na época obras consideradas modernas – um exemplo é a novela *Saramandaia*, de Dias Gomes, que foi ao ar em 1976 – que contrariavam as representações tradicionais do cotidiano e sobretudo questionavam o momento político do período.

A novela *Saramandaia* foi um grande sucesso de audiência, e foi das primeiras telenovelas que alcançou uma grande projeção nacional. Nas entrevistas com as pessoas que vivem na comunidade de Pau D’arco, a moradora Alaíde Ribeiro lembra que foi a primeira novela que ela assistiu na vida. A primeira experiência com a televisão relatada

por Alaíde aconteceu na cidade de Santa Cruz do Piauí, onde o prefeito do município havia comprado um aparelho de TV que era posto todas às noites na praça do centro da cidade para a população assistir. Ali naquele ambiente, as pessoas saíam de suas casas com cadeiras e formavam uma verdadeira multidão em torno do aparelho que ficava em uma mesa alta para que todos pudessem ver o que estava passando. Ela relata que o aparelho ainda era com imagens em preto e branco, e com uma qualidade de som e imagem não muito bons, mas mesmo assim toda a cidade ia ver, pois foi durante muitos anos o único aparelho daquelas “bandas”, e era uma novidade que despertava a curiosidade da população.

Eu me lembro *direitim* da primeira vez que eu vi televisão. Em 76, Maria, minha irmã, morava em Santa Cruz junto com os meninos de seu Chico Barroso, Antônio e Maria. Aí, uma vez eu fui pra lá, porque a minha irmã estava com catapora, na verdade *tava* era a casa toda doente, aí eu fui pra ajudar nas coisas de casa. E aí, um dia de noite, Antônio me perguntou se eu já tinha visto televisão. Eu que nunca tinha nem ouvido falar, fiquei só pensando em como era essa coisa que ele me disse que era uma caixa que tinha pessoas dentro (risos). Então, fiquei com aquilo na cabeça e com muita vontade de ir lá na praça ver o que era essa tal de televisão. Só que como os meninos *tavam* doente, dona Catarina não deixava a gente sair no sereno da noite. E foi só quando eles melhoraram que nós fomos um dia ver a novela. Eu me lembro como se fosse hoje, era até aquela novela que um tempo desse passou de novo na Globo, *Saramandaia*. Eu fiquei tão impressionada, besta mesmo, com tudo aqui, que fiquei muitos dias pensando que como era possível uma caixinha daquele tamanho caber aquele tanto de gente dentro. Minha vontade era de ir lá e passar a mão na televisão pra sentir (risos). Só sei que quando eu voltei *pros* Pau D’arco e contei pro povo, ninguém acreditava (risos) (Alaíde de Sousa Lima, 2018, 58 anos).

Através da fala de Alaíde Ribeiro podemos afirmar que, no final da década de 1970, a televisão já era um meio de comunicação que caminhava em direção à popularização. Estar presente em uma pequena cidade – que era mais um vilarejo do que um centro urbano, como é o caso de Santa Cruz do Piauí - apontava que a TV já tinha um grande alcance, e era gradativamente apresentada para a população do vasto território nacional. Sendo assim, a televisão se afirmou como o veículo de comunicação mais popular do país, e como uma mídia para o lazer e o entretenimento. A tentativa da criação de um meio com características de cunho educativo, erudito e cultural não foi o que consolidou a televisão no cenário nacional.

A televisão, em seus primórdios no Brasil, foi saudada por literatos e intelectuais como um novo espaço não apenas educativo, mas de divulgação cultural e mesmo como nova vertente de divulgação artística. Apesar da expectativa, não foi propriamente este o caminho que se consolidou. A grade de programação das várias emissoras, e o perfil da demanda, isto é, aquilo que os telespectadores buscam na televisão, delinearão distintamente a face e a natureza da televisão (FRANÇA, 2009, p. 32)

Mesmo com programas populares fazendo sucesso na televisão, como os de Chacrinha e de Flávio Cavalcanti, a forma de produzir TV em meados da década de 1970 começou a questionar a “qualidade” dos programas de auditório, que eram programas ao vivo, feitos meio que no improviso, e com erros técnicos grotescos. A Rede Globo, sobretudo, começou a ter uma maior preocupação com a produção de seus programas, iniciando o que ficou conhecido como “o padrão Globo de qualidade”. A necessidade de fazer uma televisão cada vez mais profissional, utilizando meios técnicos para evitar erros (como o videoteipe e a edição), levou a uma diminuição gradativa das transmissões ao vivo.

Com uma série de mudanças na produção, a inserção de novos aparelhos tecnológicos e modificações na programação, esse período ficou conhecido como da “modernização televisiva”. A TV Globo contratou novos profissionais, entre os quais intelectuais e artistas de esquerda, com o objetivo de trazer o público mais “intelectual” para a audiência do canal.

Na década de 1980, este meio de comunicação foi significativo na transmissão de acontecimentos significativos, como o movimento das “Diretas Já” (neste, a televisão entrou a reboque), a morte de Ayrton Senna e Tancredo Neves, convertidos em grandes eventos midiáticos. Mas o grande destaque da década ficou por conta da afirmação e popularização dos programas de auditório, com o retorno dos programas de cunho popular. O surgimento do SBT (Sistema Brasileiro de Televisão), em 1981, que defendia a ideia de uma emissora popular de qualidade, programas como “A praça é nossa” e “Programa Sílvio Santos” fizeram sucesso e entraram no imaginário televisivo nacional.

Com a entrada do SBT na disputa pela audiência aconteceu uma mudança significativa dentro da televisão brasileira. A Rede Globo, que na década anterior tinha conquistado a audiência da classe média com programas voltados para o jornalismo, através da produção de grandes reportagens, como o “Fantástico” e o “Globo Repórter”, precisou reconquistar a audiência das classes populares em determinados horários. É nesse período que começam a aparecer na TV os programas policiais, com extensa

duração e cobertura jornalística ao vivo, proclamando seu objetivo de “retratar a vida diária da cidade”. O primeiro destes programas, e talvez um dos mais famosos, foi o “Aqui e agora”, que teve início em 1979, pela TV Tupi.

Se as décadas de 1970 e 1980 foram marcadas pela modernização da televisão, pela inserção de novos programas na grade e, sobretudo, pela afirmação da TV com seu modo próprio de fazer, na sua quarta década de existência a televisão viveu a sua primeira crise. Os fatores que ocasionaram esse primeiro momento de instabilidade foram vários: “a segmentação, os canais pagos, o videocassete, as primeiras experiências de interatividade de digitalização reconfiguraram o mercado televisivo” (BRITTOS; SIMÕES, 2010, p. 218). O novo contexto fez com que as emissoras abertas disputassem a audiência como nunca tivera ocorrido. Pela primeira vez em anos, a TV Globo teve sua liderança ameaçada e, como uma das mudanças para se manter no mercado, inseriu na sua grade programas de cunho melodramático (como o “Linha Direta”, por exemplo), interligando o telejornalismo a uma produção mais interpretativa e performática (BRITTOS e SIMÕES, 2010).

O contexto vivido pelo mundo nos anos 1990, com o fim da Guerra Fria, em que novas perspectivas mercadológicas foram abertas, através da expansão do processo de globalização e da criação e circulação de novas tecnologias - o início da popularização dos meios digitais, principalmente do computador doméstico, assim como a consolidação dos ambientes informatizados que passaram a ser usados juntamente com os “tradicionais” – afetou profundamente o cenário mundial e também o brasileiro, chegando tais mudanças de forma efetiva às comunicações.

O cenário comunicacional brasileiro – e especialmente a televisão e toda a cadeia audiovisual – inseriu-se plenamente nessa onda de mudanças, inclusive incentivando-a. Os anos 90 do século XX constituíram-se como momento destacado da fragilização da percepção sobre as fronteiras nacionais, resultante dos movimentos de globalização capitalista. O prenúncio era de uma mídia sem amarras, desvinculadas de vontades do Estado, mas o que se consolidou foi o princípio da livre concorrência, com a ampliação no número de emissoras televisivas e o acirramento de lógicas mercadológicas. Frente a isso, grupos de televisal abertos do Brasil partiram para outros setores, como a TV paga, e a exploração de negócios em outros países, reposicionando-se de forma reativa, mas buscando inovação. Trata-se de um período que, especialmente assinalado pelas características do capitalismo global, representa um momento de transição para a lógica diferenciada das anteriormente visualizadas, constituindo agora o ambiente digital (BRITTOS; SIMÕES, 2010, p. 220).

Já os anos 2000 vieram com o contexto de digitalização iniciado na década anterior. As dinâmicas de produção, assim como as práticas de uso e consumo da televisão foram modificadas. Com um cenário de convergência digital, a TV se expandiu e se associou a outras mídias como forma de se manter viva no mercado transmidiático. A interação com as redes sociais on-line, a produção de *reality shows* interativos, entre outras inovações, fizeram da televisão um espaço de diálogo com outras mídias e um espaço em constante reconfiguração.

Para Fachine e Figueirôa (2010), foram duas as principais modificações vividas pela televisão aberta no Brasil no início do século XXI. A primeira delas diz respeito ao acelerado desenvolvimento das tecnologias digitais; a segunda, em consequência, foi a questão da TV transnacional por meio do aumento dos fluxos midiáticos, em que o meio absorveu as lógicas de mercado acentuadas pela cultural da globalização. De lá para cá, a TV vem vivendo um processo de adaptação em relação às novas possibilidades que o mundo digital oferece e exige do “fazer televisão”.

Mais de meio século se passou desde a primeira transmissão televisiva, e o meio que um dia foi de elite se popularizou e ocupa hoje espaço na casa de milhares de pessoas país a fora. Seja por meio de telejornais, programas de auditório, humorísticos, telenovelas... a televisão determina rotinas e se insere na vida de seus telespectadores.

Com a possibilidade de acesso tanto do rádio como da televisão para a maior parte da população, a comunicação radiofônica e televisiva acontece através de muitas articulações, e os espectadores constroem expectativas e se defrontam com novas representações a partir das relações sociais que aí se estabelecem. Ao longo de suas vivências, em seu meio social, desenvolvem suas crenças, cultura, costumes. Constroem uma maneira única de viver seu dia-a-dia.

Mas, por mais que tenham proximidades, o rádio e a televisão são mídias diferentes e ocupam espaços também diferentes na sociedade. Pensando nisso, Bianchi (2006) ressalta que o modo como o rádio se adequa às diversas temporalidades vividas pelos ouvintes em seu cotidiano não é o mesmo que o da televisão. Ao ouvir rádio, o ouvinte que está do outro lado do aparelho não destina atenção exclusiva ao veículo. Esse contato acontece mediado por inúmeras outras ações: estudo, trabalho, conversas, atividades esportivas, físicas, de lazer, domésticas etc. Por isso, ela observa que o veículo tem que aprender a conviver com essas mediações, pois elas influem diretamente na forma como o ouvinte recebe o conteúdo radiofônico.

Para a autora, o rádio permeia o cotidiano de uma forma sutil, sem requerer para ele total atenção. Ele está ali em algum “canto” da casa e difunde o seu som, enquanto quem está lhe escutando desenvolve atividades da vida cotidiana. Porém, o meio sonoro, que esteve absoluto como companhia certa nos lares de comunidades como a de Pau D’arco, hoje divide espaço com a televisão, que veio para reconfigurar o cotidiano midiático e as formas de sociabilidade da população.

No caso da televisão ela requer uma certa atenção de quem a assiste, além de ocupar um destaque dentro da casa, sendo que na grande maioria dos lares ela ainda preserva “o seu lugar na sala de visitas” (BARBOSA, 2010, p. 21). Com a presença quase unânime, hoje, da televisão na maioria das casas de Pau D’Arco, a primeira forma de socialização afetada foi a de sentar-se na calçada à noite para conversar com a família e os vizinhos. Atualmente, o espaço de diálogo eleito é a sala da televisão, em que comentários são tecidos acerca da programação, dos acontecimentos e da vida cotidiana.

A televisão hoje representa para as comunidades rurais um bem simbólico e cultural. As narrativas televisivas preferenciais se configuram enquanto escolhas que fazem parte desse ambiente sob influência da mídia em que a vida social limita, recorta e seleciona tais preferências tendo em vista o hábito das mídias disponíveis. Prefere-se a tevê por algum motivo prático e relacionado aos sentidos naturalmente adaptado à vida cotidiana das pessoas (DUARTE, 2014, p. 85).

A televisão no rural é o lugar de contato com o distante, com o desconhecido, com a experiência do outro, seja através do telejornal, em que o telespectador percebe os acontecimentos de regiões e culturas diferentes da sua, seja na telenovela, percebendo histórias ficcionais que são lidas a partir das realidades dos sujeitos do rural. Nesse sentido, Duarte (2014) compreende que a televisão não “esvazia” a experiência social cotidiana, mas ela é um complemento que dialoga com as experiências e as práticas vividas pelos habitantes do rural.

Lugar de prática, a televisão é, portanto, um lugar de experiência, da nossa experiência cotidiana. Fazer televisão, assistir televisão não é algo externo, mas interno à vida social; o espaço televisivo não existe paralelamente às nossas experiências, mas é uma delas – com fortíssimo poder de penetração nos demais âmbitos de nossa vivência. Não podemos, hoje, conceber ou falar da vida cotidiana de uma sociedade, ou de uma pessoa, sem falar da presença da televisão inserindo e repercutindo imagens, representações, temas, formas de procedimentos

e conduta. Para alguns, ela está aí atuando unilateralmente. Se compreendermos, entretanto, enquanto interação, espaço de um lazer que se reorienta a partir da intervenção dos diferentes sujeitos envolvido, falamos antes de uma relação bilateral, bem como de uma linguagem atravessada (poluída) pela vida, espaço e dinâmica de experiências partilhadas, uma televisão banhada em nosso cotidiano, enfim (FRANÇA, 2006, p. 33).

7.3 A mídia Pau D'arco

Nesse contexto, pensando a televisão como o lugar da experiência cotidiana, vamos também entendê-la como um meio que permeia lugares e realidades diferentes. Ela está presente em vários espaços, inserida na vida cotidiana de inúmeras pessoas, e por isso ela é absorvida de forma única e singular por cada realidade social. Falar da televisão em uma comunidade rural como a de Pau D'arco não é o mesmo que a experiência dela nos centros urbanos ou até mesmo de uma comunidade rural em outro canto do país. Os usos são diferentes em cada contexto social. E talvez seja o grande desafio de trabalhos como este, perceber as afetações que a chegada de novas mídias causam em realidades como a da comunidade por nós estudada.

Quando olhamos para a história do rádio e da televisão ao longo das décadas, e percebemos as diversas transformações vividas por estes meios de comunicação, verificamos também que as modificações que foram acontecendo não foram vividas, e continuam não sendo, igualmente para a toda a população do país. O rádio, quando chega à comunidade de Pau D'arco quase quarenta anos depois da sua instalação no Brasil, já tinha passado por diversas etapas, sendo a principal delas, a sua popularização. O meio de comunicação sonoro já foi apresentado aos moradores da comunidade de meados da década de 1960, como uma mídia “pronta”. Mesmo hoje em dia, em que o rádio chega praticamente em todos os lugares, ele continua sendo consumido em Pau D'arco da forma mais tradicional possível – um aparelho ligado à eletricidade ou a pilha, um aparelho próprio de rádio – os moradores não acessam o rádio disponível na internet, por exemplo. As inúmeras *webrádios* que existem hoje no ambiente virtual ainda constituem algo distante para quem vive na comunidade, uma vez que não existe sinal de internet e não há previsão de quando chegará.

No que se refere à televisão, quando esta chega a Pau D'arco no final de 2012, o veículo vive o ápice da sua produção – TV Digital, *streaming*, interativa etc. Porém, a TV consumida na comunidade hoje não é esta “super moderna”, assistida por uma grande

parte da população que vive nas áreas urbanas. Ver televisão na comunidade é perceber que a temporalidade midiática é própria de cada lugar. Enquanto muitas pessoas têm a possibilidade de ver a programação da TV aberta e a cabo, lá só é possível assistir os canais abertos com o uso de antenas parabólicas e sem direito a ver a TV local⁵⁹; só se tem acesso a canais do centro-sul do país, principalmente Rio de Janeiro e São Paulo. Os aparelhos, na maioria das casas, ainda são de tubo, e com o processo de transição da TV analógica para a digital, os moradores já estão sendo obrigados a consumirem uma nova tecnologia mesmo sem ter aparelhos para usá-la.

Então, o rádio e a televisão em Pau D'arco configuram o que podemos chamar de meios de comunicação clássicos, com audiências tradicionais. Ou seja, a maneira de ouvir rádio e ver TV na comunidade se faz através de hábitos que já foram deixados para trás em diversos lugares tidos como mais “modernos”, “digitais”, “conectados”. Mas hábitos que, mesmo não considerados como atuais para o restante dos lugares ou para a grande maioria destes, diz da presença da mídia num rural específico, que vive em um tempo lento e diferente, onde os meios de comunicação não centralizam a vida da comunidade, mas se inserem na experiência de um cotidiano próprio.

Com o objetivo de compreender como a mídia se apresenta hoje na comunidade, sentimos a necessidade de aplicar um questionário que intitulamos de “Questionário de Consumo de Mídia”, organizado com questões em sua maioria de múltipla escolha, para se ter um diagnóstico geral da presença da mídia em Pau D'arco. Em nosso estudo, a primeira questão lançada para os entrevistados foi sobre as mídias existentes em suas casas. Os resultados dizem muito da realidade da comunidade, que vai além da questão midiática, e diz também da situação social do lugar – observar a presença de aparelhos eletrônicos para uso de determinadas mídias pode apontar para questões econômicas, religiosas, comportamentais, por exemplo.

Dos 84 moradores distribuídos em 24 residências, apenas uma delas não possui aparelho de televisão (casa habitada por 3 moradores, o que é equivalente a apenas 2,8% da população da comunidade). Quando perguntados por quais motivos a família não tem nenhum aparelho de TV em casa (intuindo que seria por questões econômicas), surpreendentemente, a justificativa para a ausência da mídia na moradia está no fato dos

⁵⁹ De acordo com pesquisa do “Atlas da Notícia” realizada pelo Projor (Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo), 50 milhões de brasileiros (as) atualmente não tem acesso a informações locais, ou seja, do município onde vivem. No território nacional, 25% da população moram em municípios que não possuem canais próprios radiodifusão (rádio e difusão). Disponível em: <https://www.atlas.jor.br/>

habitantes serem evangélicos (seguidores da igreja “Deus é Amor”) e considerarem o culto à imagem como algo que a religião não permite. Por este motivo, evitam o contato direto com a televisão.

Não é que nunca tenhamos visto televisão. Às vezes, quando vamos na casa de um vizinho ou na de algum conhecido em Wall Ferraz, que chegamos e a televisão deles está ligada, não pedimos para desligar. Mas também, nunca quisemos ter uma, porque não é condizente com nossa religião. (Giovana Lima⁶⁰, 2018, 23 anos).

Numa tentativa de uma justificativa mais forte, questionamos se não existe interesse e curiosidade nem mesmo pelos inúmeros canais de conteúdos religiosos existentes no Brasil hoje. A senhora Joana Justina Lima (45 anos), explicou que a família tem o hábito de escutar programas de rádio que são voltados para o público evangélico, e que estão satisfeitos em apenas ouvir, não havendo a necessidade de imagens para complementar estes programas. “Afim, a palavra de Deus não precisa de imagem, só a fala já é suficiente”, enfatiza.

Nas demais residências, todas têm aparelhos de televisão (23 residências equivalente a 95,83% das famílias da comunidade). No que se refere à mídia rádio, todas as casas têm aparelhos receptores (24 – 100%). E nenhuma das residências possui sinal de internet, assim como não existe assinaturas de jornais e revistas (tabela 14).

Tabela 15: Mídias por residências

MÍDIA	NÚMERO ABSOLUTO	PORCENTAGEM
Jornais e Revistas	0	0%
Rádio	24	100%
Televisão	23	95,83%
Internet	0	0%
Outros	0	0%

Quando observamos a tabela acima (Tabela 14), podemos ter o primeiro diagnóstico de como a mídia se apresenta na comunidade. A primeira questão que consideramos importante é sobre a ausência de mídias impressas em Pau D’arco. A justificativa principal dado pelos entrevistados é pelo isolamento físico: Pau D’arco não

⁶⁰ Entrevista concedida a Livia Moreira Barroso em março de 2018.

está localizada em um lugar próximo aos grandes centros urbanos do Piauí e nem de qualquer outro estado, não é interligada por rodovia a nenhuma cidade, também não é atendida pelo serviço dos Correios ou de qualquer outra empresa de transporte de encomendas. Consequentemente, as publicações impressas (diárias, semanais ou mensais) que são distribuídas pelo país não conseguem ser entregues na comunidade.

Porém, como todos os moradores têm parentes/amigos que moram em alguma cidade próxima, perguntamos se não era possível assinar alguma mídia impressa e pedir para ser entregue na casa desses conhecidos para depois ser encaminhado por alguém para a comunidade. Com este questionamento, a resposta é que, além da limitação pelo não atendimento dos serviços de entrega, também existe a questão financeira, pois consumir estas mídias requer um investimento que as famílias, em sua maioria, não pode arcar. E por fim, várias pessoas responderam que o não consumo dos impressos se deve também, e sobretudo, à escolaridade reduzida – o índice de iletrados ou semiletramento na comunidade é alto, principalmente entre as pessoas mais velhas (19% da população não estudou e 17,9% não concluiu o Ensino Fundamental I).

Até tenho vontade de ler alguma revista, na escola às vezes os professores levam para a aula como exemplo, a Superinteressante, a revista Escola, e aí tenho curiosidade, mas nunca podemos levar para casa e também minha mãe não pode comprar para mim, porque é muito caro e não teria como receber aqui em Pau D'arco. (Maria Sandra de Carvalho⁶¹, 2018, 18 anos).

Com isso, o acesso às mídias que não necessitam de “transporte” para chegar à comunidade se torna a melhor opção. Por este motivo, o rádio, durante muitos anos, como já mencionamos, teve uma supremacia nas casas dos moradores e era consumido diariamente por várias horas do dia por todas as pessoas de Pau D'arco. Hoje ele ainda permanece como uma mídia importante, estando presente em todas as residências das famílias, mas desde a chegada da eletricidade, em 2012, disputa espaço com a televisão.

Com a presença quase unânime do rádio e da televisão no cotidiano dos moradores de Pau D'arco, compreender os usos destes meios de comunicação foi o que norteou as perguntas seguintes do nosso questionário. Sobre o hábito de ver televisão, apenas os três moradores da residência que não possui a mídia diz não ter. Os demais afirmaram que o meio de comunicação está inserido em seu cotidiano diário, e que assistem à programação

⁶¹ Entrevista concedida a Livia Moreira Barroso em março de 2018.

sempre que possível, sendo a televisão parte de suas vidas. Os horários, canais, programação e demais questões acerca da TV iremos discutir a seguir.

Verificado que a televisão está presente no dia-a-dia de 95,83% da população do corpus da pesquisa, e que a mídia está há pouco tempo na comunidade, quisemos saber se está modificou a vida/cotidiano das pessoas. Todos os 81 entrevistados que disseram ter o costume de ver televisão, afirmaram que sim. E em que a mídia televisiva modificou a vida do morador de Pau D'arco? Para todos eles a principal modificação está na rotina, como afirmou a moradora Alaíde de Sousa Lima (2018, 58 anos):

Depois que a gente tem televisão em casa, muitas coisas mudaram. Por exemplo, uma coisa que era de costume aqui era dormir 'junto com as galinhas'⁶². A gente sentava nas calçadas daqui de casa ou na casa de algum vizinho, e ficava conversando até umas 7:30 no máximo 8 horas, depois todo mundo ia pra suas casas dormir. Hoje não, depois da televisão a gente continua conversando na calçada, mas quando começa a novela das 7 da Globo todo mundo vai pra frente da TV, e só vai dormir depois da novela das 9. Os meninos assiste até o jogo de bola na quarta.

Pelo depoimento da moradora, percebemos que algo que pode ser considerado simples, como o horário de dormir, fala da configuração cotidiana do lugar e das formas de sociabilidade. Mesmo com a permanência das reuniões noturnas nas calçadas das casas da comunidade, observando a atual configuração do hábito, e relacionando a anos anteriores, percebemos que houve uma redução da quantidade de moradores, já que os que moram mais distante agora raramente visitam com frequência os vizinhos que não estão nas proximidades de suas casas. A necessidade de estar em casa na hora dos seus programas de TV favoritos fez com que os passeios noturnos fossem diminuídos.

Outro público que teve seus hábitos cotidianos alterados pela chegada da televisão foi o infantil. Pelos relatos, em anos anteriores a 2012, era comum que as crianças da comunidade estivessem o tempo todo brincando pelos terreiros, campinhos de futebol espalhados pela comunidade e pelos arredores das suas casas e da vizinhança. Depois da televisão, as brincadeiras mudaram de lugar; hoje é comum chegar a qualquer hora do dia em casas que têm crianças e encontra-las sentadas, às vezes sozinhas, outras em grupo, na sala de casa em frente à TV, vendo algum programa. As brincadeiras fora do ambiente da casa continuam, mas em menor frequência, e com horários marcados pela hábito de ver televisão. Além de que, o próprio ato de ver TV se transformou em uma “brincadeira”

⁶² Fazendo referência ao hábito de dormir cedo.

deste público, uma vez que, é comum marcar hora com os amigos para assistir a determinados programas em conjunto.

Figura Imagem 13: Crianças da comunidade assistindo televisão.



Formatado: Fonte: 11 pt

Formatado: Fonte: 11 pt

Na foto acima, vale ressaltar o mobiliário restrito: a rede dependurada, o móvel da TV, a ausência de cadeiras e mesa (as crianças assentadas no chão combinam o dever com o programa televisivo). Na parede uma folhinha e uma imagem religiosa.

Um evento específico sobre a mídia em Pau D'arco é importante de ser relatado, que é a chegada do aparelho. Os aparelhos de TV de muitas famílias foram comprados antes mesmo da ligação da eletricidade. Vários moradores, quando questionados de como foi que os televisores entraram em suas casas, lembram que, assim que as obras para a instalação da “luz” começaram, e que finalmente acreditaram que era verdade - que a “energia” ia ser posta nas casas -, a compra da TV, juntamente com a antena parabólica e o receptor, foi imediata para muitas famílias.

Nós sempre sonhamos em ter energia aqui, e com a energia vinha a televisão. Então, quando soubemos que a luz ia ser ligada mesmo, tratamos logo de comprar os aparelho, acho que as lojas do Wall Ferraz ficaram secas de TV e antena, porque era tanta gente comprando. Eu me lembro que muita gente comprou, eu mesmo fui um dos primeiros. Aí comprei o aparelho e ele ficou aí na caixa por quase seis meses esperando a energia ser ligada. Os meninos ficavam tudo ansiosos e

perguntado quando ia poder assistir à televisão. Quando ligou a energia em novembro de 2012, foi uma verdadeira festa, todo muito queria assistir TV o tempo todo, coisas de gente sem costume (risos). Mas depois a TV foi sendo algo que ficou normal na vida da gente, mas não consigo imaginar como seria se hoje a gente ficasse sem televisão, já é uma coisa importante pra nossa vida daqui (Leocácio de Sousa Lima, 2018, 32 anos).

Antes de sua chegada em Pau D'arco, a televisão constituía um objeto de desejo, despertando o imaginário de muitos moradores. Em diversos momentos, moradores chegavam a se deslocar até à sede urbana do município para ver televisão. Há relatos das vezes em que se ia a pé para assistir alguns acontecimentos (trataremos melhor sobre isto no capítulo seguinte) transmitidos pela TV, por exemplo, a final da Copa do Mundo de Futebol de 1998. Então, a chegada da TV era muito desejada, e além da mudança do cotidiano da população da comunidade, o aparelho chega para reconfigurar até mesmo o espaço e uso da casa. Antes da televisão, a sala de estar não tinha praticamente nenhuma função determinada dentro das residências; era apenas mais um cômodo que servia para dispor as cadeiras que seriam levadas para as calçadas ou terreiros na parte da noite para a reunião da família e vizinhos, e que também podia ser utilizado para armar redes quando havia necessidade de acomodar um número grande de visitas. Hoje, o espaço da sala de estar é dedicado à televisão, e ela ocupa um lugar de destaque. O móvel onde se acomoda o aparelho sempre tem objetos de significação sentimental para a família: porta-retratos, imagens de santos de devoção, lembranças de eventos da família (aniversários, primeira eucaristia, casamentos etc).

Imagem 14: Localização da televisão como um elemento central da sala de estar rodeado de objetos afetivos.



Além da alteração da rotina e do ambiente da casa, aspectos apontados por todos os entrevistados, alguns também identificaram mudanças no comportamento, principalmente dentro da população com menor faixa etária (jovens e crianças). A grande maioria dos entrevistados observa que o modo de se vestir, cortar o cabelo, o uso de acessórios, o vocabulário, a forma de ver o mundo foram/estão sendo afetados pelo que se vê na televisão. Acompanhar e querer ter o estilo e as atitudes dos ídolos está cada vez mais inserido na vida da população.

É comum você ver meninos aqui com o cabelo igual ao do Neymar, as meninas com roupas iguais às das moças da novela. Isso até pouco tempo atrás não existia, até porque mesmo o que a gente comprava pra usar era só porque achava bonito mesmo, quem era que sabia que *tava* na loja por que era da novela? (Risos) (Alaíde de Sousa Lima, 2017, 58 anos).

A presença da mídia, que traz junto a publicidade, também alterou e incentivou hábitos de consumo. A compra de produtos industrializados, hoje, pela comunidade, não atende mais apenas às necessidades de se vestir, alimentar e se medicar, mas é também estimulada pelas propagandas, merchandising e daquilo que se apresenta como de “qualidade” antes pelo rádio, atualmente, principalmente pela televisão. Um exemplo bem visível é a diminuição do uso de medicamentos caseiros para tratar doenças comuns (dor de cabeça, azia, diarreia, entre outras), que hoje, na sua maioria, são substituídos por

remédios comprados em farmácias - em muitos casos com a justificativa de que “viu na televisão que era bom”. Nestes pontos, fica evidente a interferência da mídia no rompimento com algumas tradições.

Sendo assim, todos os moradores entendem que a prática de ver televisão causa diversas influências em suas vidas. Seja alterando a rotina e as vivências cotidianas, seja pautando as discussões das rodas de conversas, seja no comportamento, o que se vê e se consome na mídia televisivo se mostra presente em Pau D’arco.

Como podemos perceber, a prática de ver televisão na comunidade é algo que vem se consolidando desde que a mídia chegou aos lares. Para tanto, ver a quantidade de horas que os moradores passam em frente ao aparelho diariamente é fundamental para identificar como o meio de comunicação se apresenta como algo que está firmado no dia-a-dia de todos. A média de horas que os entrevistados passam assistindo televisão é de 2 a 4 horas por dia, principalmente no horário da noite para os públicos jovem e adulto, e pela manhã para o público infantil.

A prática de ver televisão à noite é justificada pelo desenvolvimento de outras atividades durante as horas do dia: agricultura, cuidado com os animais, atividades domésticas, estudo e outras. Por ser a TV uma mídia que requer do espectador uma atenção auditiva e visual, ela não se presta muito bem como pano de fundo para outras atividades. Então, nesses horários é o rádio o grande protagonista nos lares e nas roças. Mas cabe apontar que, às vezes, a televisão também é usada como companheira nas atividades domésticas; embora não que existam aparelhos nas cozinhas das casas, há pessoas que, assim como se relacionam com o rádio, fazem a “escuta da televisão, ou seja, deixam-na ligada na sala de estar enquanto desenvolvem seus afazeres nos outros ambientes da casa, fazendo movimentos de idas e voltas para assistir a algum momento que despertou maior atenção e conclama à visualização da imagem.

Com essa coisa de assistir TV à distância, já queimei muita panela (risos). Porque tem vez que só escutar não basta, aí corro pra sala e me sento assistindo, e esqueço do que deixei no fogão (risos). Isso acontece muito quando ligo na Fátima Bernardes (risos) (Adriana de Sousa⁶³, 2018, 26 anos).

⁶³ Entrevista concedida a Livia Moreira Barroso em março de 2018.

Já para o público infantil, o horário dedicado à televisão é definido pelo turno escolar. Como quase todos os anos o ônibus que transporta os alunos para a escola na sede do município é na parte da tarde, as crianças vêm mais televisão pela manhã.

Quando o assunto são as preferências da programação televisiva, elas se conformam a partir de alguns elementos específicos: o perfil da família e a faixa etária são os principais. Outro fator determinante é perceber o que a população tem disponível do contexto geral da televisão: o tipo de sinal, canais, qualidade de imagem e som, a programação.

Para que se tenha sinal de televisão em Pau D'arcos é necessário o uso de antenas parabólica, que conseqüentemente já impõe ao telespectador uma programação de cunho nacional, sem a possibilidade de ver a programação regional; como já mencionamos, por exemplo, não é possível assistir na comunidade os telejornais estaduais. Sendo assim, as preferências do público pesquisado quando o quesito é a televisão sempre está ligado às grandes redes televisivas localizadas no centro-sul do país (tabela 15).

Tabela 16: Canais mais assistido

CANAIS	NÚMERO ABSOLUTO	PORCENTAGEM
Globo	65	77,4%
SBT	16	19%
Record	0	0%
Bandeirantes	0	0%
Outros	0	0%

A diversidade na grande de programação da rede Globo é a principal justificativa para que a emissora seja a preferida na comunidade. Além de outros fatores que interferem na escolha: ser o primeiro canal da lista de opções de canais disponíveis possibilitando um primeiro contato imediato com a programação da emissora; ser também o canal com melhor qualidade de som e imagem, devido ao grande alcance da emissora no território nacional. Como vimos, a rede Globo foi a primeira emissora do país a expandir seu sinal para às regiões tidas como periféricas, o que possibilitou a criação de uma fidelidade entre o telespectador e a emissora. Na década de 1990, a cidade de Wall Ferraz era apenas um povoado, pertencente ao município de Santa Cruz do Piauí; o

primeiro canal a ter sinal foi o da Globo, que era assistida pela população em uma televisão pública. Foi através desse aparelho, que só sintonizava a emissora carioca de Roberto Marinho, que vários moradores de Pau D'Arco tiveram a sua primeira experiência televisiva. Em certas ocasiões eles se deslocavam para alguma atividade no povoado e acabavam por pernoitar no local, tendo a oportunidade então de assistir TV à noite junto com a população do lugar.

Eu lembro que em 96 teve uma enchente grande do rio Canindé. Como a gente estudava lá no Wall Ferraz, que na época ainda era o povoado de Ilha, nós tivemos que passar uma semana na casa de tia Vitória até a água do rio abaixar e dar passagem pra gente. Então, como a gente passou a dormir na “cidade”, à noite sempre ia assistir televisão lá no posto telefônico. Toda noite, a gente ia ver a novela das sete, que na época era até aquela *Salse e Merengue*. Foi a primeira vez que acompanhei uma novela, e lembro bem dos personagens e da música de abertura que era bem animada. (Leocácio de Sousa Lima, 2018, 32 anos).

Outro indicativo importante é que a comunidade também não tem acesso a canais de televisão pagos por assinatura, e portanto a programação fica limitada à oferecida pela rede aberta. É neste ponto que percebemos que a televisão consumida em Pau D'arco tem uma temporalidade própria, que não acompanha as evoluções tecnológicas que o meio tem passado na década, como por exemplo, o *streaming*, a TV interativa e TV digital. Ou seja, olhar para o uso da televisão na comunidade é perceber que este é limitado e a audiência ainda é tradicional.

O tipo de programas mais vistos na comunidade vem associado tanto à preferência pela emissora quanto ao horário que mais se vê TV. As telenovelas são o tipo de programação mais assistida (44 – 52,4%); elas são vistas e preferidas em diversas faixas etárias. Os programas informativos (telejornais, programas policiais, programas de reportagem) vêm em segundo lugar na preferência do público de Pau D'arco (20 – 23,8%) – aqui o público é composto mais pelos adultos. Por fim temos a programação infanto-juvenil - desenhos animados, programas seriados etc (12 – 14,3%).

As outras 5 pessoas (6%) disseram ver mais programas esportivos (jogos e informativos) (tabela 16). O que podemos perceber com estes dados é que a comunidade, por mais que esteja em um contexto de um rural bem particular, no quesito das preferências televisivas se iguala ao contexto nacional de um país que tem a cultura da

telenovela inserida na sua história. Ver novela em Pau D'arco é a hora do descanso, do lazer.

Tabela 17: Preferência de programação

TIPO DE PROGRAMAÇÃO	NÚMERO ABSOLUTO	PORCENTAGEM
Programas informativos	20	23,8%
Telenovela	44	52,4%
Programas esportivos	5	6%
Programas de auditório	0	0%
Programas de variedade	0	0%
Programas infantis	12	14,3%
Outros	0	0%

As três questões seguintes do questionário foram abertas para que o entrevistado buscasse na sua memória televisiva e identificasse programas, figuras públicas e acontecimentos vistos por ele na televisão e que marcam ou marcaram a sua vida. A primeira das perguntas foi sobre qual o tipo de programação ele mais assiste e gosta; como já era esperado, as telenovelas encabeçaram a lista. As telenovelas mencionadas foram todas passadas na rede Globo nos últimos 5 anos: *Babilônia* (exibida entre março e agosto de 2015 no horário das 21 horas), *A regra do jogo* (exibida entre agosto de 2015 e março de 2016 também no horário das 21 horas), *Alto astral* (exibida entre novembro de 2014 e maio de 2015 no horário das 19 horas), *I love Paraisópolis* (exibida entre maio e novembro de 2015) e *Rock Stories* (exibida entre novembro de 2016 e junho de 2017 também no horário das 19 horas) foram as mais lembradas.

Quando observamos as telenovelas citadas, percebemos a indicação de que o contato com a televisão é diretamente associado à chegada da eletricidade. Não existe nenhuma referência a outros produtos televisivos anteriores ao evento da “luz”; sua memória televisiva, portanto, é recente. Outro destaque é o fato das lembranças serem, em sua maioria, relacionadas às novelas das 19 horas da rede Globo, dado que está ligado à questão do rural, onde normalmente as pessoas dormem mais cedo.

Quanto ao público que prefere os programas jornalísticos, há quase que uma unanimidade na escolha pelo “Jornal Nacional”, e alguns poucos moradores também mencionam o “Fantástico”. Mais uma vez a rede Globo tem preferência entre quem opta por programas informativos. Segundo os entrevistados, a forma de informar e também a variedade de notícias é o que orienta sua opção por estes programas. Informações com utilidade pública, como a previsão do tempo, são as mais lembradas.

A rede Globo só perde a “majestade” na comunidade com o público infantil. Com os habitantes desta faixa etária, o canal mais assistido é o SBT, e conseqüentemente a memória televisiva deles está ligada à programação do canal. Entre os programas preferidos estão o “Bom dia e Cia”, “Chaves” e “Chapolin”. O “Bom dia e Cia” é um programa com desenhos animados entre as 9 e 12 horas da manhã, e na comunidade é assistido diariamente pelas crianças. “Chaves” e “Chapolin” são exibidos no fim do dia, o que possibilita que sejam vistos apenas nos finais de semana e no período de férias escolares.

Mais um indicativo dessa memória recente com a televisão está nos ídolos e figuras públicas citadas. Por mais que uma parte significativa da comunidade seja composta de adultos, a admiração pelas pessoas que veem na televisão está associada, na grande maioria, a figuras que despontaram na mídia há pouco tempo, tais como Maria Júlia Coutinho (garota do tempo do Jornal Nacional), o jogador de futebol Neymar Júnior e a atriz da rede Globo Bruna Marquezine. A referência a figuras mais antigas foi pequena, e quando aconteceu estava ligada a ídolos que já existiam em seu imaginário radiofônico, tais como os políticos Lula e Dilma sempre ouvidos no programa “A voz do Brasil”, e o cantor Roberto Carlos, também escutado em programas musicais do rádio.

A referência ao personagem Chaves, que foi citado por todas as crianças entrevistadas, aponta para uma série de questões que consideramos importantes. A primeira delas é que foi o único público a citar um personagem fictício – e aqui percebemos que não existe neste público uma distinção entre o que é “real” e o que é “ficção”; depois, é perceber que o “Chaves” é um personagem/programa que atravessa gerações (o programa está no ar no canal de Sílvio Santos desde o ano de 1984), e por último, é observar, através da fala dos entrevistados, a identificação com o personagem. Todos eles justificaram que gostam do “Chaves” por ser engraçado, mas também por ser um menino pobre, assim como eles.

Quanto aos assuntos que mais chamam a atenção dos entrevistados, estes também estão ligados aos programas preferidos e aos acontecimentos que mais marcaram suas

vidas. Para 44 pessoas (52,4%), as histórias das telenovelas e seus personagens é o que os faz ficar em frente à TV. Para 17,8% (15 pessoas), o principal interesse está nos assuntos sobre tragédias no Brasil e no mundo. Para outros 14,2% (12 pessoas), o que mais chama a atenção da televisão são os programas infantis (desenhos animados, por exemplo). Outras 5 pessoas (6%) responderam gostar de saber sobre a política e economia. E os outros 6% restantes (5 pessoas) optaram pelos assuntos relacionados ao futebol (tabela 17).

Tabela 18: Assuntos que mais chamam atenção na programação televisiva

ASSUNTOS	NÚMERO ABSOLUTO	PORCENTAGEM
Política e economia	5	6%
Tragédias no Brasil e no mundo	15	17,8%
Escândalos envolvendo figuras públicas	0	0%
Assuntos relacionados ao futebol	5	6%
Programas relacionados ao rural ⁶⁴	0	0%
A variedade dos programas de auditório	0	0%
As histórias das novelas e de seus personagens	44	52,4%
Programas destinados ao público infantil	12	14,2%
Outros	0	0%

Como o hábito de assistir televisão está firmado dentro da comunidade de Pau D'arco, a forma de como se vê diz de uma realidade social própria. De todos os entrevistados que assistem TV (um total de 81 de um universo de 84 pessoas), 100% afirmaram que sempre estão acompanhado de alguém, seja de familiares ou amigos, no momento que estão ligados na programação televisiva. Isso aponta que a comunidade difere do que tem se tornado cada vez mais comum entre os usuários da televisão, que é

⁶⁴ Muitos dos entrevistados demonstraram o desejo de assistir ao programa da rede Globo "Globo rural" que é transmitido todos os dias da semana às 6 horas da manhã. Mas relataram que é um horário ruim, pois já iniciaram suas atividades (é horário de trabalho).

assistir sozinhos, isolados dentro dos seus quartos. A configuração de ser o centro das atenções, na sala de estar, que estava presente lá nos primórdios da televisão no Brasil, se mantém em Pau D'arco.

O costume de sempre ver televisão em grupo também serve para afirmar a hora de assistir como um momento e espaço para a sociabilidade, para o “estar-junto”, se colocar em ligação com o outro. O ver TV na comunidade é um ato coletivo que cria e reafirma laços, cria interações, gera debates e intensifica as trocas.

Essa ação da coletividade em frente à televisão também está relacionada à condição financeira das famílias. Por ter uma renda considerada baixa para os padrões nacionais, a ausência de capital para comprar televisores faz com que só exista um único aparelho por residência, assim como quase todas as televisões são de tubo, não acompanhado a evolução dos aparelhos nos últimos anos (das 23 famílias que têm aparelhos de televisão, apenas três delas possui TVs de LCD). Este fato, para os moradores, nunca foi um problema, pois assistir televisão para eles sempre foi uma ação feita em conjunto, sem a necessidade de um aparelho para cada membro da casa. “

É na hora da novela, do jornal que a gente se reúne. Assiste o que *tá* passando na televisão, depois conversa nos intervalos, e depois vai dormir. É assim que é à noite desde que a energia chegou aqui.” (Crispim Sousa Lima⁶⁵, 2018, 55 anos).

Uma questão que tem circulado nas rodas de conversas dentro da comunidade, a propósito dos aparelhos de televisão, é a adaptação que os moradores tem que fazer, com a instalação e obrigatoriedade do uso do sinal digital, uma vez que com a transição do analógico para o digital, os televisores de tubo que estão presente em 20 das 23 casas da comunidade estão sendo substituídos ou ligados a aparelhos conversores. Ou seja, em seis anos Pau D'arco tem sido obrigada a se transformar em termos dos processos de massificação e midiáticação – iniciados com a chegada da eletricidade – e atualmente já está passando pelas adaptações tecnológicas e pela convivência com os aparelhos digitais. Mais uma vez aqui a afirmação de uma comunidade que vive entre o tradicional (a TV analógica) e a modernidade (a TV digital) se apresenta de forma diferente neste lugar.

Além da televisão, como percebemos em alguns dados apresentados anteriormente, o rádio permanece tendo uma presença significativa dentro do cenário midiático de Pau D'arco. Com a vantagem de ser de baixo custo e não exigir uma tecnologia avançada, o rádio tem o potencial de falar para milhões de pessoas sem a

⁶⁵ Entrevista concedida a Livia Moreira Barroso em março de 2018.

necessidade de aparelhos receptores sofisticados, além de chegar a lugares em que os outros meios de comunicação não alcançam, já que com simples rádio a pilhas podemos sintonizar diversas emissoras. E foi com essas características que o rádio esteve presente na vida dos moradores da comunidade estudada desde antes da eletricidade.

Com a instalação da eletricidade e, conseqüentemente, da chegada da televisão, sentimos a necessidade de saber como está a relação dos moradores da comunidade com o rádio, se os hábitos de consumo do veículos foram modificados e como tem sido o uso dele atualmente.

Nas entrevistas os habitantes de Pau D'arco afirmaram que permanecem escutando rádio mesmo depois da chegada da televisão com a mesma frequência diária de antes, só que com novos horários. Os únicos que afirmaram não ter o hábito de escutar é o público infantil (14,3% da população). O meio sonoro, que antes estava ligado em todas as horas do dia, hoje tem horários e situações específicos, sofrendo, ao longo dos anos da presença da televisão, uma reconfiguração no seu uso.

Antigamente, a gente passava o dia todo com o rádio ligado, era dia e noite, até a hora de dormir ele *tava* lá falando. Depois da televisão, a gente continua escutando, mas agora é mais de manhã até o jornal da hora do almoço, pra ficar sabendo das notícias da região, já que não passa na televisão. E também a gente usa o rádio pra distrair na hora que *tá* fazendo as coisas de casa ou quando vai pra roça e não pode sentar pra assistir (Alaíde de Sousa Lima, 2018, 58 anos)

O destaque para a nova forma de ouvir rádio na comunidade está naquilo que os moradores vão buscar na programação (tabela 19). A preferência por programas de cunho informativo se justifica pela necessidade que a população tem de se informar sobre os acontecimentos regionais, já que a televisão que eles acessam só apresenta conteúdo do centro-sul do país. Com isso o uso que se faz do rádio hoje em Pau D'arco, aponta para uma característica cada vez mais comum no veículo de comunicação sonoro, que é a regionalização, tendo uma diminuição nos últimos anos de emissoras com sinal de alcance nacional (a não ser por transmissão via internet).

Tabela 19: O que mais ouve

TIPO DE PROGRAMAÇÃO	NÚMERO ABSOLUTO	PORCENTAGEM
Radiojornais	53	63%
Programas de variedade	0	0%
Programas esportivos	0	0%
Programas religiosos	5	6%
Programas musicais	14	16,7%

Por tudo isto, percebemos que a mídia na comunidade rural de Pau D'arco atua intensamente na vida de seus moradores, seja pela presença do rádio desde a década de 1960, da televisão já na segunda década do século XXI, e também pela ausência de mídias impressas e da internet que, aos poucos, arranja formas de chegar àquele lugar. No caso específico da última mídia, a comunidade vive atualmente sem sinal de internet e, conseqüentemente, sem computadores conectados em suas casas.

O contato da população de Pau D'arco com o conteúdo midiático on-line vem de forma diferente do usual. Mesmo com a ausência do sinal de internet na comunidade, muitos moradores, principalmente a população jovem, se conecta e desenvolve formas próprias para o uso sobretudo das redes sociais – o Facebook é a principal. Este contato está presente principalmente quando os jovens da comunidade estão na sede do município e acessam suas redes sociais; através da prática do *download* compartilham notícias, fotos, áudios e vídeos com os demais moradores que não acessam a rede.

A troca de informações e contatos com parentes e amigos que vivem hoje em outros municípios e estados está se tornando mais intensa com os primeiros usos da internet por alguns residentes de Pau D'arco. As informações que antes só vinham por meio de cartas (textos e fotografias), lidas pelos letrados da comunidade, hoje chega via *downloads* pelos celulares (não só texto e imagem, mas audiovisuais) de modo mais rápido, esteticamente modificado e diferenciado. A necessidade criada pelo uso das redes sociais pelos moradores que acessam a internet também faz com que cada vez mais aparelhos que têm a tecnologia para conexão a redes de internet (seja *Wi-fi* ou por redes de dados de telefonia celular) sejam adquiridos. Hoje é comum que os jovens da comunidade tenham aparelhos *smartphones* para uso exclusivo da internet quando vão à cidade, pois como não existe uma perspectiva da chegada do sinal de internet, e como o uso de telefones celulares em

Pau D'arco é limitado aos que têm entrada para antena rural de telefonia, a possibilidade da internet fazer parte do cenário midiático do lugar ainda se resume a prática do *downloads*.

Sendo assim, atualmente, no que se refere ao cenário midiático vivido na comunidade, podemos afirmar que ele está em constante e acelerada modificação, de uma maneira que não tinha sido vivenciada em nenhum momento da história do lugar, e que só pôde ser experienciada a partir da instalação da eletricidade e das novas possibilidades que este evento possibilitou. Com a energia elétrica, o rádio como mídia mais tradicional de Pau D'arco passa por um processo de adaptação à nova realidade à qual a comunidade foi apresentada; a televisão adentra aos lares, ganha espaço na vida das pessoas e cria novas relações entre os moradores. E assim como o que se passa no novo aparelho eletrônico abriu uma janela para um mundo imagético até então não vivenciado cotidianamente por aquelas pessoas, agora é a internet que, aos poucos, vem sendo apresentada.

Com toda esta trajetória da mídia na comunidade, não nos parece adequado dizer que Pau D'arco é um lugar “atrasado” em relação aos centros urbanos, a outras comunidades; antes, é importante perceber que é um lugar que vive uma realidade própria. Assim como em outros lugares, a mídia tem sido uma presença influente na construção social, nas relações e interações pessoais de seus moradores. Porém essa presença se dá em articulação com as práticas, as tradições, as possibilidades vividas e produzidas por esta comunidade específica.

8 ACONTECIMENTOS VIVIDOS, ACONTECIMENTOS LEMBRADOS EM PAU D'ARCO

O locus dos acontecimentos é a vida social; é nela que vivemos - individual e coletivamente – fatos que nos afetam e afetam o rumo da própria coletivamente. Acontecimentos se apresentam com natureza diferenciada, podendo ocorrer de acordo com nossas vontades, desejos e expectativas, ou de forma inesperada, fugindo ao nosso controle. Eles também variam de intensidade, podendo ter um grande impacto ou ser apenas algo corriqueiro, passando quase despercebido (QUÉRE, 2005; SIMÕES, 2011; FRANÇA, 2014). Sendo que,

Há aqueles que ocorrem independentemente da nossa vontade e nos caem em cima contra toda a expectativa e aqueles cuja ocorrência provocamos e, melhor ou pior, controlamos, na maior parte das vezes com objectivos estratégicos. Há aqueles que se produzem devido às modificações que, em permanência, atingem as coisas e aqueles que sucedem conosco. Há aqueles que ocorrem no dia-a-dia, sem que lhes atribuamos um valor particular e aqueles que se revestem de especial importância. Que são mais marcantes, ao ponto de poderem tornar-se referências numa trajectória de vida, individual ou colectiva, na medida em que correspondam a experiências memoráveis e, até mesmo, a rupturas ou a inícios. Podemos também diferenciar os acontecimentos em função do seu poder de afectar os seres e de impregnar as situações de qualidades difusas que as individualizam (QUÉRE, 2005, p. 59).

Acontecimentos ocorrem em várias instâncias da vida dos sujeitos, e têm vários graus de afetação, podendo ser eventos isolados (individuais) ou coletivos. Por exemplo, o falecimento de alguém comum ou o nascimento de uma criança em uma determinada família irá afetar apenas às pessoas mais próximas desse evento (familiares, amigos e conhecidos). Mas quando olhamos para uma grande catástrofe ambiental, como foi a quebra da barragem de rejeito da Samarco em Mariana (MG), em que houve vários mortos e um imensurável impacto ambiental, percebemos que a afetação vai além das pessoas que foram envolvidas diretamente, e a dimensão deste acontecimento se tornou nacional, levantando questões que extrapolam as fronteiras do lugar físico da tragédia.

Pensando em nosso objeto de estudo, podemos afirmar que são incontáveis os diversos acontecimentos que afloraram durante a história de Pau D'arco. Não tivemos a pretensão, nesta tese, de refazer a narrativa dos grandes momentos vividos pela comunidade. No entanto, nos vários momentos em que estivemos em pesquisa de campo, em contato direto com quem vive lá hoje, pudemos questionar e ouvir relatos de vários momentos que são lembrados pelos moradores, e considerados importante. Ocorreu-nos

assim, de forma quase despreziosa, fazer uma pequena incursão no terreno das memórias, buscando identificar, mesmo de forma ligeira, as lembranças que emergem a partir de sua vivência direta na comunidade, em contraste (ou paralelo) com aquelas possibilitadas pela presença, nos dias atuais, particularmente da televisão.

Os depoimentos que trazemos aqui são de acontecimentos que foram lembrados em grupo, numa pequena roda de conversa (especialmente convocada para este fim, como exposto na metodologia). Há histórias que são individuais, mas que de certa forma tiveram uma afetação na vida coletiva da comunidade.

Além das atividades diárias consideradas básicas (comer, dormir, trabalhar), que são comuns da sobrevivência humana, e vividas como rotina, convocando o sujeito a fazer igualmente a mesma coisa todos os dias, o acontecimento está no cotidiano, mas ele é o rompimento deste, da normalidade. Como afirma Quéré (2005, p. 63), é o que “rompe o contínuo da existência”. Os acontecimentos,

quando se produzem, não estão conectados aos que os precederam nem aos elementos do contexto: são descontínuos relativamente a uns e a outros e excedem as possibilidades previamente calculadas; rompem a seriação [...] do correr das coisas.

A seriação a que o autor faz referência diz respeito às nossas atividades cotidianas que são repletas de ações repetitivas e consideradas pequenas ou de nenhum impacto; às vezes, no entanto, a rotina cotidiana é quebrada por alguma ocorrência extraordinária. “Assim como uma experiência se configura a partir das experiências dispersas do dia-a-dia, o acontecimento também se dá na existência comum, atravessando-a” (LANA e FRANÇA, 2008, p. 4).

Quando observamos uma realidade como a de Pau D’arco, e percebemos a singularidade do lugar, sabemos de antemão que foram/são inúmeros os acontecimentos que eclodiram e fizeram parte da trajetória deste grupo social – que podem ser pensados no delinear da história desse rural particular e na individualidade de cada morador.

Pensando o acontecimento vivido a partir da perspectiva acima, quisemos saber dos moradores⁶⁶ da comunidade quais acontecimentos eram mais lembrados por eles. Num primeiro momento, nosso interesse foi que eles listassem os eventos experienciados, e que fazem parte da memória de Pau D’arco. Depois de um tempo de silêncio pensando

⁶⁶ Cabe salientar que, os relatos deste capítulo foram todos coletados a partir das falas dos moradores no “Grupo de discussão”.

no que seria dito, alguns momentos foram lembrados – tanto os que foram programados como muitos que aconteceram de forma inesperada.

É engraçado tu perguntar isso pra gente, Lívia. Sabe por quê? Porque pensando assim, realmente tem coisas que marcam muito nossa vida aqui em Pau D’arco. Tem umas coisas que nós meio que já sabemos que vez por outra vai acontecer, mas a gente nunca se acostuma. Vocês sabem do que é que eu *tou* falando, né? (Fala olhando para cada das pessoas que estavam na roda) É a seca! Todo ano quando chega em meados de outubro, nós já ficamos com o coração apertado esperando que Deus mande a chuva logo. Quando ela não chega em novembro, nós já esperamos o dia de Santa Luzia, e vamos esperando. Aí, quando chove logo, a gente comemora muito e agradece rezando, porque se a chuva pega, quer dizer que vai ser um ano bom pra todo mundo, *pras* pessoas, pros bicho, pra tudo... Mas, quando a gente nota que vai ser um ano ruim de chuva, a tristeza e a preocupação toma conta (Alaíde Justina de Souza Lima, 2018, 58 anos).

O acontecimento da seca, mencionado pela moradora Alaíde Justina, afeta a vida da comunidade, e que por mais que sempre exista a possibilidade de que ela venha a ocorrer, a cada vez ela é recebida como um choque indesejável para quem vive no mundo rural. Ou seja, ela existe como possibilidade (ela está sempre no horizonte) – mas sua ocorrência de fato, afetando a vida das pessoas, se torna um acontecimento. Um acontecimento difícil, sofrido.

A partir deste exemplo podemos observar que esse acontecimento da seca para quem vive em Pau D’arco está na categoria do “pode ser que aconteça”, e todas as vezes que mais um período de grande seca surge, ele é a afirmação do rompimento de uma série de expectativas de que aquele ano o “inverno” seria bom. Por mais que os moradores não se “acostumem” com a escassez de chuvas na região, eles já desenvolveram formas de sobreviver ao período de estiagem; a experiência enquanto pessoas que aprenderam a viver no sertão nordestino traz novos “possíveis” para permanecer no lugar. Neste sentido, o acontecimento está “[...] diretamente ligado à ideia de provável, funcionando como força que rompe com as expectativas, efetuando-se sobre o sujeito, que é incapaz de uma contra-afetação, pois não há sentido na ação que se dá” (LANA e FRANÇA, 2008, p. 4).

Além do acontecimento da seca, outros foram lembrados pelo grupo – nascimento dos filhos, casamentos, aniversários. Mas um acontecimento foi mencionado por vários moradores e trouxe no momento da fala uma comoção: trata-se da morte de uma das matriarcas da comunidade, a senhora Justina de Sousa Lima, falecida em 2015. A morte

é um evento natural e previsível, mas quando ela chega, e pelos sentimentos que desperta, é vivida enquanto “um acontecimento”. A morte de dona Justina foi lembrada com grande carga afetiva, pois dizia respeito ao fim da trajetória de vida de uma pessoa que tinha um papel importante para aquela comunidade. Dona Justina, conhecida por todos em Pau D’arco, morreu aos 87 anos, e sempre foi uma pessoa que acolhia a todos em sua casa - fosse apenas para um bate papo ou para um conselho, ou como a pessoa solidária que, mesmo já quase no fim de sua vida, fazia enormes panelas de comida para levar até à barragem para alimentar os vaqueiros que esperavam o gado.

Então, quando identificamos a importância que este acontecimento teve para a comunidade, percebemos o que Quéré (2000) destaca: que não se trata do conteúdo em si do acontecimento, ou da maneira como ele é representado e repercutido no campo midiático, mas da forma como ele é apreendido e vivenciado por cada sujeito individualmente ou em sociedade. Pensando assim, quando os moradores de Pau D’arco fazem referência à morte de um de seus membros, esse evento isolado, próprio daquele lugar, tem uma afetação para aqueles sujeitos que vivem ali. Pois como afirma Quéré (2005, p. 61), “[...] o verdadeiro acontecimento não é unicamente da ordem do que ocorre, do que se passa ou se produz, mas também do que acontece a alguém. Se ele acontece a alguém, isso quer dizer que é suportado por alguém”.

[...] é importante lembrar que um acontecimento acontece a alguém; ele não é independente nem autoexplicativo, não são suas características intrínsecas que fazem o seu destaque, mas o poder que ele tem de afetar um sujeito – uma pessoa, uma coletividade. O acontecimento o é porque interrompe uma rotina, atravessa o já esperado e conhecido, se faz notar por aqueles a quem ele acontece. Uma ocorrência que não nos afeta não se torna um acontecimento no domínio da nossa vida. É simples fato, do qual até podemos tomar conhecimento, mas pelo qual não somos tocados. Este primeiro aspecto nos permite uma conclusão importante: os acontecimentos se inserem em nossa experiência, na experiência humana, no âmbito de nossa vivência (FRANÇA, 2012, p. 13).

Dessa forma, o acontecimento não pode ser pensado como de mão única, pois assim como ele afeta os sujeitos, também é afetado por eles. O processo de mútua afetação entre o acontecimento e os sujeitos ocorre com a quebra na experiência que pode representar tanto o fim quanto o início, abrindo assim novas possibilidades, em que o passado é reconstruído e abre precedentes para se pensar o futuro (ARENDDT, 1993 *apud* QUÉRÉ, 2005). Por esta perspectiva, o acontecimento traz possibilidades de

interpretações, apresentando elementos que apontam para sua própria compreensão, o que Quéré nomeia como sendo o “poder hermenêutico do acontecimento”.

A compreensão do acontecimento e da situação que ele gera se revela por meio da comprovação da experiência e dos seus efeitos, o que passa também pela explicação causal do acontecimento, que não é unicamente da ordem da contemplação, mas sim um componente do seu potencial hermenêutico. Apesar de sua ocorrência mudar alguma coisa no estado anterior do mundo, nem todos os acontecimentos são inesperados, existindo aqueles previstos, mas que, ainda assim, fazem emergir algo novo [...] (FRANÇA, 2014, p. 52).

Assim como as ocorrências já narradas, um outro acontecimento que fez emergir algo novo na comunidade rural de Pau D’arco foi, sem dúvida, a chegada da eletricidade; como já tivemos oportunidade de mencionar, ela alterou a experiência da comunidade, afetou e continua afetando as formas de vida do lugar. Quando a “luz” foi ligada nas casas da comunidade, em novembro de 2012, o acontecimento foi vivido e experienciado de forma intensa por cada pessoa, ao mesmo tempo que pode ser entendido também como uma experiência coletiva. Podemos ler esse acontecimento partindo do seu passado – a vida em Pau D’arco antes da eletricidade; podemos vê-lo acontecendo no presente e projetar possibilidades para o futuro. Através da instalação da energia elétrica, a comunidade rompe com um passado de inúmeras dificuldades, quebrando um processo de continuidade que vinha sendo vivido desde a criação de Pau D’arco, e assim, configurando novas possibilidades.

Depois que a “luz” chegou aqui na comunidade, graças ao governo do Lula com a Dilma, várias coisas mudaram aqui. A gente que sempre viveu no escuro, já tinha costume com a lamparina, de não fazer quase nada à noite, de dormir cedo, além da ruma de dificuldade que a falta de energia fazia pra gente. A gente sempre botou água na cabeça ou de jumento do Pau Louro, porque não tinha energia pra ligar uma bomba de um poço [...] Depois da “luz”, veio o poço, a televisão, a geladeira, o ventilador pra época de calor, que na verdade é o ano todo (risos). Por tudo isso, a gente entende que devido à energia a vida melhorou muito, e agora a gente daqui já tem pensado em fazer outras coisas com a energia que vai melhorar mais ainda pra nós. A gente tá pensando em fazer uma irrigaçãozinha pra ter uma horta, coisa que sem a energia pra puxar a água e girar os bicos pra aguar, nunca seria possível [...] (Crispim de Sousa Lima, 2018, 55 anos).

Além do rompimento da esfera cotidiana da vida da pessoa comum, como os exemplos que mencionamos acima, o acontecimento também pode ser observado dentro de um contexto midiático. Para França (2012), a mídia e o acontecimento são termos da

área da comunicação que direcionam para um sentido aproximado e consensual. A mídia enquanto o lugar de circulação de informação, mensagens e imagens, tem funcionado há muito tempo, através de seus dispositivos, como um canal que possibilita relações entre nós (os sujeitos) e o mundo. Constitui também um espaço de divulgação e ampliação de acontecimentos, quando não de criação.

No campo midiático, em que o acontecimento está como um “alimento” do jornalismo, em que as notícias são selecionadas e postas no ar para que sejam apreendidas pelos respectivos públicos consumidores dos produtos, nós entendemos que não somos meros receptores. Os acontecimentos que nos são apresentados via meios de comunicação midiáticos – rádio, televisão, internet e meios impressos – nos fazem pensar, falar e questionar. As imagens e representações dos acontecimentos a que temos acesso fazem com que criemos nossas próprias narrativas acerca deles, dando a esses uma vida nova, uma segunda vida, como afirma Quéré (2012). A primeira vida, nos indica o autor, é da “ordem do existencial”, ou seja, é como vivemos um acontecimento, como ele nos afeta; a segunda vida é quando o acontecimento se torna narrativa, quando o vivido é revestido pelo simbólico.

De acordo com França (2012, p. 14), as duas vidas do acontecimento coexistem. Os acontecimentos vividos por cada um de nós constituem um repertório, e em várias situações somos surpreendidos por memórias que nos remetem ao que já foi experienciado, visto, revelando assim seu o nível de afetação. “Da mesma maneira, a realização do acontecimento na forma do simbólico (o acontecimento como narrativa) traz as marcas do vivido” (Idem, idem). Então, observar o acontecimento no campo midiático, para a autora, é compreender que a mídia tanto pode ser um lugar de surgimento de acontecimentos (a dimensão existência/primeira vida), assim como um dispositivo que provoca sua repercussão. Na dimensão existencial, o acontecimento está na nossa experiência, e pode se dar em qualquer espaço da vida social, em qualquer instituição ou campo de vivência O acontecimento não tem um lugar ou momento certo para aflorar – podendo ser aqui em Belo Horizonte ou na comunidade de Pau D’arco. Mas é importante frisar mais uma vez que o poder de afetação do acontecimento na experiência individual ou coletiva dos sujeitos é o que rompe com a normalidade da vida cotidiana. Quanto à experiência simbólica do acontecimento, a segunda vida, França (2012) afirma que pode acontecer em rodas de conversas, ou mesmo na mídia.

Assim, quisemos saber quais acontecimentos representados / vivenciados através da mídia estão na memória da comunidade. Antes da chegada da eletricidade, a via de

acesso aos acontecimentos midiáticos para quem vivia em Pau D'arco era o rádio. Ver televisão só era possível quando alguém se deslocava até uma cidade ou outra comunidade que dispusesse de eletricidade, algo que até meados dos anos 2000 era raro. Então, perguntamos quais acontecimentos eles lembram da época antes da TV.

O primeiro acontecimento recordado foi a Copa do Mundo de 1998. O Mundial ocorrido na França gera narrativas na comunidade, e é sempre utilizado para falar sobre assunto como futebol, a qualidade dos jogos da época e, sobretudo da derrota da seleção brasileira para os anfitriões pelo placar de 3 a 0. Pedro de Sousa Lima⁶⁷ (2018, 49 anos), narra que na época desta Copa, a comunidade estava no processo de desmancha da mandioca, e todos as pessoas estavam envolvidas o dia todo no trabalho de produção de farinha e de tapioca. Mesmo assim, o rádio sempre estava ligado na Rádio Globo, e todos estavam atentos à transmissão dos jogos. Essa Copa foi tão importante que um grupo de moradores deixou seus afazeres na desmancha e foi à pé para o povoado Ilha assistir a final na televisão.

Foi uma turma grande, lembro que era mais ou menos umas 20 pessoas. A gente se ajeitou aqui, acordou todo mundo de madrugada pra adiantar o serviço e ver aquele jogo, que foi uma verdadeira vergonha. Mas, eu acho que realmente não tinha como o Brasil vencer, a seleção da França era muito boa, não tinha no mundo que fosse capaz de segurar aquele Zidane, o *homi* era bom demais. Só que nós também *tinha* jogador bom, o Ronaldinho *tava* começando, e tinha também os que ganharam a Copa de 94, Bebeto, Taffarel, Leonardo...era uma seleção boa, mas acho que naquele ano, não tinha nenhuma como a França. Então, a gente viu o jogo, o Brasil perdeu, e nós voltamos pra casa a pé e tudo triste (risos) (Pedro de Sousa Lima, 2018, 49 anos).

Quando olhamos para a fala do morador Pedro de Sousa Lima, podemos identificar tanto a primeira como a segunda vida do acontecimento. A primeira vida se apresenta na representação do acontecimento “Copa do Mundo de 1998” em sua forma de existir e em como um evento desse porte afetou a vida das pessoas que viviam em Pau D'arco naquele período – é o sair de casa e deixar o trabalho para ver o jogo, por exemplo. Já a segunda vida se evidencia através das narrativas criadas em cima do acontecimento – perceber que o Brasil tinha uma seleção de jogadores bons, mas inferiores aos da equipe francesa.

⁶⁷ Depoimento concedido a Livia Moreira Barroso em março de 2018.

Com a chegada da televisão, a dimensão imagética dos acontecimentos fica mais evidente para os moradores. Quando eles relatam os acontecimentos que lhes marcaram nos últimos tempo, a relação imediata com alguma cena ou imagem é inevitável. Epaminondas Cavalcante Neto (2018, 35 anos), lembra que o ex-presidente Lula sempre foi uma unanimidade de preferência política na comunidade, mas que antes da TV, nunca se associava a pessoa à imagem dela, mas sim à voz. Então, quando do acontecimento da posse de Lula para início do seu primeiro mandato, em 2003, foi mais um acontecimento que fez várias pessoas da comunidade se deslocarem até a cidade para ver na televisão.

A gente foi assistir à posse do Lula em Wall Ferraz na casa de tia Vitória, porque, principalmente as pessoas mais velhas, queriam muito ver. Tinha gente que nunca tinha visto a pessoa do Lula, só escutava ele aqui no rádio, mas ver mesmo, nunca tinha visto. E também a gente foi mesmo pra cidade, porque a gente precisava ver que ele ia ser mesmo presidente, porque pai, mãe e todo mundo daqui de Pau D'arco sempre votava no Lula desde a primeira vez que ele foi candidato, eu ainda era pequeno nessa época, mas me lembro de pai e todo mundo daqui com o ouvido no rádio esperando a apuração do votos. E foi assim durante muitos anos, e ele sempre perdendo. Aí quando finalmente ele ganhou, todo mundo queria ver pra acreditar (Epaminondas Cavalcante Neto⁶⁸, 2018, 35 anos).

Os acontecimentos políticos, representados na mídia são os mais lembrados pelos moradores. Mesmo antes da televisão, a política sempre esteve na pauta das conversas. Quando questionamos o porquê do interesse por esta temática, os moradores mais velhos associam ao fato de que, durante muitos anos, o principal programa informativo de alcance nacional escutado por eles foi o “A voz do Brasil”. Por ser este um programa com notícias sobre Brasília e o Governo Federal, a política estava presente em todo o material jornalístico, e era inevitável que a população da comunidade comentasse sobre o que era escutado no programa, e assim foi se criando a curiosidade pelos acontecimentos políticos.

Da mesma forma, também depois que a televisão adentrou os lares de Pau D'arco, a política continuou tendo um destaque nas preferências dos acontecimentos, talvez por ser o Jornal Nacional o informativo mais visto, e que tem um grande número de blocos exclusivos aos acontecimentos políticos, sobretudo os da capital federal. Mas é importante lembrar que, como afirmam os autores aqui referenciados, em Pau D'arco não

⁶⁸ Depoimento concedido a Livia Moreira Barroso em março de 2018.

é qualquer notícia da política ou até mesmo de outras temáticas, que é lembrada. O que realmente marcou a vida das pessoas da comunidade foram os grandes acontecimentos que, de alguma forma, tocaram sua experiência, romperam com a normalidade de seu cotidiano, provocaram comportamentos e suscitaram sentidos.

Na mesma linha, outro acontecimento muito mencionado foi o impeachment da Presidenta da República, Dilma Rousseff, ocorrido em agosto de 2016. As várias etapas do processo sofrido pela presidenta, assunto que dominou a mídia nacional e até mesmo internacional, culminando com a perda do cargo, são narradas de forma triste e revoltada pelos moradores da comunidade.

O que fizeram com a Dilma foi uma injustiça muito grande. Quando a gente começou a escutar no rádio e na televisão essa história de *impicha*, não sei nem dizer o nome direito, é aquela coisa que deu no fim das contas, com ela sendo tirada lá de Brasília. Sim, mas quando nós aqui começamos a ouvir falar que ela talvez pudesse sair, a gente nem acreditava. Pensava assim: “Ah, isso é só conversa de televisão”. O tempo foi se passando, e uma ruma de coisa acontecendo, quando a gente viu, aqueles bandidos conseguiram tirar mesmo a mulher. Olha, eu chamo de bandido, porque eu acho que uma pessoa honesta como a Dilma, que junto com Lula só melhorou a vida de nós que somos *póbi* não merecia passar pelo que passou, essa gente que fez isso com ela, como aquele tal de Eduardo Cunha, é tudo gente ruim, que não presta. Se hoje a gente tem essa “luz” (fala apontando para um poste de energia em frente à casa) foi porque ela que deu, se os meninos hoje tem ônibus pra ir estudar, é porque também foi dado pelo governo dela. Então, comadre Lívia, a gente é muito revoltado com a tirada da Dilma, e a gente já tem sentido o efeito disso [...] Mas *temo* a esperança que, com fé em Deus, o Lulão vai voltar e botar ordem de novo no Brasil (Francisco Alto de Sousa⁶⁹, 2018, 39 anos).

Enquanto o morador Francisco Alto de Sousa estava falando, todos os demais que estavam presente na roda de conversa concordavam acenando com a cabeça.

Então, quando olhamos para estes acontecimentos lembrados pelos moradores, percebemos que uma ocorrência se torna acontecimento pelo seu poder de afetação. O que significa uma relação, uma ligação que as pessoas estabelecem entre aquilo que acontece e sua própria vida. Também percebemos como a mídia tem um papel importante na reverberação destes, uma vez que coisas que acontecem em Brasília (como a posse do Lula e o impeachment da Dilma), ou até mesmo em outro país (como a Copa do Mundo da França em 1998), chegam a uma comunidade rural no sertão do Piauí e tocam na vida

⁶⁹ Depoimento concedido a Lívia Moreira Barroso.

das pessoas, geram reflexões e questionamentos, suscitam narrativas, constituindo a segunda vida acontecimento (ele é revestido e reconstituído simbolicamente pelas pessoas, a partir de referências de sua própria vida).

Os acontecimentos que fazem parte da memória de Pau D'arco podem ter sido vividos diretamente no cotidiano da vida da comunidade, ou podem ser distantes, e acessados através da representação produzida pela mídia. Os acontecimentos lembrados antes da televisão não são acontecimentos midiáticos propriamente ditos, como por exemplo uma novela que tenha ganhando destaque pela sua grande audiência, mas são acontecimentos que tocaram nas suas vidas: o interesse pelo futebol, sempre existiu mesmo antes da chegada da televisão, assim como pelos acontecimentos políticos. Então, quando olhamos para Pau D'arco, compreendemos que o filtro de seleção dos acontecimentos lembrados está na experiência e na vivência dos moradores. O que marcou e é memorado como importante incide em interesses já existentes para eles, ou seja, atualmente as referências da comunidade ainda não foram deslocada do cotidiano, do tipo de vida que levam. O que reforça a força da experiência e da aproximação entre passado e presente, nos levando a perceber que não podemos afirmar que os moradores são "tradicionais" e tão pouco modernos (em comparação as pessoas que vivem nos grandes centros urbanos), mas que eles vivem uma dinâmica própria que não é possível nomear, e entendemos que não é preciso, pois as interações vividas em Pau D'arco são impossíveis de classificar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho de tese aqui desenvolvido procurou analisar as transformações que ocorreram na comunidade rural de Pau D'arco a partir da chegada da eletricidade no ano de 2012. A proposta foi compreender como um acontecimento como este afetou a vida da população, atingiu suas interações, formas de sociabilidade e hábitos midiáticos. No início da pesquisa, em meados do ano de 2015, por eu ser membro da comunidade estudada, já sabia que o fato da eletricidade tinha mexido com a configuração do lugar. Mas para sustentar uma afirmativa destas era preciso ir a campo, conhecer mais da comunidade, das pessoas que ali permanecem, saber das histórias que construíram o lugar.

Nosso percurso iniciou-se com a construção do referencial teórico-metodológico da pesquisa, que apresentamos ao longo do trabalho. A primeira discussão girou em torno da compreensão do território e do rural. Para tanto, recorremos a autores clássicos da literatura sobre os dois conceitos – para pensar o território, autores como Gottmann (2012), Raffestin (1993), Sack (1986) e Sposito (2004) foram os principais. A partir destes autores pudemos perceber que a ideia de território vai além da noção espaço-geográfica, e que olhar para o território é se deparar com a dinamicidade que marca a configuração da própria da sociedade. Para o rural, utilizamos diversos trabalhos desenvolvidos acerca da temática no Brasil, principalmente, a partir da década de 1970 chegando até mais recentemente (Solari, 1979; Graziano da Silva, 1993, 1996; Siqueira e Osório, 2001; Wanderley, 2000, 2001). Com o rural, nosso objetivo era não apenas compreender a origem e alcances do conceito, mas buscar situar a comunidade estudada como rural – quais características faziam de Pau D'arco uma comunidade rural.

Então, a pesquisa mostrou - teórica e empiricamente (por diversas características) - que Pau D'arco se configura como uma comunidade rural que tem na agricultura familiar a sua base econômica, com uma atividade social intensa, em que há a predominância de laços de parentesco e vizinhança. Outra questão importante apontada pela pesquisa é que há uma forte aproximação da comunidade com elementos que anteriormente era exclusivos do mundo urbano. Com isso, o nosso objeto empírico, quebra com a dicotomia criada e defendida durante décadas, segundo a qual o rural seria o oposto do urbano. Com a realidade observada em Pau D'arco, percebemos que existe uma série de afinidades entre estes dois espaços, que não podem ser pensados separadamente. O rural não se caracteriza pela não existência do urbano, e nem vice-

versa, mas eles se complementam. Também ficou evidente que não é possível falar em um único rural, pois existe uma multiplicidade de realidades rurais, e cada lugar tem características próprias, particulares, peculiares – o rural vivido em Pau D’arco é diferente das demais comunidades espalhadas pelo país.

Após delinear os conceitos de rural e território, partimos para a primeira etapa de pesquisa de campo. Com isso, o maior estranhamento foi a confirmação de que a comunidade não existia para os registros oficiais: procuramos em todos os órgãos possíveis e não encontramos nenhum documento que falasse da existência legal de Pau D’arco. Então, entendemos que uma das grandes contribuições da tese é fazer existir um lugar que sempre foi invisibilizado, e que passou despercebido para as pessoas que vivem para além de suas fronteiras territoriais. Escutar as histórias da vida e vividas pelos moradores da comunidade foi fazer um exercício de perceber como a história do outro é importante para a compreensão social das diversas realidades que temos. A escrita da narrativa da comunidade funcionou como oportunidade de dar a ver a existência de um rural singular; as histórias lembradas pelos moradores dão particularidade a esse lugar, e quebram a ideia de uma homogeneidade das comunidades rurais, e/ou do sertão nordestino.

A partir da percepção deste rural particular, e da escrita de uma pequena história da comunidade, tendo como fonte as conversas realizadas com os moradores, outras questões surgiram. A Pau D’arco dos casos contados pelos moradores mais antigos não era a mesma do contexto da eletricidade. Mudanças significativas ocorreram na estrutura espacial e, sobretudo, naquilo que era nosso maior interesse, na configuração social. O processo de modernização pelo qual que tem passado o lugar e os moradores, num primeiro momento ostentando uma feição mais técnica, nos fez perceber várias coisas. A primeira delas é que não podemos pensar a modernidade (ou o processo de modernização) de um lugar como o estudado a partir da concepção de um projeto modernizador que funcionaria para todo o território nacional de forma igual e dentro da mesma temporalidade (isto sem levar em consideração o modelo europeu). Ele (o projeto) se deu de formas distintas nas várias regiões do país, e mais ainda quando colocamos em comparação os grandes centros urbanos, as cidades de pequeno porte e as comunidades rurais.

Uma questão muito clara que a pesquisa indicou é que a temporalidade vivenciada na comunidade não condiz com a experienciada em outras regiões do Brasil, principalmente as do centro-sul, mas até mesmo aquelas de alguns lugares do Nordeste

(por exemplo, os grandes centros urbanos). Enquanto outros lugares viviam o ápice do mundo moderno, lugares como Pau D'arco se mantinham fixados em uma cultura tradicional que vem passando de geração em geração, e só recentemente, com a inserção de alguns elementos novos no cotidiano, deu os primeiros passos em direção ao processo de modernização. A eletricidade chegou para apresentar aparelhos tecnológicos e também colocar em contato diário os moradores e os produtos midiáticos massivos; essa dinâmica estabeleceu, a partir daquele momento, um entrelaçamento maior entre o tradicional (a cultura oral, que era predominante) e o moderno (a televisão).

Neste sentido, também chegamos à conclusão de que na comunidade de Pau D'arco a modernidade não chegou para por fim aos hábitos e costumes tradicionais, mas ela caminha lado a lado com as referências do passado tradicional que permanecem no presente, deixando-nos com a convicção de que ainda persistirão nas gerações futuras. Em um lugar com uma cultura tão delineada, as transformações ocorrem, mas há sempre uma essência da memória vivida pelos antepassados. Ou seja, Pau D'arco moderna sempre estará ligada à tradicional.

Além da questão técnica, dos aparelhos que entraram nas residências, afirmamos que as maiores modificações estão nas interações e relações sociais. Numa comunidade que tem uma cultura oral extremamente evidente, em que a escrita só começou a ser comum há poucos anos, a entrada de um simples telefone celular alterou dinâmicas que eram comuns, como ir à casa de um vizinho para dar um recado. Hoje, com telefone celular, certas práticas ganharam novos sentidos, mas a sua principal função é a de aproximar quem mora na comunidade com quem vive fora.

Como se torna evidente, a entrada da televisão trouxe transformações, e as interações ganharam novas possibilidades. Na comunidade as interações sempre estiveram presente no cotidiano dos moradores fortemente. Andar por Pau D'arco era ter por certo encontrar pessoas conversando nas calçadas das casas, embaixo das árvores, nas roças. O “estar-junto” com o outro, o por em relação era o que movia a vida social na comunidade. Com a chegada da televisão houve uma nova opção de forma de interação. Além da interação proporcionada pelo meio de comunicação com o telespectador, as pautas dos programas assistidos pelos moradores passaram a fazer parte das rodas de discussão – é o capítulo da novela, o episódio do desenho animado, é a notícia do dia. Nesse caso, há um atravessamento entre as interações mediadas e o hábito de conversar, trocar ideias.

No entanto, a televisão não tomou conta da vida dos moradores e da comunidade. As conversas e o grupo de discussão em torno dos acontecimentos que marcaram a comunidade e que eles acharam importante resgatar não foram externas à sua realidade – não indicou que estão fortemente sintonizados com um mundo para além do seu. Sem se colocarem isolados de questões mais amplas que atingem outras partes do país e do mundo (como uma Copa de futebol), os acontecimentos que registram como marcantes são a seca, a chegada da eletricidade, o falecimento de uma matriarca da comunidade. E a figura de referência que acharam importante conhecer pela televisão – pois já conheciam pelo rádio – foi um político com o qual se identificam pela origem (nordestina) e pelas políticas que atingiram a própria comunidade (entre elas, o bolsa família, a chegada da eletricidade).

Outra apontamento importante que percebemos com a pesquisa é que a mais tradicional mídia da comunidade, o rádio, também sofreu com a chegada da televisão. O meio de comunicação sonoro, que foi durante mais de 50 anos a única opção de mídia em Pau D'arco, ao conviver e disputar espaço na vida das pessoas com a televisão, passou a ter uma nova função, a de informar sobre as notícias locais, àquilo que não era possível ser acessado pela TV. Com funções hoje já definidas, tanto o rádio como a televisão têm lugares próprios na vida da comunidade.

Por fim, acreditamos que o nosso trabalho traz contribuições significativa para a área da comunicação, principalmente para os estudos que objetivam compreender as relações entre o rural, a mídia e as interações construídas por quem vive em territórios afastados dos grandes centros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, Lia Calabre. **A era do rádio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BARBOSA, Marialva Carlos. Imaginação televisual e os primórdios da TV no Brasil. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco. **História da televisão no Brasil: Do início aos dias de hoje**. São Paulo: Editora Contexto, 2010. p. 15-35.
- BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a modernidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. 3ª edição.
- BERGAMO, Alexandre. Anos 1960: a televisão em ritmo de popularização. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco. **História da televisão no Brasil: Do início aos dias de hoje**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.
- BIANCHI, Graziela. A participação do receptor no processo comunicacional. In: Nilda Jacks; Elisa Reinhardt Piedras; Rosario Sanchez Vilela. (Org.). **O que sabemos sobre audiências?** Estudos Latino-Americanos. Porto Alegre: Armazem Digital, 2006.
- BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1973.
- BRAGA, José Luiz. Constituição do campo da comunicação. **Verso e Reverso**, n.25, 2011, p.62-77.
- BRAGA, Ruy. **A política do precariado: do populismo à hegemonia lulista**. São Paulo: Editorial Bomtempo, 2012.
- BRETAS, Beatriz; DUARTE, Renato. Cotidiano. In: FRANÇA, Vera Veiga; MARTINS, Bruno; MENDES, André (Org). **Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (GRIS): Trajetória, conceitos e pesquisa em comunicação**. Belo Horizonte: PPGCOM, 2014.
- BRITTOS, Valério Cruz e SIMÕES, Denis Gerson. A reconfiguração do mercado de televisão pré-digitalização. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco. **História da televisão no Brasil: Do início aos dias de hoje**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.
- BRUNNER, José Joaquín. **Tradicionalismo y modernidade em la cultura latino-americana**. In: HERLINGHAUS, Hermann; WALTER, Monica. **Posmodernidad em la periferia: Enfoques latino-americanos de la nueva teoria cultural**. Berlin: Langer, 1994. p. 48-82.
- CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estrategias para entrar y salir de la modernidade**. Buenos Aires: Paidós, 2001.
- CASULLO, Nicolás. **Posmodernidad de los orígenes**. Buenos Aires: Nuevo Texto Crítico, n° 6, año III, 1990.

DOMINGUES, José Maurício. **A América Latina e a modernidade contemporânea: uma interpretação sociológica**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

DUARTE, Ricardo. **Juventude em trânsito: atravessamento de sentidos e narrativas no meio rural** (Tese). Programa de Pós-Graduação em Comunicação/UFMG. Belo Horizonte, 2014.

FARIA, Vilma. Desenvolvimento, urbanização e mudanças na estrutura de emprego: a experiência brasileira dos últimos 30 anos. In: ALMEIDA, Maria Hermínia (Org.). **Sociedade e política no Brasil pós-64**. São Paulo: Brasiliense: 1984.

FAUSTO, Boris. **História concisa do Brasil**. São Paulo: Editora da USP, 2015.

FECHINE, Yvana; FIGUEIRÔA, Alexandre. Cinema e televisão no contexto da transmediação. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco. **História da televisão no Brasil: do início aos dias de hoje**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

FERNANDES, Florestan. **Comunidade e sociedade no Brasil: leituras básicas de introdução ao estudo macro-sociológico do Brasil**. São Paulo: Editora Nacional, 1973.

FRANÇA, Vera Veiga; SIMÕES, Paula Guimarães. Interações. In: FRANÇA, Vera Veiga; MARTINS, Bruno; MENDES, André (Org). **Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (GRIS): Trajetória, conceitos e pesquisa em comunicação**. Belo Horizonte: PPGCOM, 2014.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. Sociabilidade: implicações do conceito no estudo da comunicação. In: (Org) BRAGA, José Luíz; FAUSTO NETO, Antônio; PORTO, Sérgio Dayrel. **A encenação dos sentidos: mídia, cultura e política**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1995.

_____. A televisão porosa: traços e tendências. In: FREIRE FILHO, João (Org). **A TV em transição: tendências de programação no Brasil e no mundo**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009.

_____. A TV, a janela e a rua. In: FRANÇA, Vera Veiga (Org). **Narrativas televisivas: programas populares na TV**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

_____. Interações comunicativas: a matriz conceitual de G. H. Mead. In: PRIMO, Alex; OLIVEIRA, Ana Cláudia de; NASCIMENTO, Geraldo Carlos do; RONSINI, Veneza Mayora. **Comunicação e Interação – livro da Compós**. Porto Alegre: Editora Sulinas, 2008.

_____. O acontecimento e a mídia. In. **Galaxia**. São Paulo, 2012. n. 24. p. 10-21.

FRANÇA, Renné Oliveira. Acontecimento. In: FRANÇA, Vera Veiga; MARTINS, Bruno; MENDES, André (Org). **Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (GRIS): Trajetória, conceitos e pesquisa em comunicação**. Belo Horizonte: PPGCOM, 2014.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

_____. **The Constitution of Society**. Cambridge: Eng. Polity, 1984.

GOULART, Ana Paula e SACRAMENTO, Igor. A renovação estética da TV. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco. **História da televisão no Brasil: Do início aos dias de hoje**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

GOTTMANN, Jean. A evolução do conceito de território. In: **Boletim Campineiro de Geografia**. Campinas, 2012. Disponível em: <file:///C:/Users/Shiryu/Downloads/86-395-2-PB.pdf>.

GRAZIANO DA SILVA, José. **A nova dinâmica da agricultura brasileira**. Campinas: Unicamp, 1996.

_____. Por um novo programa agrário. **Revista da Associação Brasileira de Reforma Agrária (ABRA)**. n.2, v. 23, São Paulo, mai/ago de 1993, p. 05-16.

HERLINGHAUS, Hermann; WALTER, Monica. “¿Modernidad periférica?” versus “proyecto de la modernidad”? **Experiencias epistemológicas para una reformulación de lo ‘pos’ moderno desde América Latina**. In: HERLINGHAUS, Hermann; WALTER, Monica. **Posmodernidad em la periferia: Enfoques latino-americanos de la nueva teoría cultural**. Berlin: Langer, 1994. p. 11-47.

IANNI, Octavio. **Enigmas da Modernidade-mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

LAUBSTEIN, Fernanda Cristina. A ruralidade ontem e hoje: uma análise do rural na contemporaneidade. **Aurora**. Marília, 2011.ano 5. v. 8. p. 92-102.

LANA, Lúcia Campos de Cerqueira; FRANÇA, Renné Oliveira. Do cotidiano ao acontecimento, do acontecimento ao cotidiano. In: **E-Compós** – Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Brasília, 2008. v. 11, n. 3, p. 1-13.

LOPES, Rubens Brandão. **Desenvolvimento e mudança social: formação da sociedade urbano-industrial no Brasil**. São Paulo: Editora Nacional, 1978.

MAFFESOLI, Michel. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2005.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Identidad, comunicación y modernidad em América Latina**. In: HERLINGHAUS, Hermann; WALTER, Monica. **Posmodernidad em la periferia: Enfoques latino-americanos de la nueva teoría cultural**. Berlin: Langer, 1994. P.83-110.

MEAD, George Herbert. **L'esprit, le soi et la société**. Paris: PUF, 2006.

MINEIO, Edison; RÉGO, Ana Regina. A televisão e o desejo de se integrar ao Brasil: análise da representação da identidade inferiorizada do Piauí no jornal O Dia (1969-1972). In: **Anais do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. São Paulo, 2016. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-0179-1.pdf> Acesso em: abril de 2018.

MOTT, Luiz. **Piauí Colonial: população, economia e sociedade**. Teresina: Secretaria de Cultura, 1985.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Os antecedentes do rádio: apontamentos para a história da radiodifusão no Piauí. In: **Cadernos de Teresina**. Ano XIV – nº 34. Teresina, novembro de 2002. p. 24-38.

ORTIZ, Renato. Advento da modernidade? In: HERLINGHAUS, Hermann; WALTER, Monica. **Posmodernidad em la periferia: Enfoques latino-americanos de la nueva teoria cultural**. Berlin: Langer, 1994. p. 185 – 196.

_____. **A moderna tradição brasileira**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

ORTRIWANO, Gisela. **A Informação no Rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. 2ª ed. São Paulo: Summus, 1985.

PEREZ, Edelmira. Hacia una nueva visión de lo rural. In: GIARRACA, Norma (Org.). **Una nueva ruralidad em América Latina?** Buenos Aires: CLACSO, 2001.

PRADO JR, Caio. **História Econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1992, 39ª edição.

_____. **A questão agrária**. São Paulo: Brasiliense, 1987, 4ª edição.

QUÉRÉ, Louis. Sociabilité et interactions sociales. In: **Perseé**. Paris, 1988. v. 6. n. 29. p. 75 – 91.

_____. Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento. In: **Tacjetos – Revista de Comunicação, Cultura e Educação**. Lisboa, 2005. n. 6.

_____. L'espace public comme forme et comme événement. In: JOSEPH, Isaac (Org.). **Prendre place**. Paris: Ed. Recherches, 1995, p. 93-110.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RAMA, Angel. **La ciudad letrada**. Hanover: Ediciones del Norte, 1984.

SACK, Robert. **Human territoriality: its theory and history**. Cambridge: Cambridge University, 1986.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: espaço e tempo: razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1999.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

_____. **Philosophie de la modernité**. Paris: Payot, 2004.

SIQUEIRA, Deis; OSÓRIO, Rafael. O conceito de Rural. In: GIARRACA, Norma (Org.). **Uma nueva ruralidade en América Latina?** Buenos Aires: CLACSO, 2001. Pág: 67-79.

SIMÕES, Paula Guimarães. A potencialidade do conceito de acontecimento para análise da imagem pública das celebridades. In: **Revista Líbero**. São Paulo, 2011. v. 14. n. 28. p. 129-140.

SOLARI, Aldo. O objeto da Sociologia Rural. In: SZMRECSÁNYI, T. e QUEDA, O. (Orgs.) **Vida rural e mudança social**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

SOUZA, Celina. Políticas públicas: uma revisão de literatura. In: **Sociologias**. Porto Alegre, 2006. Ano 8. N. 16. P. 20-45.

SOUZA, Paulo Gutemberg de Carvalho. **História e Identidade**: as narrativas da piauiensidade. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Brasil, Centro de Ciências Humanas e Letras, 2008.

SCHNEIDER, Sérgio; TARTARUGA, Peyré. Território e abordagem territorial: das referências cognitivas aos aportes aplicados à análise dos processos sociais rurais. In: **Raízes**. Campina Grande, v. 23, n. 01 e 02, p. 99-116. jan/dez, 2004.

SPOSITO, Eliseu Severo. **Geografia e filosofia**: contribuição para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: UNESP, 2004.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

WANDERLEY, Maria de Nazaré Baudel. A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas – o ‘rural’ como espaço singular e ator coletivo. In: **Estudos Sociedade e Agricultura**, nº 15, Pernambuco, 2000.

_____. A ruralidade no Brasil moderno: por um pacto social pelo desenvolvimento rural. In: GIARRACA, Norma (Org.). **Una nueva ruralidad em América Latina?** Buenos Aires: CLACSO, 2001.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito capitalista**. São Paulo: Editora Pioneiro, 1999. 14ª edição.

_____. Ação social e relação social. In: FORACCHI, Marialice Mencarini; MARTINS, José de Souza (Orgs.). **Sociologia e sociedade**: leituras de introdução à sociologia. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1977.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**: na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ANEXOS**Anexo 1****Questionário de Visita Prévia**
(levantamento socioeconômico)

Nome: _____

Contato (se tiver): _____

1) *Qual seu sexo?* Feminino Masculino2) *Qual sua faixa etária?* 10 a 19 anos 20 a 30 anos 31 a 40 anos 41 a 50 ano 51 a 60 anos
 Mais de 60 anos.3) *Estado Civil* Solteiro (a) Casado (a)/ mora com companheiro (a) Divorciado (a)
Viúvo (a)4) *Grau de escolaridade* Não estudou (sem letramento) Ensino Fundamental I Incompleto Ensino
Fundamental I Completo Ensino Fundamental II Incompleto Ensino
Fundamental II Completo Ensino Médio Incompleto Ensino Médio Completo
 Ensino Superior Incompleto Ensino Superior Completo Pós-Graduação5) *Como você se considera?* Branco (a)

- Preto (a)
- Pardo (a)
- Negro (a)
- Indígena

6) *Qual a sua religião?*

- Católico (a)
- Evangélico (a)/ protestante
- Espírita
- Umbanda ou Candomblé
- Outra
- Não tem

7) *Quem mora com você?*

- Moro sozinho (a)
- Pai Mãe
- Esposa / marido / companheiro (a)
- Filhos
- Irmãos
- Outros parentes
- Amigos, colegas ou agregados

8) *Quantas pessoas moram na sua residência (incluindo com você)?*

- Uma pessoa Duas pessoas Três pessoas Quatro pessoas
- Cinco pessoas Seis pessoas Mais de seis pessoas

9) *Qual a sua profissão?* _____

10) *Qual a sua renda média mensal?*

- Não tem renda fixa
- Menos de um salário mínimo
- Um salário mínimo
- Entre um e dois salários mínimo
- Dois salários mínimo
- Entre dois e três salário mínimo
- Três salários mínimo

Mais de três salários mínimo

11) *Qual a sua principal fonte de renda?*

Não tem (dependente de outros) Trabalho formal Trabalho informal
 Aposentadoria Programas Sociais (ex: Bolsa Família)
 Agricultura e criação de animais

12) *Você reside em casa/roça própria?*

Sim Não

13) *Você trabalha com o cultivo da terra e a criação de animais?*

Sim Não

14) *Qual a cultura que você cultiva?*

Feijão Milho Mandioca Arroz Hortaliças Outros

15) *Qual a utilização dos produtos do seu cultivo?*

Para a alimentação sua/família Para alimentação de animais
 Para comercialização Outros

16) *Quais animais você cria?*

Bovinos Caprinos Ovinos Equinos Aves Outros

17) *Qual a serventia da criação de seus animais?*

Para consumo alimentar seu/família Para comercialização
 Como meio de transporte (caso de equinos) Outros

18) *Aonde você comercializa os excedentes da sua produção agrícola e animais?*

Não comercializa
 Na própria comunidade
 Em comunidades rurais vizinhas
 Na sede urbana de seu município (Wall Ferraz)
 Em cidades vizinhas (Ex: Oeiras e Picos)
 Em outros estados ou países

19) *Qual seu principal meio de transporte?*

Não possui Transporte coletivo Carro Moto Animais

20) *Qual o centro urbano que você mais frequenta?*

Wall Ferraz Oeiras Picos Teresina Outros

21) *Com que frequência você vai a cidade semanalmente?*

Todos os dias De 1 a 3 vezes De 4 a 6 vezes

Só nos dias de feira Nenhuma

22) *Por quais motivos você se desloca até a cidade?*

Trabalhar Estudar Passear Visitar amigos/familiares

Fazer compras Usar serviços bancários Utilizar serviço de saúde Outros

23) *Você pensa/pensou em residir em um centro urbano?*

Sim Não

24) *A chegada da eletricidade é um dos motivos que fez/faz você permanecer morando na zona rural?*

Sim Não

||
25) *Qual o principal benefício que a energia elétrica trouxe para você e a comunidade de Pau D'arco?*

\

Anexo 2**Questionário de Visita Prévia**
(levantamento de consumo mídia)

Nome: _____

Contato (se tiver): _____

Idade: _____

1) Qual (is) mídia (s) você tem em sua casa? Jornais e revistas Rádio Televisão Internet*2) Você tem o hábito de ver televisão?* Sim Não*3) A chegada da televisão modificou a sua vida/cotidiano?* Sim Não*4) Se sim, em que modificou?* a rotina os valores o comportamento (modo de se vestir, a forma de ver o mundo, o vocabulário) Outros _____*5) Então, você se sente influenciado pela televisão?* Sim Não*6) Quantas horas você passa assistindo televisão?*Diariamente: até uma de 2 a 4 mais de 4Semanalmente: entre 3 e 5 mais de 5

7) *Qual seu canal favorito?*

Globo Record Band SBT Outro Qual? _____

8) *Qual tipo de programa você mais assiste e gosta na televisão?*

Programas informativos (telejornais, programas policiais, programas de reportagens)

Programas esportivos (jogos, informativos)

Telenovelas

Programas de auditório

Programas de variedades

9) *Qual o programa de televisão que você mais assiste e mais gosta?*

10) *Qual figura pública (apresentadores, atores e atrizes, personagens, políticos) que aparecem na televisão que mais chama sua atenção?*

11) *Cite um acontecimento transmitido pela televisão que marcou você.*

12) *Quais dos assuntos mais chama sua atenção na programação televisiva?*

A política e a economia nacionais

Tragédias no Brasil e no mundo (tragédias ambientais (enchentes, deslizamentos de terra, incêndios), acidentes)

Escândalos envolvendo figuras públicas

Assuntos relacionados ao futebol (jogos, campeonatos)

Programas que tratam do rural (previsão do tempo, informações sobre agricultura, o combate à seca)

- A variedade dos programas de auditório
- As histórias das novelas e seus personagens
- Outros. Quais? _____

13) *Como você mais gosta de assistir televisão (seu programa preferido)?*

- Sozinho (a) Acompanhando (a) dos familiares Acompanhado (a) de amigos

14) *Aonde você tem o hábito de assistir televisão?*

- Em casa Na casa de familiares Na casa de vizinhos

15) *Quantos aparelhos de televisão tem sua casa?*

- Nenhum Apenas um Dois Mais de dois

16) *Qual o tipo de aparelho televisor tem em sua residência?*

- De tubo preto e branco De tubo colorido Tv de Led/Slim

17) *Qual tipo de canais você tem acesso na sua televisão?*

- Canais com programação com temática regional (sobre o estado, região e município em que vive)
- Canais com programação nacional em que trata de assuntos de todo País
- Canais com programação voltada para assuntos do eixo centro-sul do Brasil e internacional
- Outros. Quais? _____

18) *Com a chegada da televisão você tem o hábito de escutar rádio?*

- Sim Não

19) *Se sim, com que frequência?*

- Diariamente De 1 a 2 vezes por semana De 3 a 5 vezes por semana

20) *O que você mais escuta no rádio?*

- Radiojornais
- Programas de variedade
- Programas esportivos (transmissão de jogos)
- Programas religiosos (missas, cultos)
- Programas musicais
- Outros. Quais?

21) *E as que você escuta são?*

- Locais (do seu município ou de municípios vizinhos)
- Nacionais

22) *E você tem acesso à internet?*

Sim Não

23) *Se você acessa internet, aonde isso acontece?*

Na comunidade Pau D'arco Na cidade (casa de familiares/amigos, lan house)

24) *Se sim, como que frequência?*

Diariamente Algumas vezes por semana

Algumas vezes ao mês Raramente

25) *Com qual finalidade você utiliza os meios de comunicação?*

Para se distrair (para passar o tempo, ter um lazer)

Para se informar sobre os acontecimentos do mundo e ter assunto para conversar com parentes, amigos na comunidade, na escola...

Para aplicar (dicas de culinária, saúde, agricultura, meio ambiente)

Para compartilhar (fotos, vídeos, notícias e curiosidades)

26) *Se você tivesse que escolher uma mídia que você acha que é mais importante para a sua comunidade de Pau D'arco hoje, qual seria?*

Jornais e revistas Rádio Televisão Internet